空ろの箱と零のマリア6
御影瑛路
Eiji Mikage
イラスト・鉄雄
電撃文庫

"Eu amo o Daiya."
空ろの箱と零のマリア6
御影瑛路
イラスト 十鉄雄
Kokone Kirino
Uma das colegas do Kazuki: sociável e um pouco intrometida. Ela é amiga de infância do Daiya, que obteve uma "caixa".

UTSURO NO HAKO to Zero no Maria

A Caixa Vazia e a Zerésima Maria

Volume 6

Mikage Eiji
Ilustrado por: Tetsuo

Novel JP

Publicado
10 Janeiro 2013

sumário

Ilustrações

Intervalo

- Daiya Oomine - 11/09 SEX 22h00min
- Kazuki Hoshino - 11/09 SEX 22h03min

Cena 4

- Kazuki Hoshino - 11/09 SEX 22h15min
- Daiya Oomine - 11/09 SEX 22h12min
- Kazuki Hoshino - 11/09 SEX 22h31min

Cena 4

- Daiya Oomine - 11/09 SEX 22h50min
- Kazuki Hoshino - 11/09 SEX 23h02min

Cena 4

- Daiya Oomine - 11/09 SEX 23h40min
- Kazuki Hoshino - 12/09 SAB 00h00min

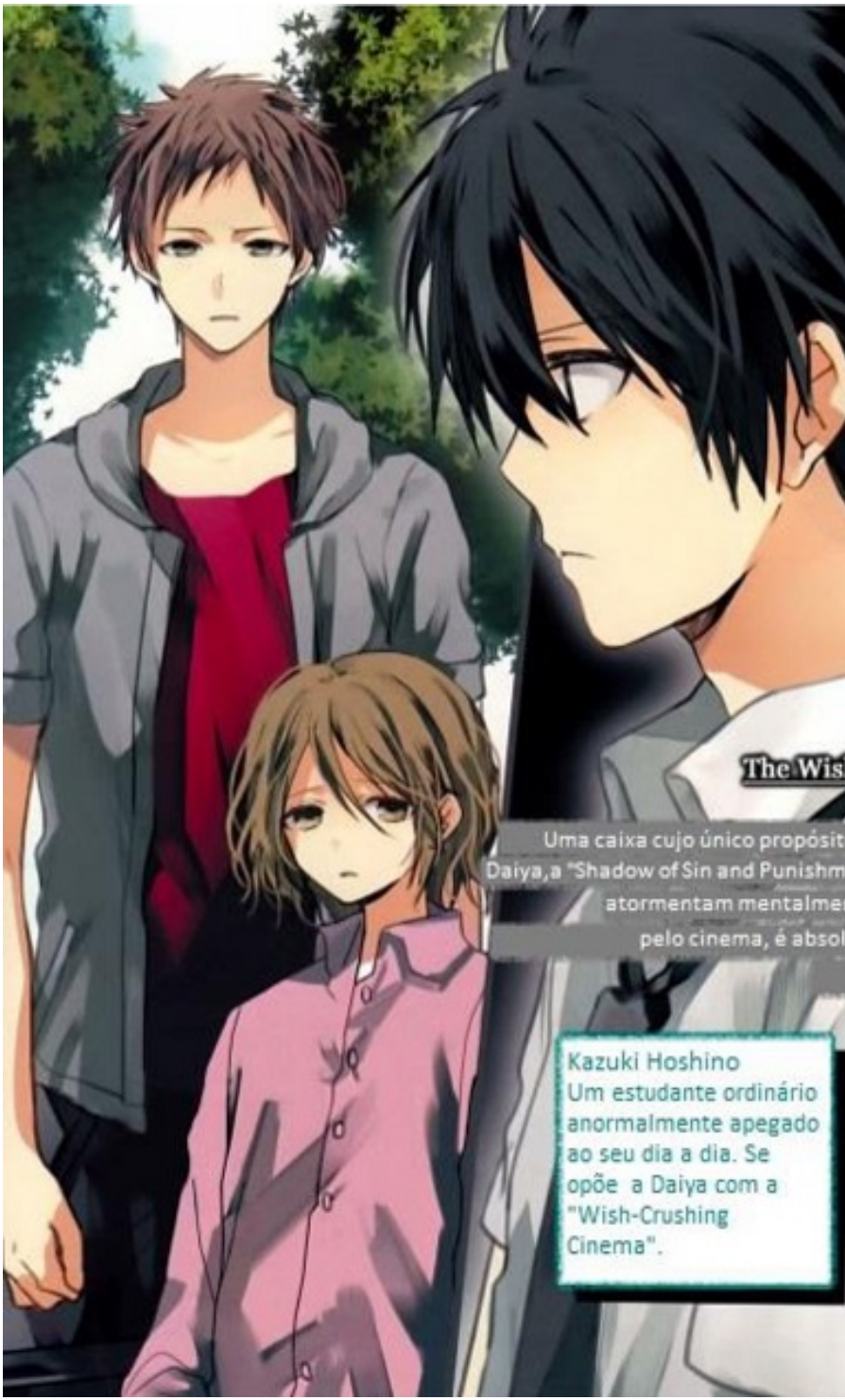
Após as Cortinas Fecharem

- Kazuki Hoshino - 24/09 SAB 12h25min
- Daiya Oomine - 24/09 SEX 10h45min

Epílogo

Notas do Autor

Autores


The Wis
Uma caixa cujo único propósit
Daiya,a "Shadow of Sin and Punishm
atormentam mentalme
pelo cinema, é absol
Kazuki Hoshino
Um estudante ordinário
anormalmente apegado
ao seu dia a dia. Se
opõe a Daiya com a
"Wish-Crushing
Cinema".

"O quê?"
"Brincadeirinha, Oomine-san! Por favor não fi
como prometi."
"Está dizendo que entregar meus planos pode
"Sim!"
"Então está dizendo que você fez um truque pa
"Sim. Não concorda que essa é a última amea
"...Sim, sem dúvidas."
"Viu só, eu te ajudei, Oomine-san!"
Aya Otonashi
A garota que se considera uma caixa. Abandonou seu nome por "Aya" para se desapegar do Kazuki.

Meus olhos recobram o foco e se fixam em un
único ponto.
"Me sinto como se fizesse tanto tempo".
Kazuki Hoshino chegou. Eu luto contra a
apatia do Cinema e me levanto.
"Sim, também me sinto dessa forma." Kazu res
sorrindo.
Ele está segugando uma caixa de plástico lisa,
fico mais intrigado com a condição da sua mã
direita, que também é uma arma poderosa.

"Porque me lembrei que
eu desisti de você."
Kasumi Mogi
Uma garota que tenta se manter positiva, mesmo após o acidente. Foi uma vez o objeto do amor não correspondido de Kazuki, mas desde então as coisas mudaram.
Designed by Toru Suzuki

Intermission

Daiya Oomine - 11/09 SEX 22h00min

A irmã mais velha de Maria Otonashi, Aya Otonashi, está morta. Pelo menos é o que dizem os registros.

Descobri isso antes dos eventos do “Game of Idleness”. Estive investigando algumas coisas sobre o passado de Maria Otonashi, esperando melhorar meu controle sobre minha “caixa”.

Maria Otonashi.

Ela é a segunda filha de um executivo de alto escalão que trabalhava para uma grande firma de finanças. A casa em que ela vivia com sua família — seu pai, Michishige, sua mãe, Yukari, e sua irmã, Aya — era parte de um bairro nobre no distrito de Hyougo. A diferença de idade entre seus pais era grande: quando Maria tinha quatorze anos, seu pai já estava em seus sessenta, enquanto a mãe tinha apenas trinta e cinco. Além disso, a mãe de Maria era a terceira esposa de Michishige.

Claramente, a situação familiar da Maria era um tanto… complicada. Isso também se aplica a sua relação com a irmã, Aya. A mãe biológica de Aya era a esposa anterior de Michishige. Para piorar, Aya era apenas três meses mais velha que Maria, portanto, as duas estavam no mesmo ano escolar. Para evitar chamar atenção alheia para isso, Michishige mandou as duas para diferentes escolas durante o ensino fundamental.

De acordo com minhas fontes, as duas garotas eram totalmente opostas. Aya, a irmã mais velha, se destacava completamente. Ela era incrivelmente brilhante e atlética, sem falar de sua popularidade. Ninguém ficava surpreso quando ela assumia posições proeminentes como a de presidente do conselho estudantil; todos os alunos sabiam o seu nome.

Sua irmã mais nova, Maria, por outro lado, era quieta e reservada. Aparentemente, sua incapacidade de se defender fez com que ela fosse bastante provocada durante os primeiros anos do fundamental. Deve ser por isso que ela reclamava frequentemente de dores de cabeça ou de estômago, o que permitia que ficasse em casa ou se trancasse na enfermaria, evitando as aulas. Não é preciso dizer que suas notas deixavam muito a desejar.

Contudo, a verdadeira aluna problemática não era Maria, que não se abria com ninguém e estava ausente com frequência, mas Aya, que parecia ser a aluna perfeita. Às vezes, um estudante muito talentoso pode ser uma fonte de problemas, especialmente se ele estiver completamente ciente de seus talentos e os demonstrar despreocupadamente.

Aya possuía mais talento acadêmico que seus professores e não hesitava em corrigir seus erros. Quando havia casos de bullying em sua sala, ela lidava com o

problema muito mais efetivamente do que qualquer professor poderia. Quando havia discussões com o professor em sala, ela sozinha o subjugava, embora o professor fosse quem devesse ter a última palavra.

Aya rapidamente provou que era muito mais perspicaz que seus professores, e a diferença de habilidade era tão visível que até mesmo seus colegas estavam cientes disso. De forma alguma eles respeitariam professores tão incompetentes. Aya desbancou profundamente a autoridade de todo o corpo de funcionários, eventualmente resultando em um comportamento desobediente por parte de seus colegas. A condição deles se deteriorou — não de uma hora para a outra, mas de uma forma gradual que não seria percebida até que alguns incidentes sérios ocorressem.

Por exemplo, alguns de seus colegas começaram a se automutilar e tentaram suicídio. Três professores perderam seus empregos por terem entrado em contato com Aya. Um se tornou incendiário, um atacou um estudante e outro se apaixonou por Aya e começou a persegui-la.

Apesar de suas personalidades opostas e mães diferentes, Aya e Maria pareciam se dar bem. Elas frequentemente eram vistas conversando pelo telefone ou passando o tempo juntas nos fins de semana, de mãos dadas. Uma colega de Aya que as acompanhava de vez em quando me disse isto:

— Elas eram próximas demais! Mais do que irmãs ou amigas… gêmeas? Não, isso ainda não parece certo. Acho que a palavra mais adequada seria… amantes?

Minha investigação falhou em encontrar qualquer lado negro na relação delas. Considerando a “complexidade” do ambiente familiar de Maria, eu me deparei com pouquíssimos problemas. Também não houve incidentes registrados envolvendo a mãe de Aya (de quem Michishige se divorciou depois que Maria nasceu), porque ela recebeu uma generosa pensão. Aparentemente, Michishige estava completamente ciente de sua situação familiar pouco convencional e lidou com isso de forma apropriada.

É claro, meu conhecimento é limitado ao que pode ser descoberto lendo registros e por meio de testemunhos de terceiros. É impossível descobrir os detalhes sobre o que aconteceu entre eles sem ter realmente me envolvido. Contudo, é definitivamente verdade que não havia nenhuma crise familiar óbvia, como era o caso de Ryuu Miyasaki e Riko Asami.

Porém, a família Otonashi não existe mais.

Todos exceto Maria morreram em um acidente de trânsito.

Os detalhes daquele acidente permanecem obscuros, já que não houve testemunhas; foi uma colisão frontal entre dois carros, e o motorista do outro veículo morreu na hora. Fora Maria, que ficara em casa, todos eles morreram. Isso é um fato imutável.

Maria Otonashi estava sozinha. Incapaz de se abrir com ninguém de fora de sua família falecida, Maria Otonashi estava sozinha no mais verdadeiro sentido da palavra.

Depois que os assuntos sobre os bens de seus pais foram resolvidos e a custódia de Maria foi passada ao irmão mais novo de Michishige, Kyohiko, Maria desapareceu sem deixar rastros.

Isso é praticamente tudo que consegui descobrir sobre Maria Otonashi. Não sei como ela entrou em contato com o milagre das “caixas” depois daquilo nem o que a fez querer se tornar um ser que garante desejos e o que a permitiu adquirir a “Flawed Bliss”.

Dito isso, tem de haver alguma ligação com a perda de sua família. Suas mortes transformaram Maria e instalaram um desejo anormal de auto sacrifício em seu coração, indiretamente dando vida à pessoa transcendental que ela é hoje.

Curiosamente, ela recebeu a oportunidade de se reinventar. Graças às repetições da “Rejecting Classroom”, ela teve todo o tempo do mundo para fazer isso. Ela evoluiu para uma cópia de Aya, de certa forma, talvez achando que, ao se tornar sua irmã perfeita, poderia cumprir seu novo objetivo.

Ah, munido de todas essas informações, eu deveria ter entendido a verdadeira natureza de “O” muito antes… Não, não exatamente. Ligar “O” a algo tão mundano quanto à família dela foi difícil por outras razões.

Quanto mais você entende o sobrenatural, mais ele perde seu mistério. A menos que você acredite cegamente nele e abandone todas as formas de compreendê-lo, você será incapaz de dominar a “caixa”. Você não deve buscar sentido no misterioso.

No entanto, o ato de renunciar ao pensamento profundo é exatamente a coisa que eu mais odeio. Essa condição contradiz o meu “desejo”, então simplesmente não há como eu atendê-la. Já que isso me impede de dominar minha “caixa”, eu precisei estabelecer uma série de restrições à capacidade dela. Mas, graças a essas restrições, fui capaz de obter uma “caixa” com a qual posso realmente lidar — a “Shadow of Sin and Punishment”.

Compreender “O” era apenas questão de tempo.

“O”.

Durante todo esse tempo, era apenas a letra inicial de “Otonashi”. E levando em consideração que Otonashi usa o nome de sua irmã, tenho certeza de que a interpretação correta dessa letra é a seguinte:

“O” é a abreviação de…

— Aya Otonashi.

Otonashi, Yuuri Yanagi e eu ainda estamos dentro da “Wish-Crushing Cinema”,

a “caixa” que consiste em um cinema carmesim. O cinema é tão insanamente estéril que parece ter sido designado unicamente para eliminar seres sujos, e eu sinto sua constante pressão. Ela continua arranhando minha determinação e lentamente esmagando minha “caixa”.

Enquanto resisto à pressão, estou pensando em uma questão em particular.

…É estranho.

Olho ao redor. Estamos em um corredor vermelho completamente livre de pó que forma um círculo perfeito, conectando as quatro salas de exibição. Diante de nós está o hall de entrada. Um painel de informação digital está mostrando a mensagem “O filme Repetir, Recomeçar, Recomeçar terminou”.

Até agora, fui forçado a assistir três filmes:

“Close-Up e Adeus”

“60 Pés e 6 Polegadas de Distância”

“Repetir, Recomeçar, Recomeçar”

Cada um deles focados em várias partes do meu passado, vistos das perspectivas de Miyuki Karino, Haruaki Usui e Maria Otonashi, respectivamente. É uma brilhante apresentação dos meus pecados feita com a intenção de me desgastar, por assim dizer. Dado o número de salas nesse complexo, obviamente há um filme restando.

Seu título é “Piercing aos Quinze” e está programado para ser exibido das 22h30min até às 24h00min. Minha derrota está praticamente garantida, a menos que eu consiga resolver tudo até meia noite.

Mas é estranho. Eu achei que esse duelo já havia terminado.

— Oomine, por que essa cara?

Alguém me perguntou isso por causa da expressão em meu rosto.

Maria Otonashi.

…Não. Ela não é mais aquela garota tímida e reservada; não devo chamá-la por esse nome.

— Aya. Tenho uma pergunta — tento usar esse nome, e de alguma forma parece estranhamente adequado.

Ah, não é de se estranhar. Quando a conheci dentro do “Rejecting Classroom”, ela não era ninguém senão “Aya Otonashi”. A garota diante de mim agora é a personalidade criada durante aquelas infinitas repetições em que ela perseguiu seu ideal, “Aya Otonashi”.

Estava além do meu poder chamá-la de Maria quando estávamos presos naquelas repetições inacabáveis. Em primeiro lugar, Maria é um nome falso que deveria ter desaparecido completamente; ela o mencionou somente por capricho. Nenhuma pessoa chamada “Maria Otonashi” jamais existiu, nem Aya jamais teve a

intenção de permitir que tal pessoa existisse.

O feito milagroso de superar essa intenção foi algo que apenas o Kazu pôde realizar, como uma das poucas pessoas que podia manter suas memórias durante as repetições. De certa forma, Kazu atrapalhou os planos de Aya Otonashi e mudou o destino.

Eu, por outro lado, não pude fazer tal milagre. Era impossível para mim me lembrar do nome “Maria” durante aquelas repetições. Portanto, ela é e continuará sendo “Aya Otonashi” para mim, mesmo que ela tenha emprestado esse nome de sua irmã mais velha.

Sem demonstrar qualquer reação especial em relação à forma como me dirigi a ela, ela responde:

— Qual a sua pergunta?

Coloco em palavras o motivo desse sentimento de que algo está errado:

— Por que a “Wish-Crushing Cinema” ainda não terminou?

Aya ergue uma sobrancelha.

— Do que você está falando? É porque o Hoshino não a destruiu ainda, isso é bem simples.

— Você não entende aonde quero chegar? Estou perguntando por que ele ainda não fez isso. A determinação dele foi destruída no momento em que você abandonou sua identidade como Maria Otonashi. Ele não deveria naturalmente desistir dessa luta? Por que a “Wish-Crushing Cinema” continua intacta?

Certo, a presença de Aya Otonashi aqui indica que a luta deveria ter acabado. Porque isso significa que o cenário de absoluto desespero para o Kazu veio à tona. Mas por que ainda estamos aqui então? Por que ele não desistiu?

— Parece que você ainda não entendeu nada, Oomine. Você não faz ideia do verdadeiro calibre do Hoshino.

— Do que você está falando?

— Simplesmente quero dizer que a determinação dele ainda não foi destruída. — Ela diz sem mover um músculo.

— Hã?

O que isso deveria significar?

O objetivo do Kazu é garantir um cotidiano livre de “caixas” para Maria Otonashi. Isso obviamente não é mais possível, já que Aya decidiu eliminar “Maria Otonashi” de uma vez por todas ao entrar no “Cinema”. O objetivo do Kazu se tornou impossível; ele deveria saber disso melhor do que qualquer um.

E, mesmo assim, sua determinação está inteira?

— Então… você quer dizer que… ele ainda acha que pode te resgatar?

— Exato. Aquele garoto não é normal. Ele não desiste desde que tenha um objetivo, seja ele possível ou não. Estou começando a achar que ele é incapaz de desistir.

Incapaz de desistir…? Isso é absurdo. Mas, como prova, a “Wish-Crushing Cinema” ainda não terminou. Além disso, não acho que Aya se enganaria sobre a natureza do Kazu. Em outras palavras, ela está certa. O que significa que…

— …Ah, merda!

O foco dessa batalha sempre foi destruir a determinação dele. Kazu não é mais capaz de alcançar seu objetivo agora que Aya fez sua escolha. Ele definitivamente perdeu. Estou convencido disso, não importa o que ele pensa.

Contudo, sua derrota não significa que serei vitorioso. Se eu não fizer algo, nós dois seremos derrotados. Se a determinação dele não falhar e essa “caixa” não for destruída, terei que assistir ao quarto filme, Piercing aos Quinze. Depois disso, minha “caixa” será destruída eu querendo ou não e, se isso acontecer, minha tentativa de transformar o mundo em um lugar mais ético ao produzir “Cães Humanos” será desperdiçada.

Da forma que as coisas estão agora, também serei derrotado. Como as coisas acabaram assim? Tudo foi de acordo com o plano. Eu até mesmo fui capaz de impedir o Cavalo de Tróia dele, Yuuri Yanagi, e trazer Aya Otonashi até aqui. Mesmo assim, cheguei a um beco sem saída. Embora não tenha perdido, estou encurralado… O que diabos é aquele cara? Um boxeador invencível ou algo do tipo? Estou começando a entender por que “O” disse que não posso derrotar o Kazu.

— Otonashi-san — Yuuri Yanagi repentinamente quebra seu silêncio para falar com Aya.

Decido ouvir, para o caso de seu comentário poder me levar a uma solução para o meu dilema atual.

— Nos últimos minutos, você parou de chamar o Kazuki-kun pelo primeiro nome, não foi?

Apesar de ter prendido minha atenção, tudo o que ela tem a oferecer é pura bobagem. Isso realmente mexe comigo, de um jeito ruim.

— E o que você tem a ver com isso, vadia? Precisa confirmar se o Kazu está disponível agora que ele e a Aya se separaram? Você é um incômodo, então cale a boca.

— Quêêê?! Por que essa linguagem abusiva?! Isso é maldade! Além disso, vocês não estão ignorando a minha existência completamente já há um bom tempo?!

— É claro, seu tempo sob os holofotes terminou. Aya já é inimiga do Kazu, então seu valor despencou. Seja uma boa múmia e fique quieta, ou você apenas nos arrastará para a tumba junto com você.

— E-eu não tenho nem permissão para falar?!

Eu a ignoro, já que qualquer resposta seria um completo desperdício do meu tempo. Apesar disso, ela está certa, Aya mudou a forma de se referir ao Kazu. Provavelmente, agora que são inimigos, ela não pode mais se referir a ele de forma tão próxima.

Inimigos.

Inimigos…

— A propósito, Aya, deixe-me ver se entendi: Posso contar com a sua ajuda? Kazu não te deixará em paz enquanto a determinação dele continuar inteira, então você também precisa derrotá-lo.

— Sim, você pode. Não posso simplesmente ignorar Kazuki Hoshino. Ele pode não estar armado, mas não posso abaixar minha guarda. Ainda o considero o maior obstáculo entre mim e meu objetivo.

— Acho que sim. Então, acho que é uma boa ideia unirmos forças até que tenhamos lidado com ele. O que você me diz?

Aya se mantém em silêncio por um momento, mas acaba falando:

— Eu detesto essa sua “caixa”, a “Shadow of Sin and Punishment”. Sua aproximação consiste em sacrificar pessoas, o que vai contra os meus princípios. Mesmo eu que concorde que somos parecidos, jamais concordarei com os seus meios.

— …Então você não tem qualquer intenção de cooperar comigo?

Nesse caso, minhas mãos estão atadas. Kazu ainda não desistiu, apesar da situação em que está. Se há alguma maneira de destruir a determinação dele, Aya tem que estar envolvida de alguma forma.

— Não. Eu vou te ajudar.

Não é nenhuma surpresa que eu esteja aliviado ao ouvi-la dizer isso.

— Esmagá-lo definitivamente está no topo da minha lista... O que quero dizer é que não sinto qualquer obrigação de te ajudar… estou fazendo-o apenas por meus próprios objetivos. Por exemplo, você está preso a um tempo limite, mas eu não. Essa diferença pode acabar te ferindo.

— O mesmo vale para mim. Irei traí-la se necessário.

— Ótimo.

— Muito bem, então, por onde começamos? Não consigo encontrar nenhuma maneira óbvia de acabar com a vontade de lutar dele, mas você consegue, certo? Diga-me: Qual a maneira mais efetiva de atacar o Kazu?

Aya fica em silêncio.

Estou fazendo essa pergunta por duas razões. Primeiro, ela pode realmente ter uma ideia que eu ainda não tive, já que conhece o Kazu tão bem. O outro motivo é que quero confirmar se ela realmente o abandonou por completo.

Mesmo estando certo de que ela cortou todos os laços com ele, me lembro da profundidade do relacionamento deles. Não me surpreenderia se seus sentimentos pelo Kazu ainda estivessem presentes em algum nível. Ela pode propor um plano meia-boca porque, no fundo, ela ainda está apegada a ele. Se esse for o caso, ela será um apenas um fardo como parceira, e será melhor eu apenas tirar vantagem dela o máximo que puder e mantê-la afastada do Kazu.

Contudo, a resposta da Aya é:

— Eu só preciso me esquecer do Hoshino.

É uma resposta que apaga qualquer traço do apego ao Kazu que eu temia que ela ainda pudesse ter.

— Posso facilmente me esquecer dele se usar minha “Flawed Bliss” em um de seus amigos. Não restará nada do que eu e ele construímos naquele mundo repetitivo. Isso é tudo o que precisamos fazer.

Esse plano vai…

Esse plano vai dar certo.

Kazu apenas não desistiu —, e ainda possui esperanças —, porque sabe que é especial para Aya. Mas, se colocarmos de outra forma, isso é tudo o que ele tem; sem isso, ele não terá mais nenhum raio de esperança. Então, eles apenas precisam se tornar estranhos. Os laços especiais que eles possuem apenas precisam desaparecer.

Contudo…

— Mas Aya…

A sugestão dela faz minhas mãos tremerem. Como ela pode dizer algo assim sem nem sequer hesitar? Ele e Aya eram um time; eles dependiam um do outro e tinham laços indestrutíveis. Ligações profundas que os transformaram em pessoas completamente diferentes. Mesmo assim, Aya Otonashi está propondo jogar esses laços fora sem nem pensar duas vezes.

— Aya, você realmente está bem com isso? — pergunto bruscamente, mas a resposta é óbvia.

Ela está. De outra forma, ela não proporia algo assim, para começo de conversa. Uma super-humana como Aya não sente nada, mesmo que tenha que esquecer sobre o Kazu. Não há comparação entre mim e uma super-humana como ela.

Contudo:

— Não estou.

— …O quê?

Congelo. Não esperava por isso. Não teria ficado surpreso se ela dissesse que não se importa, mas não esperava por isso.

— É claro que não estou bem com isso. Se estivesse, não teria tentado ficar com o Hoshino por tanto tempo. Eu estaria mentindo se me recusasse a admitir o quão importante ele é para mim. Enquanto negar isso, não posso me opor a ele.

Aya claramente está dizendo que esquecer sobre Kazuki Hoshino a fere. Mas isso não faz sentido!

— Mas então…

Como ela pode fazer uma proposta dessas? Uma proposta assim, que atropela completamente seus próprios sentimentos.

— Não importa o que o Hoshino significa para mim.

— …Por quê?

— Porque meus sentimentos não vão interferir com os meus planos.

Prendo minha respiração, Aya está falando com convicção absoluta.

— Não me importarei com sentimentos que ficarem no caminho dos meus objetivos. Minha mente não é tão fraca. Minha determinação não irá falhar por causa dos meus sentimentos.

Vendo-a agindo de forma tão transcendental Como ela pode examinar seus próprios sentimentos de uma perspectiva completamente imparcial... uma coisa fica evidente:

Ela está falando a verdade.

— Não sou humana. Sou um ser que garante desejos. Em outras palavras, uma “caixa”.

É claro, isso é apenas uma figura de linguagem; Aya é inegavelmente humana. Ela só está dizendo que vive sua vida com uma resolução desumana. E ela realmente vive dessa forma. Para Aya, o único significado de sua vida é alcançar seus objetivos. Ela não deixa seus sentimentos ou desejos interferirem nesses objetivos de forma alguma, nem mesmo pelo seu amigo mais querido ou para evitar sua própria morte.

…Máquina… Fantoche… “Caixa”.

Eu também aspirava tal perfeição. Eu também buscava criar um mundo perfeito. Mas, depois de ver como ela ultrapassa os limites da humanidade, posso realmente me imaginar no nível dela?

…

…

…

… Impossível.

Seria mais fácil de tolerar se ela tivesse dito que estava tudo bem em esquecer o Kazu, pois isso é algo que até eu poderia fazer ao endurecer meu coração. Mas não é isso. Mesmo experimentando sentimentos tão extremos, Aya Otonashi pode perfeitamente continuar perseguindo seus objetivos.

Não posso fazer isso.

Impossível.

No fim das contas, sou só um humano.

Pior ainda, eu sou…

Repentinamente, as “Sombras do Pecado” dentro de mim começam a entrar em fúria.

— Argh!

Pior ainda… posso perder minha habilidade de resistir à dor causada pelas “Sombras do Pecado”, mesmo que eu tenha aceitado essa dor para poder [controlar] os outros. As “Sombras do Pecado” guincham e atacam sempre que deixo uma abertura. E estão ficando piores.

Cerro os dentes. Aah, droga! Sinto como se projéteis estivessem correndo por minhas veias. Por que essa dor auto infligida machuca tanto? Minha “Shadow of Sin and Punishment” irá quebrar depois que eu ver o próximo filme? …Haha, sequer posso durar até o filme começar? Talvez eu esteja arruinado antes mesmo disso. A dor é insuportável; aguardar pela minha ruína inevitável é igualmente insuportável.

Por que sou medíocre até a alma? Por que nasci como uma pessoa normal, incapaz de realizar milagres? Toco meus piercings. Eu quero mudar. Não quero voltar a ser o tolo que costumava ser. Quero continuar resistindo a esse mundo esquecido por Deus.

Mas,

Mas,

Mas, na verdade…

Luz. Trevas. Oceano. Mundo. Hotel. Útero. Mãos dadas. Lágrimas. Vitória. Mundo. Pele. Frio. Frio. Luva de apanhador em minha mão esquerda. Dormência. Diferença de talento. Inveja. Sonho. Confissão. Ansiedade. Cigarros. Queimaduras. Calafrios. Medo. Ódio. Ódio. Ódio. Ódio. Ódio. Ódio. Ódio. Pecado. Punição. Justiça. Pecado por justiça. Piercing.

Toco meus piercings novamente, com a respiração acelerada. Quando foi que

furei um buraco em minha orelha? Esse pensamento me força a lembrar da pessoa que mais odeio. Miyuki Karino.

Rino era incapaz de se arrepender do que fez. Ela não percebia que tinha feito algo errado. Eu precisava deixar aquilo claro para ela. Eu não podia esperar para ensinar uma lição a ela, pelo que ela fez à Kiri; aquela era a única maneira de eu aceitar a injustiça desse mundo.

Foi por isso que agi daquela forma. Decidi não a perdoar até que ela mostrasse arrependimento. Mas Rino não estava ciente de sua culpa; ela só pôde oferecer pedidos superficiais de desculpas. Por causa disso, não pude perdoá-la, nem tenho a intenção de fazê-lo. “Por favor me diga o que preciso fazer!” Por que você não pode pensar em algo você mesma? “Eu te amo. Fiz o que fiz porque sempre te amei, Dai-chan.” Pare de zoar comigo. Está tentando fazer com que eu sinta pena de você? Não, você não está, não é mesmo? Você está me culpando. Eu sou aquilo que faz a Kiri sofrer, é isso que você está tentando me dizer, seu pedaço de merda. Antes que eu percebesse, estava batendo na Rino. Não pude acreditar no que estava fazendo. Atacar uma amiga de infância não parecia real. Recorrer à violência fez minha mente se separar da realidade. Embora eu pudesse sentir a violência que estava cometendo, era como se estivesse fora do meu corpo. Aquele cara batendo na Rino não era eu, era um estranho dentro de mim que tomou o controle do meu corpo. “Me desculpa, me desculpa, me desculpa!” Você não pede desculpa para alguém que está te machucando, droga!

Nada estava resolvido.

Nada estava resolvido.

Não havia solução para nada.

Eu era completamente incapaz sem uma “caixa”.

Eu sei. Estou perfeitamente ciente do pesadelo que a Rino viveu naquele hotel. Sei como a Rino se sente sobre mim. Sei que ela tem vários pontos positivos: ela é animada, sociável, atenciosa, simpática e fica feliz com coisas boas e triste com coisas ruins. Sei que ela não é uma má pessoa. Mesmo assim, não posso perdoá-la. Não posso. Não posso perdoá-la.

Foi por isso que houve um conflito. Embora atacar ela tenha sido um anátema, eu precisava fazê-lo. Consequentemente, fraturei minha percepção mental da Rino e eliminei a parte que causou o conflito. Eu esqueci que fomos amigos desde a infância.

E então, eu a encurralei. Tingi meu cabelo e coloquei um piercing. Queria me tornar uma pessoa diferente do antigo “Daiya Oomine”. Se minha sociabilidade tinha sido a razão do que aconteceu com a Kiri, eu queria destruí-la.

Não preciso que ninguém me diga que não sou especial. Não posso ser igual à Aya Otonashi. A única coisa que me distingue de uma pessoa qualquer é que eu vejo as coisas de um ponto de vista mais abstrato.

E está tudo bem.

…Está tudo perfeitamente bem.

Finalmente consigo empurrar as “Sombras do Pecado” de volta e recupero o meu controle.

— Qual o problema Oomine?

— Vo-você está bem?

Aya e Yanagi estão falando comigo.

— …Não é nada.

…Droga, por que estou tão nervoso?

Posso ainda ter fraquezas, mas não há necessidade de ser tão pessimista. Se eu não puder lidar com meus sentimentos, posso apenas suprimi-los e continuar ignorando-os. Não preciso confrontá-los cara a cara como a Aya faz. Sempre soube como evitar minhas emoções, e, graças a isso, sou capaz de pensar racionalmente. Isso é uma grande arma.

Eu deveria ter orgulho das minhas qualidades. Após me controlar, volto a falar:

— Aya. Voltando a sua proposta, concordo que devemos usar a “Flawed Bliss” para derrotar o Kazu. Você já tem algum plano específico?

— Não, ainda não. Afinal de contas, acabei de ter essa ideia.

Como imaginei. Aya Otonashi é surpreendentemente fraca quando se trata de pensar em planos que envolvem manipulação. Seus princípios corretos têm um impacto em sua habilidade de iniciar ataques diretos. É, até mesmo Aya tem fraquezas; por que me preocupar em comparar minhas forças com as dela?

— Posso pedir para você compartilhar seus pensamentos, Oomine?

— Tenho certeza que fazer você perder suas memórias será efetivo. Mas não há sentido a menos que ele tome conhecimento disso, certo?

— Ele descobriria rápido o bastante mesmo que nós não fizéssemos isso, certo?

— Rápido o bastante para você, talvez, mas eu não tenho tempo. Preciso confrontá-lo diretamente com sua perda de memória.

— Hmm, é justo. Em outras palavras…

— Sim, temos que usar a “Flawed Bliss” bem diante dos olhos dele.

— Mesmo que seja possível entrar em uma “caixa”, é impossível sair. Como estou aqui agora, isso significa que precisaremos…

— Chamá-lo para dentro da “Wish-Crushing Cinema”. — eu digo, completando sua sentença.

Esse é o pré-requisito para destruir a determinação do Kazu.

— Mas como fazemos isso? É muito mais fácil para nosso inimigo apenas se esconder em algum lugar seguro e esperar que sua “caixa” seja destruída.

Hoshino só precisa esperar por mais umas duas horas. Não acho que ele arriscaria vir até aqui.

— Isso não seria um problema se usássemos minha “Shadow of Sin and Punishment”.

— Além disso, em quem você planeja usar a “Flawed Bliss”, Oomine?

— Depende do que o Kazu fará seguir, mas agora nós três somos os únicos aqui. O que significa que há apenas uma candidata real. — eu digo, olhando para a Yanagi.

— Hã?

—Ótimas notícias, não é, Yanagi? Você acaba de ganhar um novo papel e recuperou algum valor!

— Eh? Hã? Ah… — ela murmura, ficando pálida ao perceber aonde quero chegar. Aya se coloca entre mim e Yanagi, assumindo uma postura defensiva.

— …Desculpe, mas não tenho intenção de usar minha “Flawed Bliss” em ninguém que não esteja buscando minha ajuda. Nem que isso seja necessário para derrotar o Hoshino.

Entendo. Suas regras continuam as mesmas mesmo quando ela está decidida... ela não prioriza a eficiência a evitar usar alguém?

…Não, de certo modo, isso era esperado. Se ela agisse de outra forma, seria uma contradição ao seu objetivo de tornar todos felizes.

— Muito bem. Acho que terei que encontrar outra pessoa então.

Imediatamente percebo que ela não irá desistir, então, uso algumas palavras vazias para resolver esse problema por hora. Aya assente levemente. Ela parece estar satisfeita. Para ser honesto, é brincadeira de criança fazer a Yanagi pedir ajuda, uma vez que absorvi a “Sombra do Pecado” dela. Ela sofreu feridas profundas durante o “Game of Idleness”; já que o pecado dela é pior do que os da maioria das pessoas, apenas jogar um pouco de sal naquela ferida deve bastar.

É claro, Yanagi não é a única candidata. Posso usar qualquer um dos amigos do Kazu para fazer Aya perder as memórias dele. Contudo, não posso cegamente torcer para que alguém apareça. Yanagi é necessária, já que precisamos de um sacrifício garantido. Após chegar a essa conclusão, volto minha atenção a nossa discussão.

— Traremos o Kazu para a “Wish-Crushing Cinema” antes do último filme acabar e então usaremos a “Flawed Bliss” em um dos amigos dele diante de seus próprios olhos. Agora, como vamos fazer isso?

— Sim. Você disse que fazer isso não seria difícil; poderia elaborar?

— Como proceder sobre isso, hmm…

Que tal ameaçar matar a Aya se ele não abandonar o “Cinema”? Não sei se essa ameaça é crível ou não, mas Kazu provavelmente obedecerá se a Aya

estiver envolvida, mesmo que seja uma ameaça mal-feita.

Então posso usar a “Shadow of Sin and Punishment” para comunicar essa ameaça a ele? Isso pode funcionar, mas pode ser surpreendentemente difícil alcançá-lo no pouco tempo que temos restando. Caramba, se eu tivesse a ajuda de “O” isso não seria probl...

…Você tem um desejo?

…Não, espere. Estou me esquecendo de algo importante. Em primeiro lugar, como o Kazu obteve a “Wish-Crushing Cinema”? Ele obviamente recebeu sua “caixa” de “O”. Ele pediu ajuda à “O” para me derrotar. “O” está do lado do Kazu, não do meu. Tenho certeza que “O” deu a ele uma “caixa”. A menos que eles tenham se tornado inimigos desde então, preciso levar em conta a possibilidade de eles estarem cooperando.

Vamos supor que eu execute meu plano de ameaçar matar a Aya. Mesmo que eu consiga comunicar minha ameaça, não é possível que “O” revele que é apenas um blefe se ela não gostar do rumo que as coisas estiverem tomando? Posso ignorar essa possibilidade?

Não, não posso. Esse cenário é perfeitamente plausível. Portanto, também preciso enganar “O”. “O” não é completamente onisciente, mas ela parece estar ciente de quase tudo que acontece. Se eu contar meu plano, há chances de que “O” fique sabendo sobre ele. Contudo, “O” não pode ler mentes. Posso esconder minhas intenções se me mantiver em silêncio sobre elas, ela não é diferente de um humano nesse quesito.

Em outras palavras, tenho que fazer o Kazu vir aqui por vontade própria enquanto faço “O” acreditar que as coisas estão indo bem para o Kazu e escondo meu plano verdadeiro de Aya.

…Mas que merda? Isso é ridiculamente complicado.

— Oomine, você ficou em silêncio. Está tendo problemas em pensar em um plano?

Olho para o rosto de Aya. Inexpressiva. Um rosto que esconde seus sentimentos. De repente, algumas falas de Repetir, Recomeçar, Recomeçar vêm a minha mente.

— Eu sei o fim que leva um “desejo” desses. Ele leva à...

…Ruína.

— Mas o que eu faria se você descobrisse sobre as “caixas” e conseguisse uma mesmo assim? Eu não a tomaria de você. Eu enfrentaria qualquer outro “portador”, mas não conseguiria enfrentá-lo.

— Talvez eu me alie a você de novo… não, isso está fora de questão. Eu não cooperaria com você. Nem tentaria interferir de qualquer forma. Nossos objetivos apenas possuem a mesma direção por coincidência. Nós nunca deveríamos ter

nos tornado parceiros. Sim, na realidade, nós somos…

— Almas gêmeas, eu acho.

— Que nostálgico. — murmuro sem pensar, e imediatamente me arrependo de fazê-lo.

Essas súbitas memórias do que ela me disse naquele filme… não, durante uma daquelas intermináveis repetições, estão me confundindo.

…O que “Aya Otonashi” é para mim?

Para Kazu, “Aya Otonashi” é um inimigo. Ele quer trazer Aya — não, nesse contexto devo chamá-la de Maria — para o seu cotidiano, e como “Aya Otonashi” é a razão de Maria chamar a si mesma de “caixa” e ter desistido de ser humana, ela representa o maior obstáculo para o objetivo dele.

Contudo, para mim é exatamente o contrário. Não quero que ela seja “Maria Otonashi”.

...

Não quero?

Por quê?

Porque o objetivo de Aya e o meu são similares? Porque estamos cooperando? Porque também estávamos cooperando dentro da “Rejecting Classroom”?… Sinto que ainda estou deixando escapar algo. Nenhuma dessas possibilidades parece correta.

Minha dependência dela é mais fundamental que isso, o que significa que deve estar relacionada ao meu objetivo. Não há necessidade de eu próprio cumpra meu objetivo. Em um futuro próximo, quebrarei sob o fardo dos meus pecados, e não terei alcançado minha meta quando isso acontecer. Não me importo, desde que haja alguém que, como a Shindou, suporte meu objetivo, e que o mundo eventualmente mude para melhor. Não me importo se morrer odiado por todos e tratado como lixo.

Mas, nesse caso…

Aah… entendi. Já sei o que Aya Otonashi significa para mim.

Aya Otonashi é minha fonte de esperança.

Se ela conseguir realizar seu desejo de um mundo onde todos são felizes, meu próprio objetivo terá sido alcançado também. Se o desejo dela se realizar, o meu também será realizado. A maneira como ela vive sua vida me faz acreditar que o desejo dela pode realmente se tornar realidade, embora seja muito mais difícil de alcançar do que o meu.

Sua indiferença.

Sua nobreza.

Sua conduta.

Sua integridade.

Ela é um ser tão transcendental que até meu “desejo” poderia ser salvo. Não, não apenas o meu “desejo”. Ela poderia salvar todos os “portadores”. Ela é um raio de esperança para cada “portador”. É por isso que ela tem o mesmo nome que “O”. Ela é um ser que garante os “desejos” de todas as pessoas.

Ela é um ser nobre que deve ser protegido. É por isso que não devo admitir minha derrota. Não posso perdoar Kazuki Hoshino por pisar em nossos “desejos” por um motivo tão mundano quanto querer estar com a “Maria”; por um motivo tão egoísta. Nós temos que esmagar o Kazu.

— Acabei de pensar em um plano.

Pelo bem de todos, enganarei Aya, “O” e quem mais for preciso, e atirarei o Kazu nas profundezas do desespero.

— Vamos usar Kasumi Mogi.

Kazu.

Não o deixarei recuperar a zerésima Maria.

Kazuki Hoshino - 11/09 SEX 22h03min

Como posso descrever esse sentimento paradoxal?

Nada mudou dentro de mim, mesmo assim, eu claramente mudei.

Tudo o que aconteceu foi compreender melhor a mim mesmo; li meu próprio manual, por assim dizer. Mas isso foi o bastante para mudar meu mundo. Todo meu corpo parece estar refrescado de alguma forma, como se alguém tivesse colocado mentol na minha corrente sanguínea. Minha mente fica mais clara a cada minuto, e tudo o que atrapalhava os meus pensamentos desapareceu.

A névoa que cobria o mundo está se dissipando.

Agora posso focar somente em salvar a Maria.

Essa é a mudança que ocorreu dentro de mim quando obtive a “Empty Box”.

— Uou, o que houve com aquela garota?

Essa é a primeira coisa que Haruaki diz, com o rosto pálido, depois que ele entra no túnel. Estamos embaixo de uma ferrovia elevada que corre ao longo do rio na periferia da cidade. Os olhos dele estão fixados na Iroha-san. Ela desmaiou e está apoiada em um muro coberto de pichações obscenas que não poderiam estar mais distantes do conceito de “arte de rua”.

— Nã-não me diga que você matou ela… Hoshii?

— Ela está viva!

— Ma-mas e todo esse sangue…?

Tanto o chão quanto as paredes estão manchados com um líquido vermelho, assim como as roupas e o rosto dela.

— Isso é apenas sangue artificial.

— A-artificial? Sério?

Haruaki se agacha, toca o líquido vermelho no chão e o cheira. Inicialmente, ele franze as sobrancelhas, mas percebe que estou falando a verdade e assente algumas vezes.

— É-é, não é sangue. Mas ainda assim, como isso aconteceu? Por que ela está apagada como uma lâmpada queimada?

Ele examina de perto o rosto dela e checa sua respiração e pulso. De onde estou, é difícil perceber o rosto dela, pois nossa fonte de luz é uma fraca lanterna.

O que eu fiz com a Iroha-san? Explicar isso levaria tempo demais, então decido responder apenas a primeira metade do questionamento dele.

— Daiya e Iroha-san armaram uma armadilha para eu trair a Maria na frente dela. Eu caí completamente, e agora a Maria está dentro do “Cinema”!

— Então a Maria-chan descobriu sobre a “caixa” do Daiya?

— Acho que sim.

Haruaki sabe o quão sério estou, então se levanta com o rosto franzido e me encara.

— Por que você não me chamou antes das coisas ficarem assim? Você não confia em mim o bastante para depender de mim? — pergunta ele em um tom ameaçador. A altura dele o permite ser intimidante o bastante quando tenta me pressionar dessa forma.

— Eu confio! Só não podia te chamar porque me mandaram vir sozinho. — mesmo enquanto falo, sei que esse não é o único motivo. — …Não, eu não teria te chamado mesmo se não tivessem mandado.

— Mas por quê?! — grita ele, sentindo-se frustrado por não ter estado ao meu lado quando eu precisava.

Que grande e confiável companheiro. Estou realmente feliz por termos nos tornado amigos.

— É o contrário! Estou dependendo de você.

— Hã?

— Na verdade… estive dependendo de você durante todo esse tempo…

De outra forma, eu não teria envolvido ele nisso tudo, para começo de

conversa; eu não estaria me culpando por ter contado a ele sobre as “caixas”.

— …Se-se você confia em mim, então por que você não…?

— Você estava com a Kokone, não estava? Eu queria que você continuasse protegendo ela! Você sabe o porquê, não sabe?

— Ah… — Haruaki coça a bochecha, envergonhado. — Certo… nós achamos que o Daiyan atacaria a Kiri a seguir.

— Sim, era provável que essa questão toda fosse apenas um chamariz armado pelo Daiya.

Sim. Nós tínhamos certeza de que o Daiya focaria na Kokone. Nós estávamos acreditando que a Kokone estava em maior perigo do que eu ou a Maria. Nós tínhamos um bom motivo para achar isso. Achamos que a essa altura Daiya já teria percebido que não sou o “portador” da “Wish-Crushing Cinema”, e, quando isso acontecesse, ele atacaria o “portador” antes de qualquer outro.

Nesse caso, ele teria atacado a Kokone antes da Maria. Mas ele não o fez.

— Então Daiya ainda não percebeu quem é o verdadeiro “portador”?

— É o que parece.

A “Wish-Crushing Cinema” existe com o único propósito de destruir a “caixa” do Daiya. Ele deveria ter compreendido sua natureza quando a Yuuri-san entrou no cinema, porque apenas o passado dele continuou a ser exibido. Mas por que ele não percebeu que não sou o “portador”?

Certamente não era impossível que eu tivesse obtido uma “caixa”; na verdade, eu tinha a intenção de alcançar “O” e derrotar o Daiya com uma “caixa”, na pior das hipóteses. Novamente, na pior das hipóteses, mas eu planejei isso.

Contudo, mesmo que eu tivesse obtido uma, não seria capaz de desejar algo como aquilo. Minha “caixa” jamais seria algo como a “Wish-Crushing Cinema”. Não posso escolher uma “caixa” que só salva o Daiya.

Quero dizer, uma “caixa” dessas só é possível para alguém que pensa somente no Daiya e em mais ninguém do fundo de seu coração, não é mesmo? É impossível a menos que você seja alguém com uma obsessão quase doentia em relação ao Daiya, certo?

Não tem como eu lidar com isso. Eu o considero um amigo e valorizo nossa amizade, mas meus sentimentos por ele não são fortes o bastante para me deixar cego para o resto do mundo. Não sou capaz de fazer um “desejo” que é limitado a ele e a mais ninguém.

Se ele tivesse pensado adequadamente na questão de quem é o “portador” daquela “caixa” em vez de evitar o assunto, teria percebido isso. Mas ele não conseguiu. Por quê?

Porque sua “caixa” o corrompeu.

Se ele não pode nem sequer perceber quem é o verdadeiro “portador” do

“Cinema”, está claro que os métodos do Daiya são falhos. Se ele não pode nem sequer reconhecer a pessoa que tem sentimentos tão fortes por ele, é óbvio que ele está errado. Por estar tentando congelar o seu coração, Daiya está deliberadamente mantendo essa pessoa fora de sua mente. Ele está fechando sua mente, cegando a si mesmo.

E mesmo assim, ele diz que seu objetivo final justifica tudo? Ele clama que quer corrigir o mundo mesmo que tenha que pagar com a própria vida?

— Hehe…

Hilário.

Isso é estúpido.

Uma pessoa assim jamais conseguiria realizar nada de valor. Um homem cego quer mostrar o caminho? Aposto que ele apenas acabará se perdendo, ele apenas deixará as coisas piores. E por isso ele quer tirar a Maria de mim? Quem ele acha que é?

Olho para Iroha-san, inconsciente e coberta de manchas vermelhas. Ela também estava errada. Ela também tentou tirar a Maria de mim. Por isso, ela teve o que mereceu.

Eu disse a Haruaki que Iroha-san está viva — e isso é verdade — mas eu tomei a razão de sua existência. Ela pode não ser capaz de se recuperar, como sua imagem miserável de agora demonstra.

Mas e daí?

— Hehehe…

Sim, farei o mesmo com o Daiya.

Seu desespero será de uma magnitude muito maior do que o da Iroha-san, já que seu “desejo” vem dele mesmo. Ele não será capaz de se recuperar quando descobrir que seu “desejo” jamais se tornará realidade. Além disso, ele é responsável pela morte de Koudai Kamiuchi. Uma realidade cruel espera pelo Daiya quando ele não puder mais escapar.

Mas, mesmo assim, irei esmagá-lo.

Não dou a mínima para o “desejo” de um cego. Será culpa dele mesmo se ele acabar de forma miserável quando sua “caixa” for esmagada. Seu homem louco... você colhe o que planta, não é mesmo?

Então.

Devolva-me a Maria de uma vez, seu cego maldito.

Scene 4
『Piercing at Fifteen』
(1/3)

Cena 4

Piercing aos Quinze [1/3]

1. MARGEM DO RIO - CREPÚSCULO

   Um rio largo, visto de cima, está brilhando à luz da tarde. Dois alunos no último ano do fundamental, DAIYA e KOKONE, se destacam da luz carmim do crepúsculo. Eles caminham de mãos dadas, olhando para frente.

   KOKONE (Monólogo): Daya e eu estivemos juntos desde que posso me lembrar.

   DAIYA aperta a mão dela.

   KOKONE (Monólogo): Ele está presente em todas as minhas memórias.

   Ela solta a mão dele.

   KOKONE (Monólogo): A única maneira de deixar o passado para trás é me separando dele.

2. QUARTO DA KOKONE - 17h00min, SEIS MESES ATRÁS

   Os dois estão sentados na cama de KOKONE, ainda vestindo seus uniformes escolares.

   KOKONE: Hmm... Ah...

   DAIYA separa seus lábios dos dela. KOKONE está usando óculos, e seu cabelo é completamente preto. Ela olha para baixo, constrangida.

   KOKONE (Monólogo): Graças ao Haru-kun, minha relação com o Daiya finalmente mudou. Só depois de ver eu e o Haru-kun juntos, o Daiya percebeu seus sentimentos e me convidou para sair. Mas, na minha sincera opinião, ele demorou demais.

   DAIYA entrelaça seus dedos com os dela e começa a acariciar o cabelo de KOKONE com sua mão livre. Seu sorriso gentil a cativa, e ela encosta a testa no peito dele.

   KOKONE (Monólogo): Afinal de contas, eu sempre o amei, desde que brincávamos de casinha quando éramos crianças. Eu já tinha perfeita noção dos meus sentimentos por ele, embora ele ainda estivesse para perceber os dele.

   DAIYA coloca seu braço ao redor de KOKONE.

KOKONE (Monólogo): Antes de sair com o Daya, contei para a Rino que sempre gostei dele. Ela me deu um olhar desconfiado e perguntou se eu realmente gostava dele de uma forma romântica, mas tenho certeza disso. Pelo menos, em minhas memórias, sempre me senti assim. Sempre esperei que algum dia ele correspondesse meus sentimentos.

A câmera se distância para mostrar o quarto da KOKONE por completo. O som é cortado. Objetos brancos e marrons, como a mesa dela, um sistema de hi-fi e brinquedos de pelúcia estão espalhados pelo lugar.

KOKONE (Monólogo): Meu quarto está cheio do Daiya. Quando ouço músicas românticas, seu rosto aparece na minha mente e, quando leio um mangá de romance, me identifico com os sentimentos da protagonista a ponto de derramar lágrimas. De vez em quando eu escrevia "Kokone Oomine" em meu caderno enquanto estudava e sorria para mim mesma. Estou sempre pensando no Daiya neste quarto.

DAIYA: Kokone.

KOKONE: Hum?

KOKONE (Monólogo): Apenas recentemente Daiya começou a me chamar pelo meu primeiro nome. Nunca vou me esquecer da primeira vez que aconteceu. Ah, seu rosto vermelho como um tomate foi gravado eternamente em minha memória. Desde aquela vez, ele tem falhado continuamente em dizer meu primeiro nome naturalmente.

DAIYA: Eu te amo, Kokone. Para sempre.

KOKONE: Hmm. Eu acredito em você.

DAIYA sorri, feliz como um garotinho inocente.

KOKONE sorri em resposta.

KOKONE (Monólogo): Eu realmente acredito do fundo do meu coração. Não porque estou cega de amor, mas porque sinto que ele está dizendo a verdade.

KOKONE traça os lábios de DAIYA com um de seus dedos.

KOKONE (Monólogo): Eu abriria mão de qualquer coisa pela felicidade dele.

3. MARGEM DO RIO - CREPÚSCULO

KOKONE pisa no rio sem tirar os tênis.

KOKONE (Monólogo): Meu mundo era quente. Quente como o corpo do Daiya. Aquele mundo gentil em que eu vivia brilhava gentilmente, como em um filme Francês que eu vi

certa vez, e me fazia sentir como se estivesse cercada por pura felicidade.

Passo a passo, KOKONE caminha cada vez mais para dentro do rio carmesim.

KOKONE (Monólogo): Mas eu estava errada. Não percebi que outras pessoas não viviam no mesmo mundo gentil em que eu me encontrava. Eu não sabia que o mundo visto pelos outros podia ser frio, manchado ou duro, e que entrar em contato com o mundo dessas pessoas também iria...

Uma porção de lixo flutuando pelo rio toca o corpo encharcado de KOKONE.

KOKONE (Monólogo): Manchar o meu mundo.

DAIYA rapidamente a segue rio adentro.

KOKONE (Monólogo): Daiya... não se prenda a mim por causa de sua promessa de me amar para sempre. Sua felicidade é mais importante para mim do que a minha. Farei qualquer coisa por você, então...

Ela é abraçada por um DAIYA igualmente encharcado.

DAIYA: Kokone, não se preocupe. Eu ficarei ao seu lado.

KOKONE treme em seu abraço molhado.

KOKONE: Você está frio.

DAIYA rapidamente a solta.

KOKONE (Monólogo): Se eu estiver te impedindo de ser feliz, farei com que seja mais fácil me largar, ok?

Kazuki Hoshino - 11/09 SEX 22h15min

Devemos evitar os [servos] do Daiya.

Embora ainda não saibamos o que fazer a seguir, deixamos o túnel para evitar cruzar com qualquer [servo]. Não seria uma boa ideia ficar mais tempo naquele lugar.

Não tivemos outra escolha senão deixar Iroha-san para trás. É claro que não queríamos, mas aquele sangue artificial nos tornaria suspeitos demais, se fôssemos carregá-la para casa; além disso, perderíamos um tempo precioso. É uma pena, mas ela terá que aguentar por mais duas horas, até que consigamos dar um fim a esta luta.

Haruaki, parecendo incomodado, diz do nada:

— Hmm, Hoshii, não sei se eu deveria te dizer, mas…

— Hm? Qual o problema?

— Você está com um olhar assustador pra caramba agora! Acho que você está realmente zangado com o Daiyan, não é mesmo? Deixar aquela senpai para trás faz perfeito sentido, mas você estava completamente frio ao fazer aquilo…

— Hein?

Eu estava?

Não cheguei a perceber… mas acho que é verdade. Definitivamente tem algo estranho comigo agora, considerando que acabei de chamar o Daiya de cego maldito em minha mente.

— Acho que é natural ficar agitado, uma vez que ele tirou a Maria-chan de você, mas se você não se acalmar pode acabar perdendo território, não?

— Sim.

Acalme-se, Kazuki. Acalme-se e pense em uma maneira de recuperar a Maria.

— E, para ser honesto, ainda quero tentar salvar o Daiyan… embora saiba que não será fácil.

Honestamente, a ideia de ajudar o Daiya nem passou pela minha cabeça. Eu estava ignorando tudo exceto a Maria.

— Sim…

É claro que também quero salvar o Daiya, se possível, mas quando penso sobre a Maria, não consigo evitar sentir raiva dele. Não consigo me impedir de pensar que esse sentimento de pena apenas ficará no meu caminho.

Mas, por outro lado, se eu evitar pensar no Daiya, posso acabar sendo derrotado. Mas, sim… é melhor pensar sobre outra coisa no momento, sobre algo que me permita esquecer minha raiva. E isso é…

— Kokone.

Certo.

Nesse caso, a primeira coisa que me vem à mente é Kokone Kirino.

Dois dias atrás, no fim da tarde do dia nove de setembro, Kokone me convidou para ir ao seu quarto.

Foi a primeira vez que entrei nele. O quarto era coberto por cores escuras e parecia superficialmente elegante. Contudo, também me dava uma impressão

estranha. De certa forma, o quarto não tinha coerência e seu estilo me pareceu falso; um quarto como aquele realmente não combina com a Kokone. Pude sentir algum tipo de obrigação forçada da parte dela que a obriga a viver naquele quarto.

Bom, não pude evitar pensar dessa forma, sabendo o que sabia sobre a Kokone. Aquele quarto representa a transformação dela. E o objetivo dessa transformação é: esquecer o Daiya.

— Você não precisa mais esconder a verdade. Conte-me o que aconteceu com o Daiya.

Kokone decidiu abandonar sua negação em relação ao Daiya e enfrentá-lo. A primeira coisa que pensei ao ouvir aquilo foi: Ainda bem.

Eu tinha planejado contar a ela sobre o Daiya, de qualquer forma. Não… eu não tinha outra escolha. Ignorar a Kokone ou guardar segredo dela em uma luta contra o Daiya seria impossível.

Portanto, eu estava agradecido por ela ter se decidido e se preparado por conta própria. Afinal de contas, as coisas que eu tinha para contar eram assuntos desanimadores que eu preferia não ter que mencionar.

…O erro que Daiya cometeu no passado.

…A dor que Daiya está suportando no presente.

…A tragédia que aguarda pelo Daiya no futuro.

Esse conhecimento certamente a faria se culpar.

Esse conhecimento certamente a deixaria triste.

Esse conhecimento certamente continuaria a atormentando.

Mas contei a ela mesmo assim.

Contei a ela tudo sobre o Daiya.

Kokone perdeu a voz naquele dia.

Quando terminei minha explicação, ela apenas continuou olhando para a parede atrás de mim, como se não pudesse acreditar. Como tudo o que ela fazia era respirar ritmicamente sem mostrar qualquer outra reação, deixei-a sozinha por um tempo.

No dia seguinte, ela me chamou para o seu quarto novamente. Quando nos cumprimentamos, percebi que suas pálpebras estavam inchadas, mas, fora isso, ela parecia à mesma de sempre.

Mas, assim que fechei a porta do quarto, ela imediatamente começou a desabotoar sua camisa. Foi tudo tão súbito que eu não pude reagir apropriadamente. Eu deveria ter desviado o olhar, mas apenas fiquei parado, boquiaberto. Com um rosto completamente inexpressivo, ela removeu tudo da cintura para cima, com exceção do sutiã. Então, ela se virou e me mostrou suas costas.

— Veja!

Eu quase perguntei o que eu deveria ver.

Mas percebi por conta própria.

Primeiro, percebi a “marca” embaixo do prendedor de seu sutiã. Era uma cicatriz de queimadura, provavelmente feita com um cigarro pressionado contra sua pele. E não apenas uma; havia várias marcas desagradáveis e violentas por toda a suas costas, era como se alguém tivesse descarregado uma enorme quantidade de lixo em um campo nevado totalmente branco.

Todas aquelas marcas de queimadura formavam frases significativas; do tipo obsceno que você teria dificuldade de encontrar até mesmo no mais sujo dos banheiros públicos.

Não consegui dizer nada.

Esmagados.

Meus sentimentos foram esmagados.

Aquelas marcas tiveram um impacto imenso.

— Uh… uh…

Lágrimas começaram a escorrer espontaneamente pelo meu rosto. Pensamentos como “pobre Kokone, deve ter doído, elas nunca vão desaparecer completamente, deve ser por isso que eles terminaram” só vieram mais tarde. Naquele momento, a única resposta que pude dar diante daquelas marcas foi cair em lágrimas.

Kokone se virou para me encarar. Ignorando minhas lágrimas, ela disse alegremente:

— Você é um cara sortudo, não é, Kazu-kun? Tendo o privilégio de ver uma garota bonita de roupas íntimas!

Mesmo ao fazer piadas como sempre, Kokone estava… chorando.

Então, nossa conversa continuou por entre nossos soluços.

— Uma amiga de infância chamada Rino fez isso comigo. — Kokone disse, enquanto abotoava a camisa. — Como você sabe, o Daiya tinha uma aparência incrível e notas ótimas; ele era muito popular na época… tanto que algumas pessoas o chamavam de “o príncipe da nossa escola”. Ele nem sempre foi tão bruto assim e não costumava ter o cabelo tingido de prata nem piercings. Ah, eu era um par tão terrível para ele. Eu parecia tão monótona, com meu cabelo preto completamente sem estilo e óculos gigantes. Em resumo, uma garota normal qualquer. Você totalmente riria se eu te mostrasse uma foto!…Embora eu não possa rir.

Chacoalhei minha cabeça.

— Não importa se você era um bom par para ele ou não! Tenho certeza de que

o Daiya não se importava.

— Hmm, ele não se importava mesmo. — Terminando de abotoar a camisa, Kokone olhou para mim. — Eram as garotas que gostavam dele que se importavam.

Comecei a deduzir como aquelas marcas poderiam ter surgido.

— Aquela garota que você mencionou, hum, Rino, ela se importava se você era ou não adequada para ele?

— Hmmm, não tanto assim, eu acho?

— Então…?

— Err, deixe-me contar uma coisa de cada vez. Primeiro de tudo, algumas coisas sobre a Rino: Ela é um ano mais nova do que eu e também era amiga de infância do Daiya. O problema é que ela também gostava do Daiya há muito tempo, embora eu tenha me apaixonado por ele primeiro. Mas ela desistiu dele e começou a namorar um garoto chamado Kamiuchi. A pessoa que… o Daiya matou.

Aquilo me surpreendeu. Eu não sabia sobre o passado deles. Considerando os fatos, as reações do Daiya em relação à Koudai Kamiuchi dentro da “Game of Idleness” foram relativamente normais.

Mas, levando em conta o rumo que as coisas tomaram, é fácil suspeitar que o passado em comum deles tenha levado Daiya a escolher assassinato para resolver aquele jogo.

— Kamiuchi fez algo horrível com a Rino, e não entendo por que ele o fez. Rino ficou profundamente ferida, então ela tentou aliviar suas feridas exigindo a atenção do Daiya. Mas sabe, eu e o Daiya já éramos um casal naquela época. Ele me amava, não ela. Ele era gentil com ela, mas eles nunca seriam mais do que amigos. Quando a Rino percebeu isso, suas feridas pioraram ainda mais. Ela meio que ficou um pouco psicopata depois daquilo. Ela, de alguma forma, ficou com raiva de mim porque, na mente dela, eu o tomei dela.

Kokone ainda estava chorando e parou para assoar o nariz.

Mas as lágrimas não pararam.

— Rino disse que ela só começou a namorar o Kamiuchi porque eu roubei o Daiya dela, então eu era a culpada pelo que o Kamiuchi fez com ela. Naquele ponto, Rino realmente acreditava que eu era a culpada por tudo.

— E por isso que ela fez aquilo nas suas costas…?

— Sim, mas eu não acho que ela teria ido tão longe se estivesse sozinha.

— O que significa que havia…

— Certo, havia várias pessoas envolvidas. Veja bem… acho que o problema foi que havia várias pessoas ao redor da Rino que se identificavam com o ódio que ela sentia e isso começou a se agravar. Foi uma pena ninguém ter percebido que

a Rino estava fora de si, e a partir daí as coisas começaram a se agravar.

Finalmente entendi o que ela disse mais cedo.

— As garotas que achavam que você não era adequada para o Daiya?

— Sim. Elas não estavam apenas incomodadas com aquilo… elas pareciam pensar que eu tinha cometido um crime grave e imperdoável. Eu era uma espécie de bruxa doentia que estava mantendo o príncipe delas só para mim.

…Mas que merda?

Não entendo. Um crime imperdoável?

Kokone e Daiya eram um casal apaixonado. Isso é tudo.

— Mas que… isso é estúpido, de qualquer ponto de vista. Você não fez nada de errado.

— Não importava se eu estava errada ou não. Um grupo de pessoas estava incomodado comigo, então queriam fazer algo sobre isso. Isso é tudo. Não importa se estavam apenas com ciúmes. É muito mais fácil atacar alguém que você não gosta se você se convencer que aquele alguém é mau.

— Como podiam achar que você era má se você não tinha feito nada de errado?

— Simples; elas criaram motivos forçados. Você sabe, coisas como “ew, aquela garota nem cumprimenta a gente” ou “ela é arrogante” ou “ela está agindo como uma vadia” ou “ela quer usar o Daiya para se exibir” ou “ela o seduziu com o seu corpo”. Elas inventavam o que desse na telha. E, quando criaram seu grupinho de fofocas, puderam puxar o saco umas das outras e se convencerem de que eu era uma figura maligna. Elas criaram um inimigo falso e então atacaram, para aliviar sua irritação.

Subitamente, aquelas duas garotas que falaram mal da Kokone me vieram à mente. Pelo que pude perceber, elas também estavam falando mal da Kokone por inveja. Estavam incomodadas por ela ser popular com os garotos e buscaram uma maneira de aliviar sua irritação. Também pode ter as irritado o fato de que a Kokone se dá bem com o Daiya. Considerando seu histórico, não é de se espantar que ela tenha reagido daquela forma.

— Sabe, a Rino só foi tão longe porque foi encorajada pelas pessoas ao redor dela. Elas nem sequer estavam cientes do quão malignos seus atos eram. Simplesmente consideraram que era certo ensinar uma lição a um demônio como eu. Quem sabe, talvez elas até tenham achado que estavam fazendo justiça? Uma coisa é clara: Elas não perceberam o que estavam fazendo. E isso as fez perder noção da realidade.

— Mas que… isso é completamente ridículo, se você possuir o mínimo de objetividade…

— Mas elas não conseguiam perceber isso. Elas pararam de pensar.

— Pararam de pensar?

— Sim. A coisa da qual o Daiya frequentemente reclama.

Ah.

A atitude que o Daiya detesta.

Ele acredita que foram os tolos irracionais que destruíram sua felicidade, e, por causa disso, quer criar um mundo sem eles usando sua “caixa”. Assim, o que aconteceu com a Kokone nunca mais voltará a acontecer.

— Acho que foi um mês depois que elas finalmente perceberam o que tinham feito. Algumas delas até me pediram desculpas. Mas qual o sentido? Por que eu as perdoaria? Minhas queimaduras não vão desaparecer por causa de um pedido de desculpas, vão? Só faria sentido se elas tivessem percebido antes de fazer aquilo comigo! Como ousaram pedir desculpas apenas para aliviar a culpa que elas mesmas estavam sentindo? …Quando eu disse algo desse tipo para elas, ainda disseram que eu era horrível por tratá-las daquela forma quando estavam pedindo desculpas. Bem, fodam-se aquelas vadias nojentas!

Claro, Kokone ainda estava chorando enquanto cuspia aquelas palavras vulgares.

— Não posso voltar a ser quem era, não importa o quanto elas se desculpem. Não posso voltar ao tempo em que não odiava ninguém.

Ela continuou:

— Meu relacionamento com o Daiya também não vai voltar.

Mas há algo que eu ainda não tinha entendido.

— Por quê?

— Hmm?

— Por que vocês precisavam se separar? Ele ainda te amava, mesmo com essas marcas bobas nas suas costas, não amava? Quero dizer, ele não se importava com você? Por que vocês tiveram que se separar?

Kokone ficou em silêncio.

Ela olhou para o teto enquanto fungava. Pelo que me pareceu, estava tentando organizar seus pensamentos.

Só então percebi que tinha feito uma pergunta potencialmente cruel. Havia sequer algum sentido em perguntar isso a ela? Afinal de contas, a separação deles já tinha acontecido. Explicar o motivo dessa separação certamente devia ser doloroso. Enquanto eu me arrependia de minha pergunta, Kokone finalmente abriu a boca:

— Kazu-kun. Você me acha bonita?

— Hein?

Pensei que ela estava só brincando como sempre. Pensei que ela estava tentando fugir da minha pergunta.

— Eu sou bonita? Realmente bonita?

Mas sua expressão estava incrivelmente séria.

Eu não fazia ideia de que ela estava tão desesperada, mas pude perceber por sua expressão que eu não tinha permissão para responder levianamente.

— Você é bonita!

— De verdade?

— Sim. Não estou falando por falar, realmente acho isso. E não sou o único; você é popular entre os garotos da nossa escola, não é mesmo? Você não me disse outro dia que o número de confissões que você recebeu já está na faixa dos dois dígitos?

— Você está certo. Sou totalmente popular. No momento, meu valor é maior que o daquele descarado desordeiro e delinquente do Daiya, com certeza! Deus, eu sou uma linda colegial! Com seios grandes, além disso! Sou invencível! — Contudo, o sorriso que ela mostrava enquanto se vangloriava desapareceu instantaneamente, e seus lábios começaram a tremer.

— …Mas não adianta.

— Nã-não adianta…?

— Não consigo me livrar da impressão de que sou apenas uma vadia horrorosa. Não consigo tirar da mente que sou como uma porca sem valor.

— P-por quê? Posso te afirmar, isso é…

— Eu sei! Tenho certeza de que sou bonita! Eu sei! Afinal de contas, dei duro para ficar assim! Cheguei tão longe porque achei que me sentiria melhor se realmente me tornasse popular! — Kokone segurou meus braços com força. — Mas não adianta…! Esses sentimentos não desaparecem mesmo eu percebendo que eles só existem na minha cabeça! Não posso evitar me sentir feia! A impressão de que eu e o Daiya não combinamos e a de que eu sou uma pessoa sem valor não desaparecem! Fatos e autoestima não têm qualquer efeito!

— Ma-mas por quê?

— É inevitável! Você realmente acha que outras pessoas acharem de verdade que eu sou uma bruxa traiçoeira não teria nenhum efeito em mim? Pior ainda, eu costumava ser uma garota quieta e tímida, você não entende o que isso significa? Você acha que eu poderia honestamente pensar de forma positiva sobre mim mesma depois de ser tratada como merda, queimada com cigarros e chamada de bruxa, vadia e prostituta? Não posso! Não pude! Você pode imaginar um bando de pessoas fazendo coisas horríveis com você? Pessoas que realmente acham que você é um lixo que merece aquilo? É claro que eu também começaria a pensar daquela forma! É claro que eu começaria a pensar que merecia! Aquela era a única forma de aceitar toda aquela situação! Essas marcas roubaram toda a minha autoconfiança, meu auto respeito e tudo que era importante para mim!

Um trauma que não pode ser curado pela verdade.

Não acho que posso compreender isso completamente.

Mas tem uma coisa que entendi.

O aperto das mãos da Kokone estava machucando meus braços.

— Cheguei a pensar que meu ódio contra mim mesma me levaria à cova. Então, eu, então, eu… — Kokone limpou as lágrimas de seu rosto. — Eu precisava superá-lo!

Kokone não tinha outra escolha, senão quebraria.

— Eu precisava mudar, precisava abandonar meu antigo eu!

Por isso Kokone começou a usar lentes de contato e tingiu o cabelo; ela tentou ficar na moda. Tentou assumir uma personalidade extrovertida e se tornar popular — e conseguiu.

Tentou recuperar sua autoconfiança ficando acima das pessoas que falaram mal dela. Mas, no fim das contas, a sombra que se enraizou em seu coração não desapareceu. Ela não pôde recuperar as coisas que aquelas marcas tiraram dela.

E…

— Também tive que abandonar meu amor pelo Daiya!

O passado dela e o do Daiya estavam tão intimamente ligados que não havia como deixar de abandonar o Daiya — seu passado — também.

Kokone finalmente percebeu a força com que estava apertando meus braços e me soltou.

— Me desculpe, Kazu-kun.

Chacoalhei minha cabeça.

A culpa é minha por forçá-la a dizer tais coisas.

Ela respirou fundo para se acalmar.

— Eu não queria terminar com o Daiya, mas não havia outra escolha. Até mesmo o abraço dele é insuportável, sério; meu passado todo pesa nos meus ombros quando ele me toca, me intimidando como um caminhão gigante ameaçador. Minhas costas queimam e começam a latejar como quando me queimaram, e me sinto como uma pessoa sem valor. Não posso evitar. Então… ficar com ele é agonizante.

Eles simplesmente não podiam mais ficar juntos.

Essa é a razão pela qual o relacionamento dos dois terminou.

… Isso é terrível.

Esse é o único comentário que eu podia fazer.

De repente, Kokone me disse:

— Ei, Kazu-kun, certa vez você se confessou para mim, não foi?

— Hã… quê?

Por que ela está trazendo essa história antiga à tona? Olhei no rosto dela, mas não consegui ler as intenções por trás de seu sorriso. Eu nunca me confessei para ela. Bom, tecnicamente, eu me confessei, mas foram as ações de uma garota que tomou o controle do meu corpo.

Mas, até onde a Kokone sabe, realmente me confessei a ela.

— Eu fiquei perdida! Diferente das outras confissões que recebi, fiquei feliz com a sua. Pensei que me tornar sua namorada podia ser a escolha certa. Afinal de contas, você não se importaria com as cicatrizes nas minhas costas e me aceitaria como sou.

— Hmm, Kokone… — tentei falar, mas ela continuou antes que eu pudesse explicar qualquer coisa.

— Também achei que o Daiya finalmente seria capaz de seguir em frente.

Prendi minha respiração. Sem ter muita certeza do que dizer, apenas esperei que ela continuasse. Por alguma razão, Kokone mostrou um sorriso brincalhão ao ver minha confusão.

— No entanto, não esperava que a Mari-mari tivesse algo a ver com a sua confissão!

…Pensando nisso, nunca corrigimos aquela desculpa que inventamos para explicar aquela situação.

— E-eu sinto muito… err, para falar a verdade, aquilo aconteceu por causa da “caixa” de outra pessoa. A explicação que a Maria te deu foi apenas uma mentira conveniente.

— Aaah… entendo, foi uma “caixa”! Agora finalmente faz sentido. Rapaz, essas “caixas” realmente são problemáticas, não é mesmo? …Mas acho que nesse caso eu fico agradecida, não é? Acho que era necessário para mim… pensar seriamente sobre sair com você, Kazu-kun.

— Por que… você acha isso?

— Bem, você se lembra de que comecei a chorar durante nossa aula de música?

— Sim.

Foi o incidente em que eu estava apanhando do Daiya no momento em que recuperei o controle do meu corpo. Depois daquilo, descobri que o “portador” não apenas fez com que eu me confessasse a Kokone, como até mesmo me fez pressioná-la para dar uma resposta.

— Sabe, Daiya e eu, nós pensamos que o melhor para nós dois seria se começássemos a sair com outras pessoas. Nós realmente tínhamos a intenção de fazer isso quando encontrássemos uma oportunidade que valesse a pena. E essa

oportunidade surgiu quando você se confessou para mim. Eu me imaginei saindo com você e Daiya namorando uma garota diferente. Mas quando olhei para o Daiya com esses pensamentos em mente…

Seu sorriso ficou amargo.

— Eu comecei a chorar.

Ela rapidamente perdeu até mesmo aquele sorriso amargo.

— E então, finalmente percebi.

Ela contorceu o rosto de uma maneira dolorosa e carregada de tristeza e disse:

— Que ainda estava perdidamente apaixonada pelo Daiya.

Tenho certeza que ela quis negar seus sentimentos. Várias e várias vezes. É isso que sua expressão amarga me transmite.

— Na verdade, eu queria que ele estivesse ali apenas para mim.

Porque, se os admitisse, ela não seria mais capaz de desejar que o Daiya fosse feliz com outra pessoa.

— Percebi que meus sentimentos por ele não desapareceriam mesmo se eu saísse com você, Kazu-kun. E meio que percebi que seria o mesmo para o Daiya. Nosso problema não será resolvido até que eu volte a ser quem eu era. Enquanto eu não puder aceitá-lo como antigamente. Mesmo que seja impossível, é a única maneira.

Uma tragédia.

— Daiya não pôde mais suportar, não é mesmo?

O mundo ao redor deles mudou, mas eles não podiam. Eles não podiam aceitar a realidade.

— Então, ele conseguiu uma “caixa”. Mas isso não… — Incapaz de se segurar, Kokone pressionou a testa contra o meu ombro. — Isso não quer dizer que é minha culpa o Daiya ter acabado dessa forma?!

Eu não podia ver o rosto dela.

— Farei qualquer coisa. Qualquer coisa, se puder salvá-lo. Se nós precisarmos de uma “caixa”, farei isso! Tome minha vida e faça o que você quiser.

Inconscientemente, repeti essas palavras alarmantes:

— Sua vida?

— Sim. Estou falando sério.

Ela estava. Com certeza.

Ela estava disposta a se sacrificar pelo Daiya.

E, efetivamente, o Daiya já se sacrificou.

Se não tivesse sido o Daiya, mas a Kokone a recorrer a uma “caixa” primeiro, isso teria dado início a uma tragédia diferente, porém similar. Seus sentimentos um pelo outro estão os destruindo.

É assim que seu romance doentio, porém belo, é.

Ah. Vamos supor que aquele incidente com as costas da Kokone nunca tivesse acontecido. Não haveria qualquer problema com o romance deles; ele teria continuado invejavelmente perfeito. Nenhuma distorção teria existido. Eles teriam sido felizes um com o outro.

Um único momento de azar perturbou o equilíbrio. Se apenas um erro tivesse sido prevenido... E se Rino não fosse amiga de infância do Daiya? E se Rino não tivesse saído com Koudai Kamiuchi? E se ele não tivesse feito aquela coisa horrível com a Rino? E se Kokone e Daiya tivessem escondido seu namoro? E se Kokone tivesse uma personalidade um pouco mais ousada na época? E se houvesse alguém que se erguesse para impedir aquela violência? E se o Daiya tivesse percebido o plano absurdo da Rino? E se Haruaki tivesse sido mais direto sobre seus sentimentos em relação à Kokone? E se eu os conhecesse desde o ensino fundamental? Uma pequena diferença poderia ter mudado o destino, e nós poderíamos estar rindo juntos sobre o passado neste exato momento.

Mesmo enquanto esses pensamentos me vêm à mente pela primeira vez, percebo que Kokone e Daiya devem ter pensado sobre essas possibilidades milhares de vezes e ter odiado este mundo por tê-los arruinado. Algo que poderia ser evitado pelo mais simples “e se…”.

Esse é o real motivo de Daiya estar lutando uma batalha perdida para corrigir um mundo com o qual ele nem sequer se importa.

…Mas então, e a Kokone?

— Kokone.

— Hum? — murmurou ela, pressionando novamente sua testa contra o meu ombro.

— Pelo que você usaria uma “caixa”?

— Eu a usaria pelo Daiya! Desejaria por um mundo onde pudéssemos ser felizes!

Mas tal futuro não existe.

Daiya atingiu um ponto em que não há mais volta.

Esse “desejo” não se tornará realidade, e Kokone deve estar ciente disso.

— Mas estou um pouco preocupada, eu poderia usá-la sem colocar nenhum outro pensamento estranho disperso nela?

E por isso ela disse isso.

Ela finalmente ergueu o rosto, com um sorriso leve nos lábios, e me disse algo que foi o bastante para me convencer de que jamais poderá voltar a ser quem era.

— Eu poderia realizar esse “desejo” sem, ao mesmo tempo, desejar que todo mundo, exceto o Daiya, vá para o inferno?

— Ah, não, não! Desculpe! Não quero que você morra, é claro! Ah-hum, nem o Haru-kun! Eu realmente gosto muito do Haru-kun, sério!

Ela rapidamente, sem muito sucesso, tentou mascarar o que havia falado. Por ter dito que gosta tanto do Haruaki, imediatamente respondi com a seguinte pergunta:

— Você não pensou em sair com o Haruaki?

Kokone arregalou os olhos e deu um sorriso desanimado.

Eu imediatamente percebi: Ah… Kokone estava completamente ciente dos sentimentos dele por ela.

— Pensei! — respondeu ela em um tom de voz animado. — Mas não adianta. O Haru-kun sabe sobre o meu passado.

— Hoshii, por que está me encarando com esse olhar estranho? — Haruaki me pergunta com o rosto franzido, enquanto caminhamos por uma rua deserta.

Eu me lembro do que ele me confessou outro dia:

— Eu tinha uma queda pela Kiri.

— Ah, mas sabe? Não sinto mais a mesma coisa por ela.

— …Não se preocupe comigo se quiser sair com a Kiri, Hoshii! Vocês formariam um belo casal.

Ele sabia que não podia salvá-la? Que apenas faria com que ela sofresse, assim como o Daiya, porque eles sabem do passado dela? É por isso que, assim como a Kokone e o Daiya, ele me disse que eu deveria sair com ela?

É por isso que, assim como a Kokone e o Daiya, ele não tem outra escolha a não ser ignorar seus próprios sentimentos? Apesar de que, se eu o questionasse sobre isso, ele apenas fugiria da minha pergunta. Talvez ele mesmo não saiba ao certo.

— Haruaki…? — Em vez disso, faço outra pergunta. — Você disse que a

Kokone está quebrada, não foi?

Minhas palavras parecem tê-lo surpreendido; ele me encara inconscientemente. Mas, após respirar fundo, recupera seu sorriso.

— Sim, eu disse.

— O que te faz pensar isso?

Ele coloca a mão embaixo do queixo e pensa por alguns instantes.

— Se, por exemplo, você visse alguém se afogando diante dos seus olhos e pudesse salvá-lo facilmente, você o faria? Por favor, imagine esse cenário e me responda seriamente.

Imagino alguém se afogando no oceano, um garoto que está gritando desesperadamente e se debatendo. Estou carregando um colete salva-vidas e posso salvá-lo facilmente, sem qualquer risco pessoal.

— Bom, claro que eu o salvaria!

— Por quê?

— Hein? Não é normal salvar alguém se você puder fazê-lo sem problema algum? Não há qualquer outro motivo. Bom… se alguém morresse diante dos meus olhos, acho que me sentiria arrependido. Ou pior, posso acabar permanentemente traumatizado.

— Não é mesmo? Eu penso da mesma forma.

Isso é óbvio.

Mas, se ele me fez essa pergunta, quer dizer que…

— Você quer dizer que a Kokone não faria o mesmo?

— Não, ela me disse que faria.

— Ah…

Sou pego de surpresa. Pelo rumo da nossa conversa até agora, estava certo de que ele daria uma resposta diferente.

Mas Haruaki ainda não terminou.

— Mas, quando fiz a mesma pergunta a ela, ela me questionou o seguinte. — O sorriso dele ficou amargo. — *Quem é a pessoa*?

No começo, não consigo entender qual o problema dessa pergunta, mas, aos poucos, começo a perceber que tem algo de errado nela.

— Normalmente, você salvaria a pessoa incondicionalmente, se pudesse. Porque, normalmente, você imaginaria que é alguém em dificuldade que merece e precisa da sua ajuda.

Algumas pessoas poderiam fazer a mesma pergunta que a Kokone sem qualquer significado profundo. Mas se Kokone tivesse perguntado isso

casualmente, Haruaki não estaria mencionando isso. Ele percebeu algo a mais.

— Mas a Kiri não apenas pensa que é alguém que precisa da ajuda dela. Ela começa se preocupando sobre aquilo poder ser uma armadilha feita para feri-la. Kiri não pode salvar alguém que está se afogando até saber se é ou não um inimigo. Imagine o quão cautelosa ela se tornou com o mundo ao redor dela. E isso a impede de agir, embora fosse se arrepender por deixar aquela pessoa morrer tanto quanto eu e você.

De qualquer forma, por que ele perguntou isso a ela?

Talvez tenha deduzido até certo ponto que ela responderia dessa maneira? Talvez tenha obtido certo grau de entendimento sobre a Kokone e queria confirmar suas suspeitas ao fazer essa pergunta?

— Por causa da violência que ela sofreu, Kiri considera os outros como inimigos naturalmente. Isso a impede de fazer as decisões corretas. Ela está se afogando em sentimentos negativos, odiando seu destino, tudo e todos que a fizeram ser o que ela é hoje. A Kiri não pode escapar e, portanto, não pode fazer o que quer; o que deveria fazer. Para mim…

Haruaki para por um instante.

— Para mim parece que ela está quebrada.

Ao ouvir essas palavras, percebo: *Ele ainda gosta da Kokone*.

Afinal de contas, Haruaki tem uma compreensão muito mais profunda da escuridão ao redor dela do que eu, embora eu tenha ouvido isso diretamente dela. Não tem como ele perceber tudo isso sem se preocupar com ela. Haruaki continua, com uma ponta de resignação em sua voz.

— Enquanto a Kiri não puder se colocar em primeiro lugar, ela não irá mudar.

Tenho certeza que Haruaki espera que as coisas mudem, pelo bem dela. Não para que possa sair com a Kokone, mas para que ela possa reatar sua relação com o Daiya. Ele deseja que ela se torne feliz com o homem que ama e que corresponde esse sentimento.

Quando chego a essa conclusão, uma nova ideia cruza minha mente.

…Colocar a própria felicidade acima de tudo.

Haruaki disse que ela precisa ser capaz de fazer isso.

Mas e ele, é capaz disso?

Há uma solução?

Quais são as relações ideais para essas três pessoas?

Seria maravilhoso se simplesmente pudessem mudar o passado.

Mas mesmo que usem uma “caixa”, que poderia garantir qualquer “desejo”, isso é impossível. O que precisam é construir relações novas ideais… ou pelo menos estáveis. Mas ainda não consigo encontrar uma solução, e tenho certeza

que eles também não. Não consigo ver um objetivo a ser alcançado, então não há nada que possa fazer. A única coisa que sei é que enquanto a “Shadow of Sin and Punishment” do Daiya existir, eles não poderão seguir em frente.

Ah, mas isso não é desculpa. Não estou mais tentando me enganar. Só ajo pelo bem da Maria, não pelo bem dos meus amigos Daiya, Kokone e Haruaki. Não vou destruir a “Shadow of Sin and Punishment” pelo bem deles; só estou fazendo isso para salvar a Maria.

Salvá-los está fora do meu alcance. Só posso rezar para que o resultado dos meus esforços também seja capaz de trazer felicidade a eles. Mas eu realmente rezo por tal resultado. Rezo, esperando que minhas preces me mostrem o caminho para uma nova solução.

— Espero que você esteja bem com isso, Haruaki…

— Hmm?

Parece que ele ouviu meu sussurro, por acidente.

— Nada.

Consegui organizar meus pensamentos.

Estou calmo agora.

Devo focar somente no que está dentro do meu alcance.

Ou seja, esmagar o “desejo” distorcido do Daiya.

Certo… sou um ser que esmaga “desejos” alheios.

— Haruaki, o que devemos fazer agora? — pergunto, tendo definido minhas prioridades.

— Hmm… acho que a escolha mais segura seria esperar pelo fim da “Wish-Crushing Cinema”.

— Provavelmente, sim.

Mas nenhum de nós dois está confiante. Sabemos muito bem que o Daiya já deve ter previsto nosso jogo de paciência. Portanto, ele definitivamente assumirá a ofensiva para destruir a “Wish-Crushing Cinema” com sua inteligência natural e sua “caixa”.

O tempo está acabando, então talvez ele decida tomar medidas desesperadas. Ele tentará me caçar com a “Shadow of Sin and Punishment”. E, para isso, usará os mil [servos] que havia usado antes para procurar por mim e pela Maria.

Ser procurado por mil pessoas foi uma experiência terrível. Senti como se o mundo todo estivesse me perseguindo. Mas sua próxima [ordem] não será tão inofensiva quanto uma estratégia para me assustar. Na pior das hipóteses, ele pode [ordenar] que matem aquele que acredita ser o “portador”. Pode tentar me matar. Pode usar seus mil [servos] para um ataque direto.

Não é surpresa eu estar tremendo.

Dizem que um rato, quando encurralado, morderá, mas o Daiya não poderia ser menos parecido com um rato. Posso tê-lo encurralado, mas ele é um leão. Basta um pequeno deslize e ele pode virar a mesa no último instante e me esmagar até a morte com suas presas.

— O que devemos fazer…

— Hmmm… não, acho que nossa única opção é nos esconder. Ele não pode nos atacar se não puder te encontrar, certo? — Haruaki diz. Ele está certo. — Quer dizer, é quase impossível encontrar alguém que está se escondendo em duas horas, mesmo com mil pessoas procurando. Eles também não podem usar a internet apropriadamente, pelo menos não em tão pouco tempo… E, se nos escondermos, vamos nos esconder junto com a Kiri, certo? Não sabemos quando Daiyan começará a se perguntar se ela é a "portadora"… Aah! Eu estava apenas falando por falar, mas essa pode ser uma ótima ideia, na verdade! Acho que ficaremos bem se nos escondermos onde ela está nesse momento!

Tocando no assunto, no momento Kokone está se escondendo no dormitório de um clube de beisebol, graças ao amigo de um amigo de Haruaki que compartilha de seu interesse por beisebol. Até pouco tempo atrás, o próprio Haruaki estava lá.

Nós a escondemos lá após ouvirmos sobre os detalhes da "Shadow of Sin and Punishment" pela Yuuri-san. Chegamos à conclusão de que seria mais difícil para os [servos] a encontrarem se ela se escondesse com um conhecido distante em vez de permanecer fugindo.

Daiya não sabe dessa conexão, muito menos sobre a localização do dormitório. Realmente, não devemos ter problema em ficar lá por duas horas. Contudo, nesse caso…

— Daiya não nos permitirá permanecer escondidos. — Ele não deixaria algo assim passar batido. — Ele fará algo para nos atrair. Se ele usar a Maria para me ameaçar novamente, não terei escolha a não ser jogar o jogo dele.

— Argh, entendo…

— Hmm? Mas… — Uma ideia surge em minha mente enquanto falo — …sim, só precisamos garantir que ele não possa nos ameaçar…?

Haruaki inclina a cabeça.

— Hmm? Do que você está falando? É escolha dele nos ameaçar ou não, não é mesmo?

— Só precisamos fazer isso.

Pego meu celular e o desligo.

— Hã? Err, como isso o impede de nos ameaçar?

— Você só pode ameaçar alguém se puder se comunicar com a pessoa. Não importa o quanto você queira forçar alguém a fazer algo, você simplesmente não tem como fazer se não puder entrar em contato, certo?

— Hmm? Bem, sim, mas se o Daiyan estivesse prestes a ferir a Maria-chan, ela estaria em perigo mesmo que ele não conseguisse se comunicar com você, não estaria? Você não está apenas tapando seus ouvidos para ignorar o risco que ela está correndo?

— Mas o objetivo do Daiya não é ferir a Maria, certo? Isso é apenas um pretexto para me atrair! Se ele não puder nem fazer a ameaça, não fará sentido machucá-la.

— Entendo.

— Portanto, vou me esconder como você sugeriu e garantir que o Daiya não possa entrar em contato conosco. Feito isso…

— Daiyan não será mais capaz de te contatar, e você pode se esconder e esperar! …Err, isso significa que eu e a Kiri também precisamos desligar nossos celulares. Afinal de contas, ele poderia tentar usá-los para entrar em contato com você. Certo! Vou mandar uma mensagem para a Kiri pedindo para ela desligar o dela, e depois também desligarei o meu.

Haruaki começa a teclar uma mensagem.

De repente, começo a pensar se não deveria ter tido essa ideia antes. Talvez isso tivesse tornado nossas vidas muito mais fáceis, não é?

…Não, na verdade, não.

Essa estratégia teria funcionado se eu estivesse sozinho, mas antes eu tinha que proteger a Maria. Eu não podia simplesmente enfiar minha cabeça na areia sem colocá-la em perigo. Ironicamente, esse método só funciona porque a Maria está ausente, e porque estou tão encurralado quanto o Daiya.

— Certo. Vamos nos juntar a Kokone imediatamente, antes que os [servos] nos encontrem.

— Beleza! Então vamos… — ele para de falar repentinamente.

— Haruaki?

Haruaki congela, olhando para seu celular.

— O Daiya já te mandou uma mensagem?

Ele ignora minha pergunta e começa a mexer em seu celular com uma expressão completamente séria. Ele abre seu aplicativo de TV e se concentra na tela.

…Por que ele iria querer assistir TV neste momento?

Ele parece não estar conseguindo encontrar o que está procurando, então sai do aplicativo e começa uma busca na internet.

— Qual o problema, Haruaki?

— Kiri me enviou uma mensagem e me disse para ligar a TV. Seja o que for, foi apenas por alguns segundos, de qualquer forma. Ela também deve estar bem

confusa. Ele fica em silêncio novamente, mas, após alguns instantes, encontra o que estava procurando e ergue a cabeça.

— Hoshii. Parece que nos atrasamos um pouco. — Haruaki diz, ao me mostrar a tela do celular.

Está passando um noticiário em um site de vídeos; a previsão do tempo, para ser mais exato, transmissão ao vivo com uma cidade ao fundo.

— Hein…

Contudo, há algo bastante inapropriado nessa previsão.

Uma mulher nua. Uma morena esquelética com mais de cinquenta anos está de quatro latindo. Tem algo escrito em letras largas com um marcador permanente em seu corpo, abaixo de seus seios pendentes, mas é difícil de ler por causa do que ela está fazendo.

"Venha ao cinema!"

Só aparece por um instante, no entanto; a câmera vira imediatamente e a programação volta ao estúdio. O vídeo termina nesse momento.

— Hoshii, podemos realmente continuar ignorando o Daiyan se ele está disposto a usar até mesmo a TV para te ameaçar? …Nós não podemos, não é mesmo?

— É… nós não podemos.

Vamos supor que o Daiya [ordene] a um de seus [servos] que faça um anúncio na TV dizendo que Maria Otonashi será assassinada se eu não for até o cinema. Nesse caso, ele não se importaria se a mensagem me alcançasse ou não, porque poderia cumprir sua ameaça assumindo que vi seu recado.

Não posso ignorar esse risco.

Se eu continuar ignorando-o, ele pode simplesmente aumentar o impacto de suas táticas. Pode até mesmo mandar seus [servos] fazerem algo que arruinaria meu cotidiano para sempre.

No momento, estou considerando o pior caso possível: Daiya pode ferir Maria. Agora que descobri sua estratégia, não posso mais fingir ignorância. Mesmo ameaças que não me alcançarem terão um impacto.

— Tch!

Agora é muito pior se eu não puder receber as mensagens dele. Já que não faz mais sentido manter meu celular desligado, ligo-o novamente. Como se por mágica, imediatamente recebo uma chamada. Abro meu celular e leio o nome na tela.

"Kasumi Mogi"

— Te encontreeei!

Ainda não atendi a chamada.

O som de chamada confirma isso, mas há um som desconhecido acompanhando o toque do celular.

Screetch screech screech screech.

O som de rodas.

O som de uma cadeira de rodas.

Daiya Oomine - 11/09 SEX 22h12min

Por que eu deveria apostar todas as minhas fichas em um único jogo?

Tenho altas expectativas em Iroha Shindou, mas nunca esperei que sua missão tivesse uma chance de 100% de sucesso. Por causa do meu tempo limitado, seria fatal para mim se eu dependesse apenas de uma pessoa, e essa pessoa falhasse em completar sua missão.

Portanto, armar o ataque da Shindou não foi a única coisa que fiz com meus [servos]. Enquanto ela estava trabalhando em mostrar à Otonashi que o Kazu a traiu, também armei algumas outras coisas, em paralelo.

Também tentei enviar uma mensagem ao Kazu pela TV. Dei [ordens] a onze pecadores que considerei culpados o bastante para se tornarem “Cães Humanos”. A missão deles era escrever “Venha ao cinema!” em seus corpos nus e aparecer na TV. Não há como garantir que tenham cumprido seus objetivos com sucesso, mas acho que um ou dois deles devem ter conseguido.

Quando Aya entrou no cinema, achei que essa manobra tinha sido desperdiçada, mas ela acaba de adquirir uma nova relevância. Essa estratégia previne que o Kazu e os outros cortem a comunicação comigo. Ele só precisa esperar até o fim da “Wish-Crushing Cinema” para me derrotar, então sua melhor opção seria se esconder de mim e cortar a comunicação. Mas, se eu conseguir criar uma enorme comoção na TV e isso até mesmo se espalhar pela internet, há uma alta probabilidade de que isso o alcance, e então ele irá perceber o quão arriscado é cortar completamente a comunicação.

Minha “Shadow of Sin and Punishment” é muito mais efetiva quando posso estabelecer contato.

Ainda estamos no hall de entrada; Piercing aos Quinze ainda não começou. Como minhas ações serão bastante restringidas quando o filme começar, preciso planejar minha estratégia agora.

Dezessete minutos até o filme começar, mas só tenho doze minutos, pois seremos transportados para a sala cinco minutos antes disso. Droga… estou numa corrida constante contra o tempo.

— Então, sumarizando... — Aya começa a recapitular o plano que repassei a ela. — Faremos Kasumi Mogi usar a “Flawed Bliss”. Como ainda está aflita devido a sua incapacidade e seu amor não correspondido por Kazuki Hoshino, ela não irá

recusar. E então, vou me esquecer de Kazuki Hoshino.

Assinto. Aya continua.

— Como Hoshino não quer que a Mogi se lembre da “Rejecting Classroom” e sua paralisia parcial a torna dependente, é seguro assumir que ele não a tornou uma aliada. Em outras palavras, assim que seus [servos] entrarem em contato com ela, você pode prosseguir com seu plano sem se preocupar com ele entrando em seu caminho. Além disso, ela é uma presa fácil, já que sabemos que está no hospital.

Bom, honestamente, não me importo com a Mogi desde que o Kazu venha aqui. Mas não falo isso, é claro.

— Kasumi-san…

A pequena sirigaita atrevida se intromete de novo. Calada, sua múmia vadia.

— Você está dizendo coisas rudes sobre mim em sua mente, não é? Está escrito na sua testa! Sou muito boa em ler expressões, sabia?

Decido me juntar a essa conversa unilateral.

— Só para saber, você conhece a Mogi?

— Bom, ela é uma rival no amor e temos uma inimiga em comum, no final das contas. Nós ocasionalmente trocamos informações no hospital. Hehehe!

— Planejando o crime perfeito para se livrarem da Otonashi, hein? Como está indo? O plano da troca da cadeira de rodas está indo bem? Bastante engenhoso de sua parte usar o fato de que as pessoas acham que a Mogi não pode se mover como álibi!

— Por que seu plano de assassinato é tão específico?! Você poderia, por favor, mudar sua opinião sobre mim?! Já está na hora!

— Mas, deixando isso de lado, por que você de repente começou a falar quando mencionamos a Mogi? Tem algo em mente?

— Hã? Não, nada em particular…

Que grande perda de tempo. Eu deveria apenas ignorar essa garota permanentemente.

— Certo.

Como vou usar a Mogi…?

Apesar de que, honestamente, seria mais efetivo usar a Aya do que a Mogi para atrair o Kazu. Pode parecer óbvio, mas seria o ideal seria usar meus [servos] para ameaçá-lo com a Aya. Eles poderiam dizer algo como: “Se você não vier à “Wish-Crushing Cinema” antes do dia terminar, irei matar Maria Otonashi.”

Acho que eu poderia colocar um tempo limite de cinco minutos para meia-noite. Essa ameaça seria efetiva; Kazu não tem como ter certeza se estou falando sério ou não sobre matá-la, já que estou obviamente entre a cruz e a espada.

Então por que estou planejando usar a Mogi mesmo assim? Por que preciso dar esse passo quando vou perder uma quantidade considerável de tempo envolvendo-a?

Claro, Aya precisa acreditar que vamos deixar a Mogi usar a “Flawed Bliss”.

Mas tem outro motivo.

Como acabei de dizer, usar a Aya é uma ameaça muito efetiva.

O problema é que é efetiva demais.

Se eu usá-la, pode parecer que a vitória certamente será minha.

Para quem?

…Para “O”.

— Acabei de ter uma ideia sobre como trazer o Kazu aqui — digo à Aya.

— Que ideia?

— Apenas faremos um de meus [servos] quebrar os dedos da Mogi.

— Do que você está falando?

Como esperado, ela franze o rosto.

— Forçaremos ele a vir até aqui fazendo-o assistir as mãos da Mogi serem destruídas.

Ele certamente não conseguiria ficar parado ouvindo o som dos dedos de uma garota sendo quebrados, especialmente os de uma que ele costumava amar, conseguiria? Ainda mais porque aquela garota só tem a parte superior do corpo funcional; suas mãos são ainda mais preciosas para ela!

— Não aprovarei isso!

— Achei que você não gostasse da Mogi, certo? Ela até te esfaqueou uma vez, não foi?

— Quantas vezes terei que repetir isso até que você entenda? Meus sentimentos pessoais não fazem diferença. Não deixarei ninguém se machucar, não importa quem seja.

Bem, eu esperava uma reação dessas. Não faz sentido brigar com ela agora.

— Certo. Vou abandonar essa ideia.

Finjo desistir.

Ela não pode monitorar as [ordens] que dou, então não importa o que digo a ela. Não há necessidade de manter minha palavra. Irei quebrar os dedos da Mogi com ou sem a aprovação da Aya.

Essa conversa falsa foi para “O”. Preciso que “O” acredite que esse é meu trunfo.

Pelo bem da Maria, Kazu pode abandonar a Mogi mesmo que seus dedos sejam quebrados bem diante dos olhos dele. Kazuki Hoshino é capaz de qualquer coisa, não importa o quão extrema, uma vez que tenha decidido o que fazer.

Tenho certeza que “O” também percebeu isso. Por isso, “O” não achará que minha vitória já está decidida; ela concluirá que pode continuar a observar sem interferir porque parece que meu plano irá falhar.

Na verdade, ameaçá-lo com a Aya será meu verdadeiro plano. Mas manterei isso para mim mesmo, fazendo “O” acreditar que ameaçar o Kasu usando Kasumi Mogi é o ponto crucial. É questionável se sequer é possível enganar uma entidade como “O”.

Minha resposta para isso é:

…É possível.

Parece que “O” pode observar o mundo todo. Contudo, ela disse que é similar a observar a terra pelas lentes da câmera de um satélite. Se isso for verdade, deve ser impossível entender os detalhes intrínsecos das minhas intenções. Essa é a fraqueza de “O”.

Portanto, é possível enganá-la. Como um mágico que distrai sua plateia com uma performance chamativa enquanto executa seu truque, irei esconder meu plano de ameaçar a Aya ameaçando Mogi por hora.

É claro, não posso dizer com certeza como “O” funciona, então não posso simplesmente relaxar. Preciso estar preparado para mudar meu plano rapidamente, se necessário.

Mas já estou no processo de entender o padrão de pensamento de “O”. Quase fui enganado pelos seus poderes praticamente onipotentes, mas… por bem ou por mau… descobri sua verdadeira identidade, podendo, assim, analisá-la mais precisamente.

A natureza de “O” não é a de um deus ou a de um demônio, mas a de um humano peculiar. Ela parece ser muito inteligente, mas também não excede os limites do que é humanamente possível. Não há nada realmente perturbador para se preocupar. Aposto que a personalidade de “O” foi criada para imitar a da verdadeira “Aya Otonashi” por uma certa irmã mais nova.

Nesse caso, devo ser capaz de prever seu curso de ação com minhas afiadas habilidades de análise. Por exemplo, tem uma coisa que posso dizer com certeza. “O” irá aparecer diante de mim mais uma vez antes desse dia terminar.

— Iroha! — Yanagi grita subitamente. Eu me viro em direção a ela.

Iroha Shindou está diante do painel de informação. Ela está claramente exausta; suas roupas estão tingidas de tinta vermelha e seu rosto está coberto de sujeira.

— O-o que houve, Iroha? Isso é sangue? Você está ferida?

Cheia de preocupação, Yanagi corre em direção à Shindou.

— É sangue artificial. Não estou ferida… mas acho que você pode dizer que fui assassinada.

— O-o que isso quer dizer?

— Minha “caixa” foi destruída.

Os olhos da Yanagi se arregalam em surpresa, enquanto Aya franze o rosto. Também tenho várias perguntas me inquietando, mas há uma que preciso fazer primeiro:

— Qual o motivo dessa atuação boba, “O”?

Yanagi e Aya tiram seus olhos de “O” e viram seus rostos em minha direção.

— Oh?

A expressão exausta de Shindou muda para o habitual sorriso charmoso dela. Mas preciso dizer… fico completamente perdido olhando para o rosto dela… essa expressão gentil e o olhar do Kazu ao me enviar para cá realmente se parecem.

— Caramba, é realmente uma pena você não me deixar enganá-lo, Oomine-kun! Você se importaria de dizer o que me entregou?

— Bom, foi apenas intuição.

Na verdade, estive esperando a chegada dela há algum tempo. Com sua personalidade, “O” deve querer observar eu e o Kazu de perto. É claro que não falo nada disso para ela. Não devo deixá-la pensar que posso vencer, então devo evitar levantar suspeitas desnecessárias entregando meu plano.

“O” não parece suspeitar de nada, acho que não está muito interessada.

— “O”. — Aya nos encarou com ódio em seus olhos enquanto conversávamos.

— Há quanto tempo — diz “O”.

— Finalmente decidiu me dar uma nova “caixa”?

— Não há como eu fazer isso, há? Até mesmo me incomodei em a explicar certa vez que você é tão interessante de se observar quanto um aspirador de pó. Não tenho qualquer intenção de agir por alguém como você, que é basicamente um robô idiota!

Vendo as duas, eu me pergunto: Mas que porcaria é essa? Por que “O” age tão ofensivamente enquanto clama não ter interesse na Aya? “O” não age dessa forma com mais ninguém. Por que isso não deixa Aya desconfiada? Essa linha de pensamento foi interrompida à força por “O”, que foca sua atenção em mim novamente.

— Oomine-kun, quero te dizer uma coisa. Poderia me dar um instante?

Isso é uma surpresa. “Uma surpresa” porque estava convencido de que “O” não deixaria sua posição neutra como observadora a menos que Kazu estivesse ficando para trás. Olho para o meu relógio, me recompondo e refletindo sobre minhas previsões falhas.

22h19min

— Posso esperar que o que você tem a dizer valha a pena escutar, com meu tempo limitado? Tenho menos de seis minutos restantes para conversar livremente. Se você quiser apenas jogar conversa fora, infelizmente terei que recusar.

Se eu escolher ouvir “O”, não terei tempo sobrando antes de ser transportado à força para o último cinema e não serei mais capaz de agir livremente.

— É algo importante!

Isso é tudo o que precisava ouvir; não posso mais recusar sua oferta agora.

— Entendido.

Não tenho mais nada para fazer, de qualquer forma, exceto repetir o plano para a Aya. Já dei minhas [ordens] relacionadas à Mogi; um de meus [servos] e seguidores fanáticos já está a caminho do hospital da Mogi.

— Desculpe, mas posso pedir que os outros saiam? Isso é apenas para os ouvidos do Oomine-kun — diz “O”, para a decepção de Aya.

— Espere. Por que…

— Desculpe —, a interrompo, — mas não há tempo para questionar. Por favor, apenas suprima suas objeções por hora.

Embora ainda pareça incomodada, Aya não diz mais nada.

Assim que Aya e Yanagi desaparecem, rapidamente começo a conversa.

— Seja breve — digo para “O”, que ainda está na forma de Shindou.

— Hum, serei. — “O” concorda e vai direto ao ponto. — Kazuki-kun e eu nos tornamos inimigos.

Ela joga uma bomba.

...

Fui pego de surpresa. Honestamente, eu gostaria de pensar um pouco sobre essa revelação, mas o tempo está correndo. Ignorando meus sentimentos confusos, fiz a pergunta de maior importância para mim.

— Então você está do meu lado?

Minha mente e coração podem estar confusos, mas ainda posso juntar dois com dois. Não há tempo para confirmar ou me aprofundar em sua declaração neste momento; não tenho escolha senão assumir que ela está dizendo a verdade e perguntar se isso é vantajoso para mim.

— Não me aliarei a você.

— Por que não? Kazu se tornou nosso inimigo em comum, não é mesmo?

— Não acho que sua aproximação seja o bastante para quebrar a vontade dele. Em outras palavras, não vejo qualquer vantagem em te ajudar.

— Mas você não entrará no meu caminho para fazê-lo vencer, certo?

— Não, não entrarei! Na verdade, deixe-me dizer algo que irá agradá-lo: seu plano de usar a “Flawed Bliss” diante dos olhos do Kazuk-kun é o melhor curso de ação que você pode tomar nesse ponto. Eu juro.

Também não tenho tempo para confirmar. Tenho que aceitar a palavra de “O”.

— Deixe-me perguntar outra coisa; por que Kazu se tornou seu inimigo se costumava ser a pessoa em quem você mais tinha interesse?

— Você faz parecer como se ele não pudesse se tornar meu inimigo por atrair meu interesse, mas é exatamente o oposto! Ele atraía meu interesse porque fomos inimigos esse tempo todo.

— Não desperdice o meu tempo. Quero saber o que fez vocês se voltarem um contra o outro.

— Ora, como você é sem graça. Se você me considerar como um ser que preserva Maria Otonashi como “Aya Otonashi”, então você pode considerar o Kazuki-kun como um ser que elimina “Aya Otonashi” de Maria Otonashi. É completamente natural nos opormos, não é mesmo?

— Acho que sim. Ele deve acreditar nisso também. Mas… e daí? Claro, Kazu é excepcional, mas ele também é apenas um humano. Está me dizendo que ele tem um poder especial que o permite eliminar você, embora seja apenas um humano?

— Sim, ele tem. Kazuki-kun obteve o poder de esmagar “caixas” à força.

Estive prosseguindo sem pausas até agora, mas sou forçado a parar por um instante.

— *O poder de esmagar “caixas”*?

Isso não é trapacear?

Por um momento, achei que ela estivesse falando da “Wish-Crushing Cinema”, mas estava errado. Essa “caixa” é feita especialmente para esmagar a minha “caixa”.

— Por que Kazu tem esse poder?

— Assim como eu, ele recebeu um poder da “Flawed Bliss”.

— Não entendo. Como o Kazu receberia um poder da... — Não, preciso engolir isso por hora, mas ainda há algo que não me faz sentido. Não tenho certeza de quando Aya obteve sua “caixa”, mas tenho quase certeza que eles não se conheciam naquela época, certo? Então como o Kazu pode ter sido influenciado pela “Flawed Bliss”?

— Não é tão difícil: Meu oposto existia desde o começo, mas essa posição havia sido deixada em branco porque Maria Otonashi era incapaz de imaginar

alguém capaz de se opor a mim. Mas o papel desse oposto estava lá… vago! E, eventualmente, alguém digno dessa posição apareceu: Kazuki Hoshino, o humano anormal que era o "salvador" de um certo alguém. Houve apenas um pequeno atraso.

Entendo. O poder da "caixa" permite violações da casualidade.

Dito isso, outra coisa tem me incomodado.

— Há algo que quero saber.

— E o que seria?

— Que droga é você?

— O quê? Bom, é uma pergunta rude. Sua pergunta foi vaga demais para responder!

— Sei que você é baseada na verdadeira Aya Otonashi. Também sei que você está sob influência da "Flawed Bliss". Contudo, não consigo entender como o Kazu é seu oposto e como ele pode destruí-la com o poder especial dele.

— Ah, sua compreensão foi incompleta? Veja bem, a função primária da "Flawed Bliss" é permitir que eu exista como "O", porque é assim que ela garante "desejos". Como consequência, eu não seria mais capaz de existir como "O" se a "Flawed Bliss" fosse destruída.

Esses novos fatos me deixam completamente impressionado, mas não tenho tempo para lidar com minha confusão emocional. Tento responder "O" dependendo inteiramente de lógica fria:

— Isso significa que, falando claramente, eu também usei a "Flawed Bliss" da Aya?

— Acho que sim. Eu não existiria sem a "Flawed Bliss", afinal de contas.

— Mas isso não significa que é mentira o fato da Aya perder suas memórias quando ela a usa? Afinal, ela ainda se lembra de tudo, embora eu esteja usando uma "caixa".

— Ah, não é uma mentira. Ela só perde suas memórias quando decide usar a "Flawed Bliss" por conta própria.

— Que exceção conveniente.

— Eu me pergunto… você não acha que é assim que as "caixas" são, para começo de conversa? De qualquer forma, talvez você deva pensar um pouco mais sobre o porquê de ela perder suas memórias.

Ao ouvir esse conselho, lembro-me da conversa falsa que "O" e Aya tiveram mais cedo. *Por que Aya é tão estupida quando se trata da questão de quem é "O"? Foi o que pensei naquela hora.*

Percebo o motivo.

A resposta é: Porque de outra maneira a "Flawed Bliss" não funcionaria. Aya

não deve perceber que “O” foi criado pela “Flawed Bliss”, muito menos que a personalidade de “O” claramente lembra a da verdadeira “Aya Otonashi”. Ela não deve descobrir como sua “caixa” realiza “desejos”. Se ela perceber, sua “Flawed Bliss” não seria falha, mas simplesmente defeituosa.

Portanto, ela precisa esquecer sempre que descobre a verdade por trás desse sistema. Aya e “O” são meramente atores em um grande jogo de gato e rato: ela supostamente deveria obter uma nova “caixa” de sua arqui-inimiga, para que possa tornar seu “desejo” perfeito e livre de falhas.

Contudo, ela jamais será capaz de obter a “caixa” que deseja. É claro que não. O simples ato de enfrentar “O” significa que ela mesma é prisioneira da “Flawed Bliss”.

…

Mas que merda?

Quão fútil é isso? É como fazer castelos de areia que desabam no momento em que uma onda quebra na praia. É isso que a Aya tem feito esse tempo todo? Foi por isso que ela matou sua própria personalidade, gastando uma vida inteira em tormento? É por isso que ela está arriscando sua própria vida?

…

O Kazu já percebeu quão fúteis são os esforços dela? Não, sinto dizer isso, mas ele não é inteligente o bastante para analisá-la de forma tão crítica. Mas ele deve estar sentindo a tensão implícita instintivamente. Deve estar entendendo a verdade por trás da “caixa” dela por instinto.

Exatamente; é assim que Kazuki Hoshino é.

Logo, não há dúvida de que ele tentará esmagar a “Flawed Bliss” para libertar Maria Otonashi desse sistema autodestrutivo. E não preciso dizer que a “Shadow of Sin and Punishment” estará no meio de seu caminho.

— Como exatamente o Kazu esmaga “caixas”? Como ele pode esmagar a minha?

— Se Kazuki-kun tocar seu peito, ele pode remover sua “caixa” e destruí-la. Ele fez exatamente isso com a “caixa” de Iroha Shindou.

— O quê? Shindou foi realmente derrotada? Não, mais importante…

… Com apenas um toque? Hein?

Isso não é bom.

No momento, estou tentando trazê-lo para dentro do “Cinema”. Contudo, se eu conseguir, ele pode destruir minha “caixa” simplesmente encostando em mim…

— Droga, estou num beco sem saída.

Se eu esperar aqui, minha “caixa” será destruída, mas, se chamá-lo aqui e ele tocá-la, ela será destruída da mesma forma. Que porcaria é essa? Isso é injusto

pra caramba!

Certo, devo pensar nisso por meio de termos específicos. Por exemplo, posso colocar meu braço ao redor do pescoço da Aya e fazê-la de refém para prevenir que ele encoste em mim.

Contudo, isso é impossível. Não sou moralmente contra isso, mas é fisicamente impossível; estarei no cinema nesse ponto. A “Wish-Crushing Cinema” força uma apatia insuportável em mim quando tento fazer qualquer coisa exceto assistir o filme que está na tela.

Não posso ameaçar a Aya enquanto enfrento essa apatia.

Então devo fazer a Aya usar a “Flawed Bliss” e esquecer sobre ele, ele estando aqui ou não? Mas isso também não é possível; as coisas não correriam tão bem. Aya disse que não usaria sua “caixa” em ninguém que não a peça literalmente por isso, e seus princípios são inalteráveis. Não tenho tempo o bastante para pressionar a Yanagi ou a Mogi o suficiente para fazê-las quererem usar a “caixa”. Kazu esmagaria minha “caixa” antes disso.

…Não, tem outro problema básico que surge se o poder da “Flawed Bliss” é o equivalente a usar uma “caixa” de “O”.

— Uma pessoa que já usou uma “caixa” pode usar o poder da “Flawed Bliss”?

“O” me responde sem mostrar qualquer reação especial.

— Você não pode usar a mesma “caixa” duas vezes, mas, se for uma diferente, então é possível! Embora, pessoalmente, eu não daria uma “caixa” para a mesma pessoa duas vezes.

O que quer dizer que, em teoria, Yanagi e Mogi podem usar a “Flawed Bliss”. Mas como eu as faço…

— …Ai!

Meu pensamento repentinamente fica lento. Estou perto do meu limite. Minha cabeça dói por causa da descarga de informação que ainda preciso processar adequadamente. Estou provavelmente no meu limite de fatos atordoantes que posso aceitar e entender antes de desligar completamente minha mente.

Olho para o meu relógio. Tenho um minuto antes de ser transportado para o cinema.

— “O”.

Mas ainda tem algo que quero confirmar não importa como. Algo que quero perguntar desde que descobri quem “O” realmente é.

— Sim?

Dependendo da resposta, minha determinação pode falhar. É assim o quão crucial minha pergunta é.

— A “Flawed Bliss” é uma “caixa” externa?

Existem dois tipos de “caixas”: externas e internas. O tipo de uma “caixa” é determinado pela força da crença do “portador” de que seu “desejo” pode se realizar no mundo real.

Então, vamos supor que a “Flawed Bliss” fosse uma “caixa” do tipo interno, refletindo um cenário em que o “portador” não acredita em seu “desejo”. Embora possa variar dependendo do seu nível de poder, uma “caixa” do tipo interna normalmente não afeta o mundo real. Isso significa que todos os milagres que foram criados pela “caixa” até agora…

“Rejecting Classroom”, a “Sevennight in Mud” e a “Game of Idleness”… aconteceram em um mundo falso. Essa história toda não seria mais do que um sonho da Aya.

É claro, o mesmo vale para a “Shadow of Sin and Punishment”. Não posso aceitar um resultado tão hilário, nem seria capaz de suportá-lo. Se a “caixa” dela não for externa, todas as minhas ações terão sido em vão.

— Sim, ela é; e até mesmo de nível dez. Ela acredita que pode fazer os outros felizes com pureza absoluta. Fique tranquilo, suas preocupações são supérfluas.

Parece que ela está dizendo a verdade. Ah, isso é um alívio. As coisas que fiz não acabarão como atos nulos e vazios. Tudo isso… meu plano de elevar o nível de ética no mundo, as punições que infringi em pecadores que ainda não foram punidos, a dor que sofri por causa das “Sombras do Pecado”, o dano que causei à Iroha Shindou, eu ter assassinado Koudai Kamiuchi ou as várias vidas que distorci com a minha “caixa”; nada terá sido nulo e vazio no fim.

Estou aliviado… ou deveria estar.

Verdade seja dita, como “portador”, instintivamente percebi que minha “caixa” é do tipo externo. Mas, como sou uma pessoa que não confia em sua intuição e essa é uma questão de importância crucial, queria ter uma confirmação adicional.

Certo, tem outra pergunta vital; uma que emergiu quando ouvi sobre o poder do Kazu:

— O Kazu é um ser que destrói “caixas”, certo?

— Foi o que eu disse, sim.

— Nós podemos nos tornar “portadores” porque fomos atraídos por nossas “caixas” e as aceitamos. Mas uma pessoa que destrói “caixas” é essencialmente o oposto do que somos.

“O” está ouvindo com um sorriso completamente gentil e sublime.

— Pode alguém que nega as “caixas” a esse nível se tornar um “portador”?

“O” me dá uma resposta curta e precisa:

— Não.

Logo depois daquela conversa, sou transportado pela enésima vez e acabo sentado diante de uma tela novamente.

Em cinco minutos, o último filme, Piercing aos Quinze, irá começar.

Estou cercado por indivíduos inanimados que são meras sombras deles mesmos.

Comparado à audiência dos outros filmes, o número de rostos que reconheço entre os bonecos inexpressivos aumentou. Atrás à minha direita está a verdadeira Yuuri Yanagi, atrás de mim à esquerda está Aya Otonashi. A versão de “O” que assumiu a aparência da Shindou não está mais presente.

Além disso, a anomalia particular dessa “caixa”, o vazio tingido de preto, se aproximou ainda mais e está a apenas dois assentos de distância de mim. A escuridão absoluta… o abismo.

Finalmente está ao meu lado.

— Ah.

É claro.

Kazu não pode se tornar um “portador”. Ele não poderia ter criado a “Wish-Crushing Cinema”. Na verdade, ele não poderia criar uma “caixa” que existe somente para esmagar o meu “desejo”.

Então quem é o verdadeiro “portador” dessa “caixa”?

Alguém que pensa somente em mim…

Alguém que poderia fazer um “desejo” somente por mim…

Só existe uma pessoa que poderia fazer isso.

Ah, sentada ao meu lado, está a protagonista deste último filme.

… Kokone Kirino.

O ar condicionado desse cinema é muito forte. Sinto como se o ar artificialmente frio estivesse criando buracos em minha pele. Toco meu piercing. Já criei tantos buracos em meu corpo... mas ainda não é o bastante. Não há aberturas o bastante.

Kokone.

Não importa quantos buracos eu crio, você simplesmente não deixa o meu corpo. Apenas te ver dessa forma te faz voltar. O calor que você me deu quando te

abracei não sai de mim. O calor gentil que costumava nos cercar conflita com a realidade e tenta me deixar louco com som de trituração que essa ação produz.

Não tem nenhuma maldita forma de eu conseguir terminar este filme.

Minha mente irá quebrar no meio da exibição.

Por quê…

Por quê...

Por quê…

Por que acabou dessa forma?

A “caixa” à qual estou me opondo pertence à Kokone?

Eu estive lutando contra a Kokone?

Não.

Não estamos lutando, não. Algo parece errado.

Então quem estou enfrentando?

Contra o que eu estou lutando?

Como poderíamos ter sido felizes?

Errado.

É errado pensar dessa forma.

Não escolhi a felicidade.

Escolhi a justiça.

Eu devia ter previsto esse resultado.

Essa sempre foi a história da minha ruína final.

Ah, minha mente se despedaçará em breve. Vou mergulhar na ruína. Tudo bem. Só preciso entender, buscar e agir pelo que é certo, e meu corpo continuará lutando por conta própria.

Eu sei que situação é essa.

Chama-se desespero.

Mas, muito tempo atrás, já me banhei em mais desespero do que posso suportar.

Ah.

A tela produz um brilho branco e, no instante seguinte, exibe uma luz vermelha.

Uma cena familiar está se aproximando: o fim de um mundo.

Agora devemos assistir ao extravagante drama romântico de um estudante ingênuo do fundamental. Vai ser um sucesso! Preparem seus lenços! Vocês todos adoram essa merda, não é mesmo? Coisas nas quais alguém sofre, com as quais vocês podem se sentir bem enquanto derramam algumas lágrimas de pena. Por que não comem um pouco de pipoca enquanto aproveitam o espetáculo?

Posso pedir uma salva de palmas, pessoal?

Clap. Clap. Clap.

Clap.

Clap.

Clap clap.

Kazuki Hoshino - 11/09 SEX 22h31min

Mogi-san ainda não consegue andar de cadeira de rodas sozinha.

Isso significa que ela não veio até aqui sozinha e que não foi ela a pessoa que disse “Te encontreeei!”.

— Heh, haha! Que sorte a minha!

Uma garota de aparência inocente está empurrando a cadeira da Mogi-san. Mas a impressão de inocência que tive dura apenas uma fração de segundo. Originalmente inspirada por uma olhada rápida em seus cabelos negros esvoaçantes e no uniforme de marinheira bem arrumado, assim que olho em seus olhos, essa fachada falsa perde o sentido.

Estamos em um beco vazio. Sob a iluminação de um poste de luz, seus olhos estão brilhando com tanta força que, à primeira vista, alguém poderia acreditar que eles perderam a habilidade de refletir luz adequadamente.

Esses olhos são anormais.

— Encontrei vo-cê. Kazuki Hoshino, Kazuki Hoshino, Kazuki Hoshino! — diz ela de forma animada, enquanto rodopia. De repente, ela para e me encara, com os lábios fortemente pressionados. — O inimigo do mestre Daiya.

Instintivamente percebo que ela é um dos fanáticos que Yuuri-san mencionou.

— Mogi-san… o que está acontecendo…?

O rosto da Mogi-san está pálido. Ela ainda está de pijama; provavelmente foi raptada por essa fanática.

— E-ela simplesmente apareceu e me sequestrou sem dizer uma palavra… eu estava assustada… mas não consigo me defender…

Certo, ela não pode revidar em sua condição atual. Essa garota… não, Daiya…

definitivamente recorreu a táticas sujas.

— Eu não tinha ideia do que estava acontecendo. Antes que eu percebesse, ela já tinha me levado do hospital e, então, tomou meu celular e te ligou, Hoshino-kun. Só aí percebi por que ela tinha me raptado.

— Meu celular tocou praticamente no mesmo instante em que fomos encontrados… o que significa que estávamos perto apenas por coincidência…

Por acaso, estamos perto do hospital agora. Foi um problema a serva do Daiya nos encontrar tão depressa, mas acho que eu teria atendido quando visse a chamada da Mogi de qualquer forma. Era apenas uma questão de tempo até essa garota com olhos de alumínio nos encontrar.

A garota começa a acariciar as mãos da Mogi e volta a falar:

— Eu vou quebrá-los.

— Hein?

Como suas palavras não parecem coincidir com a situação, não faço ideia do que está falando.

— Vou quebrar os dedos. Sabe, os dessa garota. Sinto muito.

Os olhos da Mogi-san se arregalam, e ela olha para a garota.

Pego de surpresa, tento fazer algumas perguntas óbvias para conseguir tempo.

— Po-por que você faria isso?

— Hum… porque fui [ordenada]. Pelo mestre Daiya.

— Espere um instante! — Haruaki para de apenas assistir passivamente e entra na conversa. — De que isso vai adiantar?

— Do que vai adiantar? Como eu disse, foi uma [ordem].

— Não é disso que estou falando! Qual é o seu objetivo? Daiya Oomine quer exigir algo de Kazuki Hoshino, certo?!

— Ah, certo. Exato! Minha ordem é forçar Kazuki Hoshino a entrar na “Wish-Crushing Cinema”! — responde a garota, como se não se importasse realmente com seu objetivo.

Sendo uma fanática do Daiya, ela provavelmente não se importa com os meios e os fins do que ele a manda fazer. Ela apenas executa cegamente suas [ordens] sem qualquer senso de prioridade.

— Você não sente nada ao olhar para a Kasumi? Como você pode estar bem com isso?

— Haruaki a censura, visivelmente preocupado com sua declaração.

Após ouvir o que ele tinha a dizer, a garota se apoia na Mogi-san e inclina a cabeça para a direita, olhando para o rosto dela de cima para baixo. Mogi-san

deixa escapar um pequeno grito quando a face subitamente surge diante dela.

— Eu tenho pena dela — admite a garota, para nossa surpresa. — Mas sou muito mais digna de pena.

— O-O quê?!

A garota ergue o rosto e sussurra:

— Eu tenho AIDS, sabem? Morrerei logo. Hmm, pobre de mim. — Mas seu tom de voz se mantém indiferente. — Então? Ela também é uma pobre coitada, e daí?

Nada importa. Para essa garota, Mogi-san ser “digna de pena” é apenas outra coisa que não importa.

A única exceção é sua crença no Daiya.

Ela é insana.

Haruaki fica completamente perdido, impressionado com sua insanidade. Estou convencido de que essa garota irá quebrar os dedos da Mogi-san um por um sem nem sequer piscar. Sem sentir nada, sem pensar sobre o que está fazendo.

Olho para a garota e:

— Ha… há…

Não posso conter um suspiro, seguido por uma risada.

— Ei, ei!

…Qual o problema Daiya?

Você está bem com isso, Daiya? O que houve com seu ódio por pessoas irracionais? Essa garota não é um exemplo clássico de tola irracional?

— O que é tão engraçado…? — pergunta ela, enquanto me encara com seus olhos de alumínio.

Esses olhos são assustadores?

Não para mim.

Muito pelo contrário, na verdade: graças a eles, posso encará-la como sendo apenas um obstáculo. Eles permitem que eu a encare como um obstáculo insignificante para o qual as regras não se aplicam. Renunciar ao raciocínio, se tornar cega e obediente e abandonar qualquer tipo de pensamento independente…

— Hein? Ah!

…também cria várias aberturas.

A garota solta um suspiro assustado quando subitamente me aproximo dela. Contudo, sua falta de raciocínio independente a impede de reagir de forma apropriada.

Pulo para trás dela e a estrangulo com as duas mãos.

— Ah, guh!

Surpresa, ela solta a cadeira de rodas.

— Haruaki!

Apesar de ter sido pego de surpresa pela minha ação repentina, Haruaki aproveita a abertura que criei. Ele rapidamente segura a cadeira e a coloca fora de alcance. Enquanto ela tosse, seguro-a pelo colarinho e a forço contra o chão, sem soltá-la nem por um instante.

Seus olhos perderam o brilho semelhante ao de alumínio e agora estão apenas arregalados. Seu pânico é claramente visível. Mas e daí?

Você pode alimentar com esse pânico um cão ou qualquer outra coisa.

— Sabe, fanatismo é bom e tudo o mais, mas…

Estendo minha mão sobre ela, paro e a enfio em seu peito como uma espada.

— Ah!

— Você também precisa de vontade e determinação.

Removo uma das cópias produzidas em massa da "Shadow of Sin and Punishment".

— Ah…

A garota olha para o objeto que estou segurando; uma grosseira "caixa" que parece um grão de soja preto.

— Pa-pare! Mi-minha ligação! Minha ligação com o mestre Daiya está desaparecendo! — grita ela, desesperada.

— Tal coisa nunca existiu! Apenas fique quieta, está bem? — zombo.

Não preciso me segurar contra pessoas que ficam entre mim e a Maria.

Crush.

…Plop.

Era ridiculamente frágil; foi como esmagar uma formiga.

— AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAH!

A garota desmaia, assim como Iroha-san quando destruí sua "caixa".

— Há.

Que sentimento vazio.

Apenas fiz algo que sou capaz de fazer. Isso é tudo.

Eu me levanto e tiro a poeira das minhas roupas enquanto encaro a garota

desmaiada. Subitamente percebo que Haruaki está me encarando com os olhos arregalados.

— Qual o problema, Haruaki?

— Ah, hmm… apenas fiquei surpreso com o que você acabou de fazer.

— Ah, agora sou capaz de remover “caixas” e esmagá-las.

— A-Ah, entendo…

No entanto, apesar da minha explicação, ele ainda parece desconfortável.

— Hã? Tem mais alguma coisa?

— Ah, sim. Bem… você com certeza não se segura, não é mesmo?

— Me segurar? Por que eu deveria? Aquela garota estava prestes a quebrar os dedos da Mogi, não estava? Ela não teria hesitado, e você sabe disso, não sabe?

— Si-sim. O que você fez foi correto sim.

Correto.

Sim, correto.

E isso me faz ficar confuso sobre o porquê de o Haruaki estar tão perturbado. De qualquer forma, Mogi-san é minha prioridade nesse momento. Ajoelho-me e sorrio para ela.

— Você está bem?

— O-obrigada.

Embora eu esteja falando gentilmente, ela parece estar tão perturbada quanto o Haruaki.

…Tudo bem, eu admito. Meu comportamento foi um pouco estranho.

Enquanto tento justificar minhas ações silenciosamente, tentando me convencer de que não havia espaço para hesitação, olho para ela e percebo algo.

— Hm? Mogi-san? Tem algo escondido no bolso da sua camisa?

— Uh. — Ela deixa escapar enquanto desvia o olhar.

Que reação foi essa?

O quê…? Antes que eu possa continuar, Haruaki toca minhas costas.

— Problemas, Hoshii! Aquele grito alertou os vizinhos!

Olho ao redor e percebo que a luz de entrada de uma casa próxima se acendeu, acompanhada por vozes assustadas.

É claro. Talvez não tenha muito tráfego por aqui, mas não é completamente desolado como local onde lidei com a Iroha-san. Isso me faz perceber mais uma vez o quão descuidada a garota de alumínio foi, tentando cometer um crime em tal

lugar.

— O que devemos fazer? Não quero perder tempo aqui tendo que explicar o que aconteceu.

— Embora esteja preocupado com ela, nós precisamos ir. Vamos pelo menos apoiá-la contra um muro; se nós a deixarmos caída no chão, podem achar que a atacamos. Acho que a polícia pode cuidar dela.

Eu assinto, e nós prosseguimos de acordo com a sugestão do Haruaki.

Após fugirmos, vamos em direção ao dormitório em que a Kokone está se escondendo. Contudo, temos um problema. Mogi-san.

Ela não sabe sobre a situação atual. Contudo, não posso simplesmente contar a ela sobre as “caixas” e envolvê-la nisso. Por outro lado, também não podemos simplesmente largá-la no hospital, Daiya pode dar outra [ordem] visando-a.

Devemos explicar parcialmente o que está acontecendo? E está tudo bem em envolvê-la, embora ela nem sequer possa se mover por conta própria?

— Mogi-san, o que você quer fazer agora? — essa pergunta escapou por entre meus lábios, já que não consigo chegar a uma decisão por conta própria. Mesmo assim, sei que ela é incapaz de tomar uma decisão direito, uma vez que está completamente no escuro.

Haruaki continua empurrando a cadeira dela, e Mogi-san permanece em silêncio por alguns instantes. Ela finalmente responde, parecendo incomodada:

— O que… seria melhor para você?

Essa pergunta parece perfeitamente aceitável, mas algo está me incomodando. O que ela está dizendo simplesmente não é natural. Você normalmente não perguntaria primeiro o que está acontecendo, ou pelo menos agiria de forma mais confusa?

— Me desculpe, Mogi-san!

— Quê? Ah!

Essa coisa que ela está escondendo está incomodando há algum tempo. Coloco minha mão dentro da jaqueta dela e sinto algo duro. Ela fica vermelha como um semáforo e tenta resistir um pouco, talvez por pânico, ou por vergonha por eu estar tocando nela. Mas ela resiste com tão pouca força que facilmente tomo o objeto duro dela.

E acabou por ser…

— Uma arma de choque…?

Por quê? Por que a Mogi-san está carregando tal arma? Ela realmente teve tempo de pegar essa arma de choque em segredo quando foi sequestrada por aquela fanática? Por que ela sequer teria uma arma de choque em seu leito, para começo de conversa?

A resposta mais razoável seria:

Mogi-san preparou a arma de choque antes do ataque.

Em outras palavras:

Ela sabia que seria atacada por um dos fanáticos do Daiya. Além disso, percebi algo quando encostei nela. Algo que é fácil de perceber agora que obtive a “Empty Box”.

…Mogi-san é uma “portadora”.

…Mogi-san é uma [serva].

Se ela sabia que seria atacada, por que não usou a arma de choque imediatamente? Em quem essa arma de choque deveria ser usada?

Que tipo de [ordem] Daiya deu a ela? Se ele deu uma [ordem] a ela, quem seria o alvo…?

— Eu não queria contar — sussurra Mogi-san. — Eu não queria contar que recuperei minhas memórias sobre as “caixas”. Porque…

Ela segura a manga da minha camisa de leve.

— Porque também me lembrei que desisti de você.

— Hein?

Eu absolutamente não esperava por isso. Achei que, como uma [serva], ela fora [ordenada] a me atacar, mas, agora que penso nisso, Daiya não se incomodaria em usá-la de forma tão ineficaz.

Então, o motivo pelo qual ela parece tão desconfortável é…

— Eu me lembrei do que aconteceu dentro da “Rejecting Classroom” — diz ela, cabisbaixa.

…porque ela não queria que eu soubesse que suas memórias sobre aqueles dias de desespero voltaram.

— Mas eu esqueci quase completamente dos detalhes, provavelmente porque minha memória já estava bastante confusa e desordenada quando estava dentro da “caixa”.

Pelo menos nisso ela teve sorte. Se suas memórias tivessem voltado completamente, ela poderia não ser capaz de sequer falar comigo.

— Mas devo ter causado a você e à Otonashi-san vários problemas. De alguma forma, sei disso. E tem outra coisa da que me lembrei.

Ela solta o meu braço.

— Você claramente me rejeitou — diz ela, com o sorriso mais brilhante que consegue mostrar.

Certo.

Nosso romance terminou naquele momento, de uma vez por todas.

Acabou.

Gastei uma vida inteira para acabar com ele.

Essa decisão é absoluta e não deve ser revogada.

E, mesmo assim, fui frio a ponto de manter uma foto de seu sorriso encantador em meu celular. Aquilo foi um erro. Não agi de acordo com minhas decisões.

— Mas isso não muda nada, Hoshino-kun. Você sempre foi e sempre será minha fonte de esperança.

Mogi-san parece perfeitamente alegre enquanto fala comigo. Ela pode aceitar isso? Bom, isso ainda não é desculpa para eu não falar nada; devo muito a ela, e ela merece ouvir isso da minha boca. Mas foi Mogi-san quem mudou de assunto.

— Hmm, mas agora nós não deveríamos estar falando sobre mim, não é?

— Bom, mas…

— O Oomine-kun está planejando fazer a Otonashi-san perder suas memórias!

— O quê?!

As coisas que eu queria dizer para a Mogi-san desapareceram da minha mente. Sinto muito, mas ela está certa… tenho outras prioridades nesse momento. Afinal de contas, Maria perder as memórias seria… um golpe fatal. Meu objetivo não é simplesmente destruir a “Flawed Bliss” da Maria… é persuadi-la a abandonar sua “caixa” por vontade própria.

Mas, obviamente, não tem como persuadi-la se ela perder suas memórias. Aos olhos da Maria, eu seria reduzido a apenas um estranho. Devido a sua vontade de ferro, será difícil o bastante convencê-la da forma que ela está agora — Deus me livre de tentar fazer isso no papel de um estranho para ela. Deixá-la perder suas memórias sobre mim é o equivalente a perder toda a esperança. Mas como eles pretendem fazer isso? …Não, isso é bem fácil, não é mesmo? Só precisam fazê-la usar a “Flawed Bliss” em alguém. Maria mencionou que poderia apagar suas memórias usando esse método.

— Tch, Daiya…!

Nada mal! Não importa o quão encurralado esteja, ele ainda dá um jeito de atingir o meu ponto fraco.

— Mogi-san... — dirijo-me a ela, rangendo os dentes, sem outra escolha a não ser obter mais informação. — Como você descobriu isso?

— Você já percebeu que possuo uma “Shadow of Sin and Punishment”, certo?

— Sim.

— Eu recebi uma [ordem] mais cedo.

— E o que era?

— Fui [ordenada] a me preparar para o ataque de um [servo]. Também recebi instruções para entrar em contato com você.

Em outras palavras, a arma de choque realmente era para se defender contra aquela garota, no final das contas. Ela provavelmente não a usou imediatamente porque a garota roubou seu celular e porque sabia que a garota tentaria entrar em contato comigo.

— Você queria entrar em contato comigo para me contar sobre o plano do Daiya de apagar as memórias da Maria, certo?

— Certo!

Ok, entendi isso. Eu entendi, mas…

— Mas espera aí, por que o Daiya faria isso? Por que ele iria querer que eu soubesse de seus planos?

— Hein?

A reação da Mogi-san deixa tudo claro.

Certo. É claro que ele não faria isso. Aquela [ordem] veio… de um [mestre] diferente. Porém, deveria ter apenas uma pessoa além do Daiya com o poder de [mestre], ou seja, Iroha-san. Duvido que ele confiaria esse poder a qualquer outra pessoa. Além disso, Iroha-san disse que ela era a única [mestra] além dele.

— Mas…

Mas existe uma pessoa a quem Iroha-san pode ter dado esse poder em segredo. Alguém em quem ela confia, alguém sensível o bastante para impedi-la quando viesse a hora da crise.

O nome dessa pessoa é…

— Yuuri-san.

Uma expressão de surpresa aparece no rosto da Mogi-san.

— O quê?

Eu estava bem confiante de que minha lógica estava certa, mas parece que errei.

— Parece que… eu estava errado?

— Você não está!

— Hmm?

— Por que você me chama pelo sobrenome e usa o primeiro nome da Yanagi-san quando fala com ela?

…

Hein?

— Você está incomodada com isso?

— E-eu estou! — reclama ela, corando.

Pelo que parece, eu estava errado sobre estar errado.

— Hmm…

De qualquer forma, a origem da [ordem] da Mogi-san é a Yuuri-san, no final das contas. Ela queria me comunicar sobre o que aconteceu dentro do “Cinema” usando a Mogi-san. Isso prova que eu estava certo em enviá-la ao Daiya.

Contudo...

Enviá-la até lá pode ter criado um problema: Daiya pode usar a Yuuri-san para eliminar as memórias da Maria sobre mim.

— Hoshii, e agora? A situação parece ter mudado completamente. Nos escondermos como sugeri mais cedo é inútil, certo?

Assinto.

— Não acho que podemos mais evitar as ameaças do Daiya nos escondendo.

— Sim.

— E suas [ordens] provavelmente se tornarão mais extremas. Ele pode até usar a mídia, afinal de contas.

Haruaki fica em silêncio, talvez pensando sobre a mulher que apareceu como cão humano na TV.

— Seus fanáticos também são perigosos, embora nós tenhamos conseguido enfrentar aquela garota de alumínio sem maiores problemas. Eu realmente não achava que eles acreditavam tão cegamente nele! Temo que possam nos atacar mesmo sem serem [ordenados], assim que descobrirem que o Daiya está prestes a perder seus poderes.

— Ugh, então o que devemos fazer?

Só há uma solução.

— Preciso entrar na “Wish-Crushing Cinema”.

Eu teria preferido apenas esperar, é claro.

Contudo, vou entrar no “Cinema””.

Isso significa que vou usar a “Empty Box” para destruir a “Sombra” dele. Em outras palavras, vou usar o poder de esmagar “caixas” diante dos olhos da Maria. Eu não queria mostrar esse poder para ela. Quer dizer, sequer é possível persuadi-la a abandonar sua “caixa” se ela souber que posso facilmente esmagá-la? Esse é um tipo de persuasão que lembra coerção e ameaça; é como segurar uma faca e dizer a alguém “se corte com essa faca, por favor. Ah, mas eu certamente não farei nada contra você!”. Eu sei que a Maria me abandonou permanentemente, mas fazer isso irá piorar ainda mais a situação.

Dito isso, não tenho outra escolha.

Se eu ficar aqui no mundo real sentado esperando e Maria perder suas memórias por causa da Yuuri-san, minha derrota será absoluta e irreversível. Olho para as palmas das minhas mãos. São mãos completamente normais, e menores do que as do Haruaki. Mas o poder soberbo de destruir “desejos” habita dentro delas.

— Com essas mãos, vou derrotar o Daiya — digo, cerrando os punhos.

Haruaki, que esteve me observando, assente levemente diante dessa atitude.

— Entendo, você vai até o Daiyan.

Ao dizer isso, ele olha para longe, pensando… ou hesitando… sobre algo.

— Tenho um pedido — diz ele, com um olhar determinado fixado em mim. — Leve a mim e a Kiri com você.

Ele se curva.

Não, vai ainda mais longe. Ele se ajoelha e se prostra diante de mim.

— Ha-Haruaki…

— Por favor! —grita ele, pressionando sua testa contra o chão. — Quero salvar o Daiyan, e, se alguém pode fazer isso, é a Kiri. A relação deles não pode ser mais distorcida. Eles atormentam um ao outro, eu sei. Mas, mesmo assim… mesmo assim, acho que ela é a única que pode salvá-lo. — Ele ergue a cabeça, seus olhos umedecidos. — Eu quero ajudá-los, quero que possam viver juntos! Mesmo que as coisas não terminem bem, quero ver o final disso não importa o quê.

A seriedade de seu pedido é evidente.

Contudo, hesito em responder.

Estou considerando as desvantagens que virão se eu levá-los comigo. Maria é, e continuará sendo, minha maior prioridade. Estou enojado com minha própria frieza, mas, novamente, sou o “Cavaleiro” da Maria.

— Hoshino-kun…

A princípio, achei que a Mogi-san estava prestes a me repreender.

Mas algo está errado; ela está pálida.

— Qual o problema?

— Eu acabei... acabei de receber uma mensagem da Yuuri-san... — Mogi-san completa.

— Otonashi-san se tornou uma [serva].

Scene 4
『Piercing at Fifteen』
(2/3)

Piercing aos Quinze [2/3]

11. PARQUE – DIA

A câmera está focada em um campo de beisebol dentro de um amplo parque. O som de crianças brincando ecoa ao fundo, mas ninguém está perto de DAIYA e KOKONE.

Um DAIYA de cabelos pretos está em cima da área do arremessador, enquanto KOKONE se empoleira na base principal, apoiada em um muro. Ela está usando óculos.

A vista panorâmica aos fundos do parque é iluminada por campos brilhantes de trigo dourado.

DAIYA: Vamos lá!

DAIYA arremessa a bola gentilmente, para que seja fácil para KOKONE pegá-la.

Visivelmente tensa, KOKONE se prepara e estende a luva. A bola ricocheteia na luva e rola para longe. Ela corre apressadamente atrás da bola e tenta devolvê-la, mas seu arremesso acaba não alcançando o DAIYA.

Esse ciclo se repete várias vezes.

DAIYA: Você é péssima!

DAIYA ri alegremente enquanto recupera a bola que saiu completamente de seu curso.

KOKONE: Uuh! Sinto muito!

KOKONE de alguma forma consegue pegar a bola, segurando a luva com as duas mãos, mas falha novamente ao tentar devolver a bola para DAIYA.

KOKONE: Daiya... jogar comigo não é chato?

DAIYA: Bom, é verdade que não consigo realmente praticar desse jeito.

Ele pega a bola que vem rolando em sua direção.

DAIYA: Mas não faz mal!

KOKONE: Mas eu não consigo jogar muito forte... e meus arremessos sempre vão para o lado errado...

KOKONE arremessa a bola para longe novamente, e DAIYA vai

atrás dela.

DAIYA: Você pode arremessá-las para onde quiser!

Ele se abaixa para pegá-la.

DAIYA: Eu pegarei todas.

DAIYA sorri, ele realmente quis dizer isso. Mesmo assim, KOKONE não quer depender dele para sempre, então corre até ele para pegar algumas dicas de como jogar corretamente.

KOKONE escuta calmamente enquanto DAIYA explica coisas como técnicas de arremesso e postura adequada. De alguma forma, ele parece estar se divertindo.

KOKONE: Ok, aqui vou eu!

KOKONE arremessa algumas bolas; seu desempenho melhorou um pouco. À medida que o tempo, ela gradualmente vai melhorando.

KOKONE: Vai!

A bola voa diretamente para a luva de DAIYA.

DAIYA: Você conseguiu.

DAIYA sorri.

KOKONE: Eu consegui.

KOKONE sorri.

12. PARQUE – UMA NOITE DE INVERNO

O cabelo de DAIYA está tingido e sua orelha direita perfurada. Ele está arremessando uma bola de beisebol furiosamente contra um muro de concreto.

Toda vez que a bola bate na parede, ouve-se um baque surdo ruidoso. Não há ninguém apanhando seus arremessos; ele está sozinho. Os campos de trigo foram ceifados.

DAIYA: ...Hah...hah...

Ele se prepara e arremessa. Por ter colocado muita força no arremesso, a bola voa alto, direto para a cerca sobre o muro, e fica presa. Não há como recuperar a bola.

DAIYA fica parado em silêncio, encarando-a.

KOKONE (Monólogo): A pureza é

KOKONE (Monólogo): bela

KOKONE (Monólogo): frágil

KOKONE (Monólogo): e insubstituível.

Daiya Oomine - 11/09 SEX 22h50min

Estou no meu limite.

Um alarme está tocando em minha cabeça, como um alerta de terremoto.

Na tela, posso ver Kokone Kirino antes de tingir seus cabelos, e meu antigo infantil e ingênuo eu.

Eu estava preparado.

Estava preparado para o que “Piercing aos Quinze” ia me mostrar. Mas estar preparado não significa estar prevenido; a dor que sinto ao assistir persiste.

— Ah.

Eu vou.

Eu vou.

…Eu vou.

É como se uma força hostil estivesse me prendendo ao meu assento com lâminas afiadas. A coloração do mundo mudou, manchada com uma cor lamacenta chamada realidade.

Tenho a sensação de que o mundo inteiro está contra mim. Toda a hostilidade à qual me acostumara está me consumindo mais uma vez. O mundo no filme é tão belo que a diferença, a sujeira, do mundo de hoje se sobressai totalmente, crua e terrível.

Ah.

Quero desmaiar.

Quero me livrar dessa tortura.

— Mestre Daiya.

Minha consciência está quase se desvanecendo quando é puxada de volta à realidade por uma voz que me chama com um título desagradavelmente exagerado.

Lutando contra o estupor que o “Cinema” impõe em mim, me recomponho e viro minha cabeça em direção à voz. Uma mulher desconhecida está próxima à entrada do cinema, de pé. Embora não consiga reconhecê-la imediatamente por causa de meu estado enfraquecido, rapidamente percebo quem ela é. Seu rosto não é muito familiar, mas, entre os meus [servos], apenas os mais fanáticos me chamam de “mestre”.

Não é, contudo, a aluna de ensino fundamental fanática que encontrei em Shinjuku há algum tempo; Ela não é minha única adoradora fanática. Ah, agora me

lembro. A mulher que está vindo em minha direção é uma estudante universitária que tentou cometer suicídio repetidamente. Como os outros fanáticos, ela equivocadamente experimentou uma teofania quando usei a “Shadow of Sin and Punishment” nela.

Ironicamente, alguém tão impuro é a única coisa que pode me acalmar agora. Provavelmente, é por que ela me lembra da realidade que vivenciei, a qual é o oposto da cena calorosa mostrada no filme. Que terrível, alguém tão horrível quanto ela me ajudando a me recompor.

— Qual é o problema?

Mesmo que minha dor de cabeça e náusea continuem me atormentando, eu me recomponho o bastante para me lembrar da tarefa que dei a ela. Mandei-a observar o Kazu.

Para a minha outra fanática, a aluna do ensino fundamental, dei uma [ordem] para que usasse a Mogi para forçar o Kazu a vir aqui… e que quebrasse alguns dedos da Mogi, se necessário. Ao mesmo tempo, também [ordenei] a esta universitária que seguisse a aluna do fundamental secretamente. Eu estava certo de que o Kazu estaria ocupado demais lidando com a Mogi e com a primeira fanática para detectar a presença de outro de meus [servos]. Também [ordenei] que entrasse na “Wish-Crushing Cinema” em seguida, para reportar suas descobertas.

A universitária se aproxima de mim e se ajoelha, como uma escrava fiel. Dá pra ver que está nervosa.

Chego à conclusão óbvia:

— A ameaça falhou?

— Sim.

Isso é natural, considerando o poder que o Kazu obteve. Dei aquela [ordem] antes de falar com “O”, e desde então descobri sobre o poder do Kazu de destruir “caixas”. Então, eu já havia desconsiderado esse ataque.

Entretanto, não esperava tal continuação da mensagem:

— Mas isso não é tudo; ele deduziu os seus planos!

Incapaz de engolir a mensagem dela, franzo o rosto.

— O que você quer dizer? O quanto ele sabe?

— Ele sabe que seu objetivo é apagar as memórias de Aya Otonashi, Mestre Daiya!

Como isso é possível? Nem preciso dizer que não falei desse plano fora da “Wish-Crushing Cinema”, portanto, não tem como isso ter vazado.

— Se alguém contou a ele... talvez tenha sido “O”? …Não, é pouco provável que ela tenha feito isso depois de dizer que Kazu é inimigo dela. Então isso deixa…

— Perdão, mas quem revelou o plano foi Kasumi Mogi.

— Mogi?

Mogi sabe o que está acontecendo dentro do “Cinema”? Como isso é possível?

Considero minha pergunta por um momento e chego a uma resposta imediatamente. Viro-me para minha direita. A fonte do vazamento; a garota que considerei estar completamente fora do jogo.

— Yuuri Yanagi.

— Hein? Sim? — diz ela, arregalando os olhos. Parece completamente ignorante.

Mesmo assim, pouco a pouco, estou começando a entender sua encenação.

— Shindou compartilhou o poder dela com você? Sem minha aprovação? — digo, tendo compreendido a situação.

Yanagi não se dá ao trabalho de tentar disfarçar, em vez disso, mostra um sorriso contente.

— Hihihi — ri ela discretamente, logo antes de sua expressão se tornar completamente gélida. — Não posso fazer nada se você descobriu. Sim, você está certo. E Kasumi-san é minha única [serva] — admite ela.

Sua atitude provocativa faz com que a universitária ao meu lado a encare com o rosto transbordando de inimizade. Sinalizando com a minha mão para que a fanática se mantenha afastada, continuo conversando com a Yanagi.

— Você esqueceu que minha vitória irá te ajudar a se aproximar do Kazu ou o quê?

— Hein? Do que você está falando? Eu disse isso antes, mas por que me submeteria a alguém que já me matou? Fico enjoada com o fato de que você parece pensar que pode controlar uma garota dessa maneira, então, pode me fazer o favor de queimar até a morte?

Essa garota não tem limites.

Com o poder da minha “caixa”, posso estimular sua “Sombra do Pecado” e atormentá-la o quanto quiser; posso mandá-la fazer o que eu quiser. Apesar disso, ela ainda encontra maneiras de me desafiar. Espero por suas próximas palavras, já planejando atormentá-la com sua “Sombra do Pecado” quando ela terminar.

No entanto…

— Brincadeirinha — diz ela, sorrindo.

— O quê?

— Só estou brincando, Oomine-san! Por favor, não fique irritado. As coisas não são como parecem… estou te ajudando, como prometi.

Eu definitivamente não posso confiar nela, mas decidi deixar de lado a ideia de

atormentá-la por enquanto e investigar suas verdadeiras intenções.

— Está dizendo que meu plano vazar me ajuda?

Parece uma desculpa esfarrapada.

Todavia, Yanagi responde, absolutamente convicta:

— Sim!

Que atitude é essa?

Yanagi não é estúpida. Ela deve estar perfeitamente ciente de que, como um [mestre], estou praticamente segurando uma faca contra o pescoço dela. Como ela pode estar tão confiante de que não vou usar essa faca?

— Apenas imagine como o Kazuki-san reagiria se descobrisse que você está tentando apagar as memórias da Otonashi-san.

Finalmente entendo aonde ela quer chegar.

— Então você está me dizendo que o que você fez foi —, presumo, — uma armadilha para atrair o Kazu para dentro da “Wish-Crushing Cinema”?

Yanagi assente de forma lenta e estressante.

— Sim. Você não concorda que essa é a melhor ameaça? Não há porque fazer algo tão horrível quanto quebrar os dedos da Kasumi-san!

Aquela estratégia envolvendo a Mogi era apenas uma distração, uma contramedida contra “O”, já obsoleta. É compreensível que Yanagi a considere uma escolha ineficaz.

— Otonashi-san. O Kazuki-san virá, certo? —pergunta ela, virando-se para Aya, em busca de confirmação.

Aya, que se manteve fora da nossa conversa até agora, responde:

— Sim… sem dúvida.

O que ela diz pode ser encarado como fato.

— Está vendo, eu te ajudei, Oomine-san!

Graças à Yanagi, Kazu está vindo para cá.

Nós vamos nos confrontar diretamente. Caramba…, penso em silêncio, obrigado por tirar esse peso das minhas costas. Não é como se eu não tivesse considerado usar meu plano de apagar as memórias da Otonashi para ameaçá-lo; eu estava bem ciente de que poderia trazer o Kazu até aqui dessa maneira.

Mas por que eu assumiria tal risco?

Se souber das nossas intenções de antemão, ele pode planejar seu contra-ataque mais efetivamente… a probabilidade de ele impedir nosso plano aumenta. Isso fica ainda mais preocupante sabendo que ele possui a esmagadora habilidade de destruir “caixas”.

Se Yanagi queria me ajudar, ela deveria ter pensado em uma estratégia completamente diferente e repassado essa estratégia à Mogi. Deixando isso de lado, é surpreendente ela ir tão longe para separar o Kazu da Otonashi…

— O Kazu te odiaria por isso.

— É claro que não! Do que você está falando? —responde ela, casualmente. — Afinal de contas, eu tentei tudo o que podia para te impedir de machucar a Kasumi-san e, além disso, revelei seu plano a ele, não foi? Na verdade, ele tem razões para me agradecer, e nenhuma para me odiar, com certeza.

…Do que ela está falando? Mas agora que penso sobre isso… ela está certa. Do ponto de vista do Kazu, a escolha da Yanagi de revelar o meu plano a faz parecer uma aliada. Também é verdade que ela tentou proteger a Mogi. Essa garota está realmente assumindo o papel que o Kazu deu a ela.

Ela está planejando suas ações cuidadosamente, para manter sua posição favorável aos olhos dele.

— Que grande ajuda…

Suas ações também servem para se proteger. Agora que o Kazu sabe que estou tentando apagar as memórias da Aya, ele perceberá que a Yanagi é um alvo provável para a “Flawed Bliss”; sua resposta natural será tentar prevenir isso… ou seja, encontrar uma maneira de proteger a Yanagi.

O que a Yanagi fez foi aumentar as chances dela de ser salva.

— Bom, você pode até achar isso, Yanagi, mas acaba de cavar sua própria cova…

— Hã? — ela murmura, arregalando os olhos.

Agarro a “Sombra do Pecado” dela.

— Ah… AAAH!!

Novamente, ela está experimentando a culpa pelos assassinatos que cometeu dentro da “Game of Idleness”.

— AAAAAAAH! AAAAAAAAAAAH!!

Não tem como suportar essa dor.

— Eu considerava necessário usar a “Flawed Bliss” diante dos olhos do Kazu para causar um impacto massivo, mas a história é diferente se ele sabe que vou apagar as memórias da Otonashi e sabermos que ele está vindo. O Kazu saberá o que aconteceu se ele chegar e a Otonashi já tiver perdido as memórias. Ao confrontá-lo dessa maneira, destruiremos a determinação dele.

Yanagi cai de seu assento.

— AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAHHHH!

— Alegre-se, suas ações causaram a ruína do Kazu. Agora, desespere-se e

implore pela “Flawed Bliss”.

Seu pecado é assassinato. Yanagi pode ser astuta, mas, no fundo, ela é uma boa pessoa… pura, o oposto de um criminoso. Não há como ela suportar um pecado tão pesado.

E mesmo assim…

— …Eu me recuso. — Ela solta essas palavras, me surpreendendo. — Eu me recuso. Fazer isso seria o mesmo que ser derrotada pela “Game of Idleness”. Não há dúvidas de que sou um monstro por fazer o que fiz, mas aquelas ações foram inevitáveis. Não havia outra forma de sobreviver. Se eu não tinha outra escolha… não importa o que é certo e o que é errado… só tenho que aceitar.

— Pare de falar merda, assassina.

— Calado! Não vou desperdiçar os esforços dele. O Kazuki-san me visitou todo santo dia quando me tranquei em casa e pacientemente me explicou que eu não tinha outra alternativa. Ele me perdoou. Então não importa o quão dolorosos eles sejam, não vou perder para os meus pecados… não vou!

— Por quanto tempo você será capaz de continuar dizendo isso?

Não importa o que diga, ela não conseguirá suportar por muito tempo. Só preciso esperar até que comece a implorar por piedade.

Entretanto:

— Pare, Oomine! — Aya grita. — Não usarei a “Flawed Bliss” se você forçar alguém a pedir por ela!

Largo a “Sombra do Pecado” da Yanagi.

— Não ouse fazer isso de novo! Certo, me decidi: absolutamente não usarei minha “caixa” se você fizer alguém sofrer por ela!

Ela está completamente séria. E então, Yanagi escapa de sua dor.

— Uh… aah… aah… — resmunga Yanagi, enquanto me encara com os olhos cheios de lágrimas. — …Uh… haha… ouviu isso…? Ela não vai usá-la da forma que você quer… bem feito!

Com o que resta de sua força, ela sobe em seu assento e desmaia, completamente imóvel, na mesma posição em que caiu. Ela sussurra:

— Kazuki-san…

Apelando pela simpatia do Kazu mesmo que ele não esteja aqui?... De qualquer forma, agora eu entendo: Yanagi contou meus planos a ele porque quer me impedir.

— Tch, vadia estúpida…

É uma pena. Meu plano teria funcionado perfeitamente se eu tivesse a convencido… Ou foi por causa do Kazu que ela conseguiu resistir ao poder da minha “caixa”? Porque Kazu enfrentou a “Game of Idleness” e pacientemente

ajudou a Yanagi a se recuperar, também?

Uma onda de exaustão invade meu corpo. Desabo no meu assento. Enquanto isso, a garota fanática ainda está em uma posição entre de pé e ajoelhada, olhando-me de forma preocupada.

Ela está me dando nos nervos.

— Suma.

— Hã?

— Suma da minha frente.

Ela parece infeliz, mas, já que confia completamente em mim, jamais desobedeceria minhas ordens. Ela se levanta e deixa o cinema, como ordenado.

Cena após cena, o filme continua a rodar.

Logo terei que assistir a Rino queimar as costas da Kiri com cigarros.

Certo, minha vantagem foi anulada pela Yanagi. Minha dor de cabeça e náusea estão piores e estou ficando cada vez mais fraco, mas preciso organizar minhas ideias e lidar com a situação mesmo assim.

Com as mãos na minha cabeça, tento rever meus planos. Minha situação ficou pior depois do fim de Repetir, Recomeçar, Recomeçar. Ocorreram cinco mudanças das quais tenho conhecimento:

"O" não é mais aliada do Kazu.
Kazu obteve o poder de destruir "caixas".
Eu percebi que Kokone Kirino é a "portadora" da "caixa" em que estou.
Kazu está vindo para cá.
Aya não usará a "Flawed Bliss" se eu forçar alguém a pedir por ela.

Considerando as novas informações, preciso mudar minhas táticas. Originalmente, planejava destruir a determinação do Kazu; destruir sua determinação e forçá-lo a abandonar a "Wish-Crushing Cinema".

Eu estava errado. Mesmo que conseguisse derrotar o Kazu, ainda seria derrotado, porque Kiri continuaria em poder do "Cinema". Mesmo assim, ainda é necessário destruir a determinação do Kazu; é absolutamente necessário neutralizar seu poder destrutivo.

As seguintes condições são suficientes para alcançar minha vitória:

1. Trazer a “portadora” do “Cinema”, Kokone Kirino, para cá antes do fim do dia onze de setembro e fazer com que ela abandone sua “caixa”.

2. Destruir a determinação de Kazuki Hoshino antes que ele possa encostar no meu peito. Realizar isso fazendo com que Aya use a “Flawed Bliss”, o que fará com que perca suas memórias sobre Kazuki Hoshino.

Que droga é essa? Como posso alcançar essas condições?

Para começo de conversa, como eu deveria trazer a Kiri até aqui? Como deveria fazer com que ela abandone sua “caixa”? Como posso persuadi-la, quando o propósito de sua “caixa” é exclusivamente destruir a minha? Não tem como eu mudar crenças firmemente enraizadas de alguém em apenas uma hora. Em vez disso, preciso encontrar uma maneira de destruir a “caixa” dela à força.

Mas não tenho como fazer isso. É impossível.

Além disso, como eu posso fazer com que a Aya use a “Flawed Bliss”? Serei forçado a trazer um amigo do Kazu até aqui que, além de tudo, precisa estar interessado em usar a “Flawed Bliss”. Mesmo que eu consiga fazer isso, duvido que essa pessoa seja capaz de tomar a decisão de aceitar a “Flawed Bliss” tão rápido, o que dará ao Kazu a oportunidade de destruir minha “Shadow of Sin and Punishment”. Afinal de contas, ele só precisa tocar no meu peito.

Impossível.

A menos que haja uma possibilidade de eu controlar as ações de Aya Otonashi, minha vitória será impossível.

...

Espere.

Ah, então, seria essa a solução?

Só há uma condição necessária para a minha vitória.

E ela é…

…transformar Aya Otonashi em minha [serva].

Só há uma maneira de me livrar da “Wish-Crushing Cinema”… usar o poder do Kazu para destruí-la. Posso dar [ordens] até mesmo para fazer alguém suicidar. Se eu ameaçasse fazer com que a Aya cometesse suicídio, Kazu não teria escolha a não ser me obedecer e esmagar a caixa da Kiri.

Eu seria capaz de forçar Aya a usar a “Flawed Bliss” com uma [ordem] e derrotar o Kazu apagando as memórias dela diante de seus próprios olhos. Se eu transformar Aya Otonashi em minha [serva], posso alcançar minhas duas condições de vitória.

Contudo.

— Não tem como eu fazer isso… — sussurro, enquanto assisto Kiri se debatendo desesperadamente contra seus agressores na tela.

— Pare! Po-por que você está fazendo isso comigo, Rino?!

Aya Otonashi é conhecida por sua determinação de ferro. Não tem como ela se tornar uma [serva]. Sequer pensar sobre tomar esse rumo é uma perda de tempo.

— NÃÃOOOOOOOOOO!

Minha resistência diminui quando ouço o grito que ecoa pelos autofalantes, corroendo meu coração. Tento tocar um dos meus piercings e falho. Não consigo nem sequer reunir forças para erguer minha mão até minha cabeça.

Fim.

Fim.

Fim.

Fim.

Fim.

Termine de uma vez! Merda!

— Já…

Já é o bastante.

Hora de desistir.

Hora de desistir de tentar construir meu mundo ideal com minhas próprias mãos.

— Devo matá-los?

Devo matar Kazuki Hoshino e Kokone Kirino?

É possível, se eu usar meus [servos].

Se eu o fizer, posso eliminar tanto a “Wish-Crushing Cinema” quanto o poder do Kazu de destruir “caixas”.

Eu sei. Minha mente irá se despedaçar se eu o fizer. Já estou no meu limite; não há dúvidas de que vou quebrar.

Entretanto, não serei capaz de manter minha sanidade por muito mais tempo. Preciso encontrar alguém que aceite minha responsabilidade, antes que seja tarde demais; preciso dar o poder da “Shadow of Sin and Punishment” a alguém que seja capaz de usá-la.

Até a Shindou foi derrotada. Ela parecia ser uma pessoa capaz de adotar meus objetivos, mesmo que de uma forma relativamente distorcida, mas perdeu sua habilidade de usar a “Shadow of Sin and Punishment”.

Meus seguidores fanáticos estão fora de questão. Eles só servem para

obedecer a um líder, não para dar [ordens]. Tento me lembrar dos rostos de todos os meus [servos], mas não parece ter alguém que serviria para o meu propósito.

Não há ninguém disposto a se sacrificar por um mundo melhor.

Simplesmente ninguém.

Tal pessoa…

Tal poço de esperança…

Uma pessoa que adotaria meus objetivos como seus simplesmente…

— ...existe, afinal de contas.

Apenas uma.

Existe uma única pessoa que, na verdade, pode ser muito mais capaz que eu.

A garota que declarou ser uma “caixa” e abandonou tudo pelo seu objetivo.

Aya Otonashi.

No momento em que percebo isso, tenho um lampejo de inspiração.

É como jogar as peças de um quebra cabeça no chão e ver todas elas de alguma forma se juntarem espontaneamente e formarem a imagem completa. Embora isso soe ridículo, minha situação inteira realmente se tornou clara dessa forma.

Me levanto. Até um segundo atrás, estava tão sem energia que não conseguia nem tocar meus piercings, mas quem se importa? Opondo-me à força esmagadora da “Wish-Crushing Cinema”, viro-me para encarar Aya.

Eu me sinto tão mal que me preocupa a possibilidade de vomitar sangue quando tentar falar. Uma poderosa tontura está mexendo com meu senso de equilíbrio, fazendo com que eu não consiga ficar em pé direito.

Porém, antes que eu possa perceber, começo a sorrir.

— Aya, você sempre quis uma nova “caixa”, certo? E esteve correndo atrás de “O” e dos “portadores” para conseguir uma… tudo para realizar seu “desejo”.

Aya franze o rosto.

— Também foi por isso que você gastou uma vida inteira dentro da “Rejecting Classroom”, e ficou com o Kazu porque ele atrai o interesse de “O”. Você devotou sua vida toda a esse objetivo e continuamente se esforçou para completá-lo. Você existe unicamente para completar esse objetivo.

— Sim, certo. Qual o seu ponto?

Na verdade, seus esforços são fúteis; Não há possibilidade de Aya obter uma “caixa” ideal. É por isso que ela nunca compreende o que “O” realmente é e continua lutando contra ela.

Sua “Flawed Bliss” tenta permanecer falha. Mas isso é porque ela está lutando sozinha. E se houvesse alguém com quem ela pudesse dividir seu fardo? E se ela encontrasse uma alma gêmea?

— Alegre-se.

E se houvesse alguém que, coincidentemente, tivesse uma “caixa” similar?

— Seu desejo está prestes a se realizar.

Aya percebe que estou falando sério e me encara de perto.

— Onde está? Onde está a “caixa” que estou procurando?

A “Flawed Bliss” e a “Shadow of Sin and Punishment” são similares.

Ambas foram criadas sob fortes crenças e, mesmo assim, são frágeis e frias de diversas maneiras. Ao mesmo tempo, podem ser usadas para quase qualquer propósito.

Sempre achei que eram parecidas.

— Está bem aqui — digo, apontando para o meu peito. — A “Shadow of Sin and Punishment” é a “caixa” que você procura.

Certo, com minha “caixa”, ela pode finalmente escapar dessa armadilha de “falhas” em que está presa.

Aya esteve me observando com os olhos arregalados o tempo todo. Ela agora está com os olhos voltados para o chão, balançando a cabeça.

— Você não percebe o quão sem sentido você soa? Sua “caixa” não é o que eu procuro. Uma “caixa” que sacrifica os outros está longe do meu ideal; na verdade, é o completo oposto. O que você fez com a Yanagi mais cedo é prova disso.

— Isso é porque sou eu quem a está usando — argumento, atraindo seu olhar novamente. — Você está certa; quando a uso, minha “caixa” cria sacrifícios, porque é assim que eu estava tentando mudar o mundo. Contudo, não preciso dizer que você pode fazer muito mais do que apenas criar “Cães Humanos” com esse poder. Em sua essência, é um poder para controlar as pessoas. Não, descrever dessa forma dá a ela uma conotação negativa.

Em suas palavras…

Olho no fundo de seus olhos cheios de determinação e digo:

— …Ela tem o poder de guiar as pessoas.

A expressão dela muda.

Ah, assim como eu esperava. Ela está interessada nessa “caixa”.

— Ela tem o poder que você está procurando — digo com convicção. — O poder de guiar as pessoas à felicidade.

— Não pode ser… mas, mas…

Enquanto tenta negar com raciocínios vazios, ela mesma já percebeu…

Que estou falando a verdade.

Que essa é a “caixa” pela qual ela esteve procurando.

Ando em direção à Aya Otonashi.

Esse tempo todo, o estupor gerado pela “Wish-Crushing Cinema” continua me incomodando. Além disso, sinto minhas “Sombras do Pecado” me devorando a cada passo que dou. Estou balançando para frente e para trás enquanto caminho, mantendo o equilíbrio me apoiando nos assentos do cinema ao caminhar em direção à Aya.

— Hehe.

Embora me sinta muito mal, não consigo suprimir o prazer que está surgindo dentro de mim.

Afinal de contas, finalmente encontrei a resposta.

Desde o momento em que obtive a “Shadow of Sin and Punishment”, estive preparado para dar minha vida para usá-la. Eu estava preparado para ficar louco em um futuro próximo e sofrer uma morte vergonhosa.

Por causa de sua natureza, essa é uma “caixa” feita para ser herdada. Mas quem deveria ser meu sucessor? Talvez eu sempre soube a resposta. Afinal de contas, não a defini como minha fonte de esperança mais cedo?

Embora não saiba se é porque nós trabalhamos juntos na “Rejecting Classroom” ou se é simplesmente porque percebi seu transcendentalismo, estou certo de que alguma parte do meu cérebro já havia decidido para quem essa “caixa” eventualmente seria herdada desde que a obtive.

Se isso for verdade, então a “Shadow of Sin and Punishment” é, na realidade…

Uma “caixa” feita para ser passada à Aya Otonashi.

— Ha, ha…

Finalmente alcanço seu assento. Embora esteja visivelmente hesitante, ela não demonstra qualquer sinal de querer fugir.

— Levante-se, Aya.

Ela está me observando.

— Levante-se e aceite a “caixa” pela qual você esteve procurando!

Alguns segundos se passam.

No entanto, Aya finalmente se levanta.

Ela se levanta, sabendo muito bem o que estou prestes a fazer. A luz da tela faz com que ela projete uma pequena sombra. Olho-a nos olhos. Não há mais qualquer sinal de hesitação neles. Ela já se preparou para aceitá-la.

— Muito bem.

Sou eu quem precisa aceitá-la primeiro.

— Mostre-me seus pecados, Aya Otonashi!

É o que digo ao pisar na sombra dela.

— Ah.

Piso na sombra e vejo um pecado.

O pecado de Aya Otonashi… não, o de Maria Otonashi.

Isso é,

Isso é…

…

……

……

……

Eu caio.

Desmaiei momentaneamente.

Também gritei? Não, acho que nem fui capaz de fazer isso, não é?

Reflito sobre a memória que acabei de ver.

Não foi o mais grotesco dos mil pecados que já vi, nem o mais cruel. Mas o quão grotesco e coisas do tipo são diferentes da dor que acompanha cada pecado; o nível de dor que eu sinto é o nível de dor que a pessoa sentiu subjetivamente no momento de seu pecado, e não tem nada a ver com a crueldade dele.

Então foi esse o dano que Aya Otonashi sofreu naquele momento?

É uma dor penetrante, como se mil facas tivessem atravessado meu coração, meus olhos tivessem sido esmagados com alicates, meus dedos tivessem sido arrancados um por um, meus órgãos tivessem sido jogados em um liquidificador, pregos tivessem sido martelados em cada poro do meu corpo, e, além disso, cada polegada do meu corpo estivesse em chamas.

O pecado dela é como ferro derretido que transformando meu corpo em uma massa disforme. Que merda é essa? Não consigo fazer minhas mãos pararem de

tremer violentamente, e meus olhos ainda estão arregalados pelo choque.

Ela…

Ela esteve carregando esse peso esse tempo todo?

— Gah!

Enquanto me esforço para continuar de pé, olho para Aya Otonashi. Para torná-la uma [mestra], primeiro preciso temporariamente torná-la uma [serva]. Para fazer isso, preciso engolir sua “Sombra do Pecado”.

E, se eu fizer isso, Aya irá reviver seu pecado. Mas será ela capaz de suportar a dor? Independente disso, não tenho intenção de recuar. Não estou em posição de hesitar.

— Aqui vamos nós.

Seguro a “Sombra do Pecado” dela, que eu havia absorvido quando pisei em sua sombra, e a engulo. Aya fica rígida e coloca a mão no peito. Mas isso é tudo que ela faz. Não consigo esconder minha confusão.

— Como você pode estar bem?

Aya está de pé, sem problema algum.

— Não estou.

Olhando mais de perto, posso ver suor frio correndo pelo seu rosto. Ela está rangendo os dentes em angústia. Mas, como alguém que perdeu a consciência após entrar em contato com o pecado dela, é difícil acreditar que essa é toda a sua reação.

— Como você consegue ficar de pé? Você não deveria ser capaz de suportar isso. Eu senti em primeira mão… tenho certeza.

— A menos que eu esteja errada, sua “caixa” força as pessoas a se relembrarem de seus pecados? — Aya pergunta. Ela está me encarando, sua determinação de ferro brilhando em seus olhos, mesmo enquanto pérolas de suor percorrem seu rosto.

— Sim, então deveria ser impossível você suportar seu pecado ao ser confrontada por ele tão repentinamente.

— Não é repentinamente.

— O quê?

Aya tira a mão do peito e recupera o fôlego. Ela praticamente está pronta para a luta de novo.

— Eu suporto essa dor o tempo todo. Já me acostumei com ela.

Ela não está fazendo sentido.

Se eu aceitasse o que ela acabou de dizer, isso sugeria algo absurdo. Minha

“caixa” faz as pessoas se relembrarem de seus pecados, ou os sentimentos que tiveram no momento em que os cometeram. Pecadores normalmente bloqueiam memórias dolorosas de suas vidas para poderem viver com alguma paz de espírito. Mas e se Aya não fizer isso? E se ela não tiver esquecido daquele trauma nem por um segundo?

— Estou sempre consciente do meu pecado.

Então, ela teria se acostumado a essa angústia infernal, e isso se tornaria apenas mais uma parte de seu cotidiano. Se Aya sempre conviveu com essa dor, não tem como ser surpreendida ao ser confrontada por ela.

— Eu não serei perdoada. É por isso que…

Mas, hã? Como um ser humano pode viver dessa forma?

Não… eu entendo.

Foi por isso.

— É por isso que… não posso viver como humana.

Foi por isso que ela pôde se tornar “Aya Otonashi”.

Ela está sempre consciente de que pecou. Ao se recusar a esquecer de seu pecado, continua se punindo. Essa é a maneira ética de se lidar com pecado e punição.

Foi isso que a privou de sua humanidade e a transformou em uma “caixa”… em “Aya Otonashi”. Suprimindo agressivamente seu verdadeiro eu, ela pode se focar em um único “desejo”. Ela pode se devotar inteiramente a um único objetivo.

Pelo bem da felicidade de todos os outros. Ela suscita sentimentos de respeito, inveja, encanto e veneração. Ela é a encarnação do triste fim que aguarda um verdadeiro “portador” no fim de seu caminho.

Mas é exatamente por isso que não há ninguém mais adequado para receber meu poder.

Aya Otonashi.

Por favor, continue vivendo, mesmo com todo sofrimento, pelo bem do nosso “desejo”.

Desculpe Kazu, mas eu definitivamente me recuso a devolver “Maria Otonashi” a você. Definitivamente me recuso a permitir que você esmague nosso “desejo”.

— Eu te darei meu poder. Eu te darei todas as “Sombras do Pecado” que

possuo.

Dar a ela minhas “Sombras do Pecado” não tem efeito direto em mim. Ainda posso controlar meus [servos]. Minha missão, entretanto, mudou. Meu maior objetivo é me livrar de Kazuki Hoshino, o homem que possui mais influência sobre ela do que qualquer outro, e seu poder de destruir “caixas”. Devo auxiliá-la enquanto vive pelo nosso “desejo”.

— Está preparada? —pergunto, mas Aya está me ignorando. Ela está olhando diretamente para frente.

— Sempre tentei imaginar — sussurra ela. — Como eu poderia ajudar as pessoas a serem felizes; que tipo de “caixa” precisaria. Felicidade não é algo que eu possa simplesmente criar e forçar neles. Nem algo que pode ser obtido jogando-os em um paraíso e os libertando de suas ansiedades e preocupações. Finalmente, cheguei à conclusão de que uma felicidade sem falhas só é possível quando você visualiza e caminha em direção a sua própria forma ideal de felicidade. — Ela cerra os punhos, imponente. — O poder de guiar as pessoas era o que eu precisava — diz, emocionada. — Não consigo acreditar que era só mudar um pouco minha perspectiva para perceber isso.

Finalmente, ela olha para mim.

— Oomine, eu não considerava muito o fato de estarmos voltados para a mesma direção, mas mudei minha opinião. Você me mostrou que maravilhas como essa são possíveis… entendo, então é isso que significa sermos almas gêmeas.

— Almas gêmeas… sim — assinto e repasso minhas “Sombras do Pecado”.

Pensando nisso, uma ideia passou pela minha mente quando dei algumas “Sombras do Pecado” para a Shindou: uma pessoa verdadeiramente forte pode ser capaz de permanecer inalterada ao engolir as “Sombras do Pecado” de outras pessoas; em contrapartida, isso pode me fazer perder a confiança na minha capacidade de liderar.

— Hum…

Aya Otonashi suportou facilmente as 998 “Sombras do Pecado”. Portanto, ela se tornou uma [mestra] e, como eu havia planejado originalmente, minha 999ª [serva].

— Oomine — diz a nova “portadora” da “Shadow of Sin and Punishment” — Obrigada.

Entretanto, nenhum sinal de felicidade aparece em seu rosto robótico.

Após me apoiar repetidamente nos assentos do cinema, finalmente encosto minhas costas trêmulas no meu assento. De repente, o estupor me ataca de uma

vez e me esmaga, como se jogasse um enorme peso sobre meus ombros, livrando-me do meu desejo de me mover.

Mesmo assim, não posso desligar minha mente ainda. Agora que Aya se tornou uma [serva], só há um último obstáculo para alcançar minhas condições de vitória. Ou seja, trazer a Kiri — a "portadora" da "Wish-Crushing Cinema" — para cá. E quando ela chegar, só terei que ameaçar o Kazu e o fazer esmagar a "caixa" dela.

— Kokone, eu te amo!

Minha voz ressoa pelos autofalantes do cinema, e não posso conter minha reação. Por algum tempo, estive olhando para a tela, onde minha versão mais nova está chorando enquanto abraça Kiri na sala de aula. Contudo, Kiri apenas permanece ali, rígida, com os braços pendendo como os de um fantoche. Meu eu mais novo repete seu lamento:

— Kokone, eu te amo!

Foi assim que eu a atormentei. Eu a atormentei tentando expressar meus verdadeiros sentimentos. Lágrimas apareceram em seus olhos vazios. Mas meus sentimentos não a alcançaram na forma de amor sincero; pelo contrário, eles pareceram o produto de uma mente doentia e obcecada.

— …Você não pode me abandonar quando eu te amo tanto!

Para ela, minhas palavras devem ter soado como… uma ameaça a proibindo de mudar, forçando-a a manter sua identidade como a garota que ela considerava feia e inútil.

Eu era um cara horrível.

Eu não podia permanecer daquela forma.

Eu tinha que mudar o mundo ao nosso redor.

Precisava mudar as pessoas que fizeram mal a ela, que a mantinham em seu estado atual. Não eram os maus que deviam ser purificados — Rino e seu bando não eram pessoas más — eram os tolos incapazes de pensar por conta própria. Eles apenas veem o que está diante deles, não as consequências de suas ações. Eu precisava corrigir isso. Corrigindo esse erro, tragédias como as que aconteceram com a Kiri não voltariam a se repetir. Kokone Kirino poderia continuar sendo quem era.

Certo?

Por um mundo justo.

Nada mais importa. A minha felicidade e a felicidade da Kiri são irrelevantes.

— Ah.

Entendi.

Só preciso fazer Kokone Kirino usar a “Flawed Bliss”. Seu coração já está partido, então ela certamente a buscará. Se eu usá-la com esse propósito, as memórias de Aya serão apagadas, destruindo a determinação de Kazuki Hoshino.

…Não há algo fundamentalmente errado com esse plano? Não, não há. Certo?

No momento em que pensei em usar a Kiri, também pensei em um plano simples para atraí-la para cá. Não, é realmente simples. Como seu amigo de infância e ex-namorado, é apenas natural que eu possa pensar facilmente em quantos métodos quiser para trazê-la até aqui. De tudo, eu deveria estar refletindo sobre o porquê de não ter pensado nisso antes! Estava secretamente me segurando ou algo assim?

[Ordeno] a um de meus seguidores fanáticos: “Envie um e-mail para o seguinte endereço…” Penso no endereço de e-mail dela, o qual memorizei há muito tempo, “…e escreva nesse e-mail:”

Kiri não viria se eu apenas a mandasse fazer isso.

Porém, ela virá se pensar que estou implorando por ajuda. Ela virá se achar que estou no meu limite. Essa é a natureza dela: ela escolherá minha felicidade em vez da dela. Determino a mensagem mais efetiva para expressar meu pedido de socorro e [ordeno] meu [servo] a mandá-la. Essa terrível mensagem é a mesma fala horrível que apareceu no filme. *“Kokone, eu te amo!”*

Dito isso…

É.

Estou no meu limite.

Kazuki Hoshino - 11/09 SEX 23h02min

— A Maria virou uma [serva]? — repito o que a Mogi acabou de dizer.

— Kasumi… qual é o significado disso? Po-por que Maria-chan iria…? — Haruaki pergunta, erguendo a cabeça, ainda ajoelhado no chão.

— E-eu apenas repeti o que a Yanagi-san me disse, não sei de mais nada…

Como isso pode ter acontecido?

A “caixa” do Daiya não teve efeito quando a Iroha-san pisou na minha sombra; ela deveria ser igualmente ineficiente quando Daiya pisasse na sombra da Maria. A menos que ela a aceite de livre e espontânea vontade.

— O quê?!

De repente, meu celular toca, notificando a chegada de um novo e-mail. Enquanto o abro, ele toca uma segunda vez.

— Ma-mas o quê?

Dada a nossa situação, receber múltiplas mensagens de uma vez só não deve

ser um bom sinal. Não conheço o endereço do e-mail do remetente. Tento abrir a segunda mensagem, mas ela contém apenas a letra “E” e, mesmo enquanto a leio, um novo e-mail chega. Seis novos e-mails chegaram de endereços desconhecidos em intervalos de cinco segundos. Todos contêm uma única letra e, organizados cronologicamente, formam o seguinte texto:

M

E

E

S

Q

U

E

Ç

A

A identidade do remetente não poderia ser mais clara.

— Maria…!

Então é verdade. É verdade que ela se tornou uma [serva]. Não, pior ainda.

— Maria deu [ordens] para pelo menos nove pessoas diferentes…

Maria se tornou uma [mestra].

— Por que… as coisas acabaram assim…?

No entanto, outra mensagem chega enquanto ainda estou completamente confuso. O remetente é novamente um endereço de e-mail desconhecido, mas, desta vez, a mensagem contém mais de uma letra.

“Assista ao noticiário”

Com a respiração acelerada, abro o aplicativo de televisão do meu celular. Imediatamente descubro ao que ela estava se referindo. O apresentador recita o seguinte texto:

— Últimas Nóticias: Katsuya Tamura, uma vítima do fenômeno dos “Cães Humanos”, acaba de recobrar sua consciência. Esse é o primeiro caso de recuperação conhecido. Segundo o pronunciamento da polícia, Tamura-san foi colocado em prisão preventiva. Ele está calmo e não mostra sinais de confusão. Além disso, afirma não ter memórias de seu tempo como um “Cão Humano”, e também afirma que matou seus pais e que está disposto a aceitar qualquer forma de punição... Acabamos de receber novas notícias. Yasumi Ishikawa, outra vítima do fenômeno, também acaba de recobrar sua consciência e…

O que está acontecendo? Por que o Daiya libertaria os “Cães Humanos” justo agora? Ele não pretende fazer as pessoas do mundo reconsiderarem seus valores

ao produzir “Cães Humanos” em massa? Libertá-los agora não faz com que todos os seus esforços até agora se tornem inúteis?

Ou é a Maria quem está fazendo isso? Mas então por que o Daiya está permitindo? A primeira razão que se pode imaginar é que a Maria tomou o controle da “Shadow of Sin and Punishment”!

— Meu Deus do céu…

Isso é possível?

Maria realmente quis a “Shadow of Sin and Punishment” por vontade própria? Maria se tornou uma [serva] e uma [mestra] com o intuito de usar esse poder como quiser? Se isso for verdade, então por quê?

— Não, isso…

É claro como o dia. Se isso for verdade, seus motivos são óbvios. Seu único “desejo” é fazer as pessoas felizes. Ela não se preocupa com mais nada. Portanto, o que está fazendo agora também é para realizar seu verdadeiro objetivo. Em outras palavras, Maria determinou que a “Shadow of Sin and Punishment” é capaz de trazer felicidade.

Eu sei que ela esteve procurando por uma “caixa”. E a “caixa” que ela escolheu foi a “Shadow of Sin and Punishment”? O poder de controlar os outros?

— Mas… que merda…

Ranjo meus dentes.

Isso não basicamente implica que o Daiya é a pessoa que melhor compreende as necessidades da Maria? Só por…

— Só por cima do meu cadáver.

Sei o que ela fará a seguir. Diferente do Daiya, ela não vai criar um grande espetáculo. Ela irá se aproximar de cada pessoa interferir onde for preciso, para guiá-las de forma a obterem vidas felizes.

Essa é uma tarefa impossível e sem fim. Uma vida desperdiçada servindo os outros. Apesar disso, Maria aceitaria alegremente devotar sua vida inteira ao seu objetivo. Ela ficaria contente por finalmente dar um passo adiante.

— Só por cima do meu cadáver — repito para mim mesmo.

Ela só está agindo dessa forma porque está obcecada pela “Aya Otonashi”. Está negando completamente a si mesma.

— Eu também vou…

Nesse caso, não é difícil encontrar minha resposta para isso.

— Eu vou esmagar…

Não lhe deixarei nenhuma esperança como “Aya Otonashi”. A única coisa que “Aya Otonashi” conseguirá de mim é desespero.

— Também vou esmagar a “Shadow of Sin and Punishment” à qual você está se apegando!

Esse é o raio de esperança que você encontrou depois de tanto tempo? Eu não dou à mínima! Chore o quanto quiser, não vou hesitar em esmagar sua “caixa”.

Eu me decidi.

A pergunta agora é como executar meus planos. Daiya pode dar [ordens] à Maria. Ele pode me ameaçar o quanto quiser. Ameaçando fazer a Yuuri-san usar a “Flawed Bliss”, pode conseguir o que quiser de mim. Se ele me mandar destruir a “Wish-Crushing Cinema”, terei que destruí-la. Se me mandar desistir da Maria, terei que desistir dela.

— Urgh…

Então, o que posso fazer? Daiya ainda está se impondo entre mim e a Maria. A menos que pense em uma forma de me opor a ele, não vou conseguir recuperar a Maria e serei derrotado.

…Uma forma de me opor a ele. Uma forma de me opor a ele…! O que me vem à mente é…

Minha visão se dirigiu a Haruaki, que está me pedindo algo já há algum tempo. Ele quer que eu leve ele e a Kokone comigo para dentro do “Cinema”.

— Haruaki.

Certo, afinal, ela é o único ponto fraco do Daiya.

— Vamos encontrar a Kokone.

Um arrepio percorre minha espinha. Um arrepio percorre minha espinha por causa do que estou planejando.

Mogi-san disse que queria me ajudar, mas não podemos simplesmente levá-la para dentro da “Wish-Crushing Cinema”, então nos apressamos e a levamos de volta para o hospital.

Depois disso, vamos nos encontrar com a Kokone. Nós ligamos para Kokone antecipadamente, então ela já estava nos esperando em um estacionamento próximo ao dormitório. Assim que nos encontramos, Kokone pula em meus braços, se apoiando no meu peito.

— Daiya acabou de me enviar uma mensagem — diz, com a voz trêmula. — Dizendo que me ama.

Ela não olha para mim. Mesmo se não estivesse tremendo loucamente, ainda

estaria claro que ela está chorando.

— Essa é a primeira vez que ele me diz isso depois de perceber que eu mudei.

Haruaki morde os lábios ao ouvir suas palavras em silêncio.

— Fiz minha escolha. E vou fazer do meu jeito — diz ela e, ao mesmo tempo, vira seu rosto em minha direção, encarando-me com os olhos vermelhos. — Eu vou salvar o Daiya.

Sua determinação é inabalável.

— Kokone…

Ele deve ter dito indiretamente, por meio de um e-mail, que a ama. Obviamente é uma armadilha, mas isso não irá impedi-la. Contudo, isso por acaso está de acordo com meus planos.

— Você está disposta a fazer o que for preciso?

— Estou. Colocarei minha vida em jogo se for necessário.

Essa é a resposta que eu queria ouvir. Essa é a resposta que eu queria ouvir, pois, assim, posso tirar vantagem dela para me opor ao Daiya.

— Kokone, Haruaki. Vamos entrar na “Wish-Crushing Cinema”.

Vou usar a paixão da Kokone pelo Daiya, mas somente para recuperar minha Maria. Mesmo assim, Haruaki sorri para mim.

— Você vai nos levar com você? Muito obrigado, Hoshii! — diz e segura minhas mãos. Com força.

— I-isso dói, Haruaki.

Mas ele não alivia seu aperto, seus olhos continuam fixados em mim e lágrimas começam a escorrer por seu rosto.

— Obrigado, Hoshii!

Mesmo que trazer a Kokone comigo não signifique que o Daiya será salvo. Na verdade, Haruaki provavelmente irá testemunhar a destruição do Daiya. E, mesmo assim, está derramando lágrimas de alívio, erroneamente pensando que tomei essa decisão pelo bem da Kokone e do Daiya.

Ele finalmente solta minhas mãos. Elas ficaram quentes.

— Ah…

Meu coração se aqueceu de repente; se aqueceu tanto que é difícil suportar. As lágrimas que eles estão derramando pelo Daiya estão me atingindo. E me fazem perceber.

— Ugh…gh…

Olho para minhas mãos, que foram aquecidas pelo firme aperto do Haruaki. Essas mãos possuem o poder de esmagar “caixas” e de destruir os “desejos” dos

outros. Essas mãos provam que abandonei minha humanidade. Minhas intenções de explorar os sentimentos deles pela Maria provam que abandonei o caminho correto. Porque o que eu vou fazer é…

— Aaaahh…

Quando foi que eu me perdi tanto? Não, minha tentativa de matar a Iroha-san já não é uma grande prova de que estou com alguns parafusos soltos? Já estava mentalmente alterado quando fiz aquilo; simplesmente não percebi porque a Iroha-san acabou sobrevivendo.

Quero rezar pelo Daiya. Quero rezar pela felicidade dele, da Kokone e do Haruaki. Quero chorar junto a eles. Quero compartilhar seus sentimentos e ir ao resgate dele também. Mas não posso.

Vou recuperar a Maria. Não posso deixar de priorizá-la acima de todos. Não há outra opção. Mudei de vez. Ao obter a “Empty Box”, me transformei neste ser monstruoso.

— Uh…uuuuuh…

Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Mas as minhas lágrimas não são belas como as da Kokone e as do Haruaki, que choram por outra pessoa. Minhas lágrimas são traiçoeiras e egoístas, derramadas em lamentação pelo que me tornei.

— Haruaki, Kokone.

Só posso pôr meus verdadeiros sentimentos em palavras.

— Eu realmente amo vocês dois.

Essa é a única coisa que posso dizer sinceramente.

Haruaki nos abraça.

Kokone está chorando muito.

Derramar essas lágrimas monstruosas me faz sentir como se tivesse cometido um pecado terrível. As lágrimas de Kokone caem no meu rosto, a pureza delas parece me condenar silenciosamente, deixando-me ainda mais deprimido.

— Eu os amo, mas posso traí-los.

Eles olham para mim com os olhos arregalados.

— Sinto muito. Não importa o que aconteça, farei qualquer coisa para salvar a Maria. Posso até mesmo me aproveitar dos sentimentos de vocês para recuperá-la. Talvez eu não seja capaz de salvar o Daiya. Posso ter que encurralá-lo. Mas realmente penso que quero salvá-lo. Me desculpem, não posso me comprometer a isso do fundo do meu coração. Me desculpem. Sinto muito por não poder desejar pelo resgate dele de verdade. — Minhas lágrimas não param — Por favor, me perdoem.

Por algum tempo, permanecemos em silêncio, nos abraçando em um círculo,

bem próximos uns dos outros.

Kokone é a primeira a falar:

— Está tudo bem — diz, entre soluços. — Não sou diferente. Só consigo agir pelo bem do Daiya. Eu não poderia agir pelo meu benefício, nem se o Haruaki me pedisse.

Ela se afasta do meu peito, escapando do nosso círculo, e sorri para mim.

— Eu te perdoo, Kazu-kun, então, por favor, me perdoe também.

Vendo suas lágrimas, só posso dizer:

Assim como é mostrado nos quatro filmes que Daiya esteve assistindo, não posso imaginar um final feliz para essa história. Qual foi meu erro fatal? Quando foi que as coisas começaram a dar errado? Se eu estava errado desde o começo, então o Daiya estava certo sobre corrigir o mundo?

Não sei. Não sei, mas precisamos ir.

Para o shopping onde podemos entrar na “Wish-Crushing Cinema”.

Para o Daiya.

Para a Maria.

Mas, antes disso, irei gravar em meu corpo um lembrete de que abandonei o caminho correto. Sim, farei isso na parte de mim que possui o poder de esmagar “caixas”. Escolhi minha mão direita.

Assim que tiver o feito…

Assistirei aos créditos dessa história.

Scene 4
『Piercing at Fifteen』
(3/3)

Cena 4

Piercing aos Quinze [3/3]

95. FUNDO AZUL

KOKONE (Monólogo): Por favor...

96. FUNDO BRANCO

KOKONE (Monólogo): Permita que Daiya encontre a verdadeira felicidade.

97. FUNDO PRETO

98. FUNDO VERMELHO

Daiya Oomine - 11/09 SEX 23h40min

Estou perdendo a cabeça.

As imagens na tela destroem todo o meu pensamento consciente e me levam de volta no tempo, forçando-me a me lembrar do meu antigo eu. Volto a pensar como antes. Perco meu senso de tempo e espaço. Estou sentado? Na tela? No passado? Nem sequer me importo.

Na tela, sou um aluno do fundamental segurando a cabeça entre as mãos. Ele está em silêncio, mas lembro do que estava passando pela minha mente naquele momento. Agora que viajei ao passado, estou repetindo esses mesmos pensamentos.

…O que eu[1] deveria ter feito?

…O que eu deveria ter feito?

…O que eu deveria ter feito?

Posso ter atingido meu limite absoluto, mas não vou me desviar da minha missão. Continuarei mantendo consciência do meu objetivo com tenacidade, de forma que eu responda automaticamente… não importa quão confusos estejam meus sentimentos.

Kazuki Hoshino está vindo.

Vou derrotá-lo e libertar Aya de suas garras.

E aí, nós iremos mudar o mundo.

Só então, as portas se abrem.

Meus olhos recuperam o foco e se fixam em um único ponto.

— Parece que já faz tanto tempo.

Kazuki Hoshino está diante de mim.

Me levanto, suportando o estupor da “Cinema”. Em circunstâncias normais, provavelmente teria problemas em me manter de pé. Toco meu piercing para me tranquilizar e me viro em direção ao Kazu.

— É, também me sinto assim. — Kazu responde com um sorriso seco.

Está segurando uma maleta de plástico. O que mais ele preparou? Decido não gastar mais tempo me preocupando com isso, afinal, ele já possui a arma mais poderosa de todas, sendo capaz de destruir “caixas”.

Não posso deixar de me preocupar com a condição de sua poderosa mão direita, vermelha.

— Kazu, o que houve com a sua mão?

Sua mão direita está enfaixada. Ainda há sangue escorrendo pela gaze.

— É um símbolo — explica ele brevemente e se cala logo após.

— Ele cortou a própria mão com uma faca, do nada. Isso vai deixar uma cicatriz… francamente, não faço ideia do motivo de ele ter feito isso… — completa Haruaki, no lugar do Kazu.

Eu deliberadamente evito respondê-lo e desvio meu olhar.

E vejo… Kokone Kirino.

…Crash.

Não é surpresa que meu coração doa, quase se partindo, quando a vejo. Ele já sofreu sérios danos só de eu ver o boneco da Kiri sentado ao meu lado, portanto, minha reação à verdadeira não é surpreendente. Porém, meus sentimentos não importam.

— Então, o que planeja fazer agora, Kazu? Não pode mais vencer, e sabe disso. Aya Otonashi se tornou minha [serva] — digo, assumindo que Yanagi o manteve atualizado.

Kazu responde, sem mover um músculo:

— Esse seu rosto pálido realmente entrega sua mentira, Daiya.

Pode soar como uma tentativa de provocação, mas, na verdade, ele apenas está expressando sua pena.

Kazu dá um passo para frente.

Estamos nos encarando.

Ah…

Não há dúvidas.

A batalha que começamos na “Game of Idleness” termina aqui.

— Muito bem, devemos estabelecer nossas posições?

Kazu continua me observando, em silêncio.

— Primeiro, destruirei a “Wish-Crushing Cinema”, então, farei com que Aya use a “Flawed Bliss” e se esqueça de você. De início, utilizarei seu poder para destruir a “caixa” da Kiri, depois, usarei a “Flawed Bliss” nela.

— O que você vai fazer, Kazu?

— Vou esmagar sua “Shadow of Sin and Punishment”, seja à força ou esperando até o fim do dia. Também destruirei a cópia que você deu à Maria — anuncia ele, fazendo Aya erguer uma sobrancelha. — E, finalmente, trarei a Maria de volta.

Com uma expressão calma, Aya responde:

— Isso é inútil. Não importa como, não voltarei para você.

Kazu morde o lábio por uma fração de segundo, mas o olhar que está lançando em minha direção não enfraquece.

— Eu… — Ele morde sua gaze encharcada. — Eu não vou recuar.

Estou um pouco alarmado pelo seu comportamento anormal. Contudo, antes que possa responder, algo inesperado acontece.

— Kazuki-san! — Yanagi grita, levantando-se em um pulo e correndo em direção ao Kazu. Enquanto pula apressadamente sobre os assentos que os separam, ela continua: — Destrua minha “Sombra”!

Apesar de provavelmente estar surpreso, o Kazu reage com uma hesitação surpreendentemente mínima e levanta sua mão enfaixada na direção da Yanagi. Ele enfia a mão no peito dela.

— Hmm… ah… AH! — ela geme enquanto a mão direita afunda em seu peito Kazu puxa sua mão para fora do peito de Yanagi. Ele está segurando uma “caixa” preta do tamanho de uma palma que parece ter machucado para sair. Tem a forma de uma castanha pontuda.

— Aaah… — Yanagi desmaia e cai no chão.

Kazu olha para ela. Sua estranha série de movimentos parece quase robótica, programada de antemão. Há um breve silêncio.

Finalmente percebo o que Yanagi estava tentando fazer. Provavelmente queria que sua “Shadow of Sin and Punishment” fosse destruída para que eu não pudesse mais dar [ordens] a ela. Ela agiu rapidamente a fim de maximizar as vantagens do Kazu.

Eu não poderia ter previsto suas ações; Yanagi não deveria saber sobre o novo poder do Kazu. Deve ter ouvido minha conversa com “O” e escondido o que sabia

até agora. Claro, ela me passou para trás, mas eu não estava planejando usá-la, de qualquer forma. O que fez não influencia minha estratégia em nada. Contudo, depois de ver aquilo, começo a suar frio.

— O poder de esmagar “caixas”…

Após testemunhar uma habilidade tão injustamente poderosa…

Existe uma grande diferença entre ouvir falar e realmente testemunhar algo. É como se ele estivesse encostando uma metralhadora no meu rosto, com o dedo no gatilho.

Um movimento em falso e minha “caixa” será destruída. Mas sua atordoante falta de hesitação e a atitude indiferente que mostra após usar seu poder me fazem perceber novamente: ele não é mais o amigo que eu costumava conhecer. A absurda ferida auto infligida prova que está completamente mudado, que renasceu. Como um ser que destrói “caixas”.

Como um ser que se opõe à “O”.

E é exatamente por isso que ele pode sorrir da mesma forma que “O”. Contudo, embora ele não tenha movido um músculo sequer ao usar seu poder, sua expressão se contorce ao ouvir a voz de certa garota.

— Que poder é esse?

As palavras aterrorizadas de Aya.

— Kazuki Hoshino, por que você tem tal…? Não, não importa. Testemunhar isso me convenceu. — continua ela, amargamente. — Você é meu inimigo.

Kazu morde o lábio. Ser chamado de inimigo pela pessoa que está tentando salvar deve ser doloroso.

— Aya, eu não deveria precisar dizer isso, mas fique longe dele. Ele destruiria sua “Shadow of Sin and Punishment” sem nem sequer piscar.

— Você está certo. Parece que ele só precisa tocar no meu peito. A “Flawed Bliss” também está em perigo.

— Não, o Kazu não destruiria a “Flawed Bliss”. Ele deve estar ciente de que fazer isso destruiria sua personalidade completa e absolutamente. — O olhar em seu rosto prova que estou certo. — É claro, também manterei distância dele.

Tendo deixado isso claro, tenho que prosseguir para a próxima fase do meu plano sem cometer nenhum erro.

— Kazu, eu exijo que você destrua a “caixa” da Kiri.

— Daiya… — murmura Kokone

Antes que meus sentimentos possam escapar, continuo a dar ordens:

— Você sabe o que acontecerá se você se recusar a obedecer, certo? Vou repetir: Aya Otonashi é uma [serva]. Posso forçá-la fazer o que eu quiser. Kazu, não ouse tentar nenhum truque. Também estabelecerei um tempo limite. São vinte

para a meia-noite agora; você tem até quinze para a meia-noite para destruir a “caixa” da Kiri!

Kazu permanece em silêncio. Sua única opção é encontrar ou criar uma abertura em minha defesa para destruir a “Shadow of Sin and Punishment”. Foi por isso que ele trouxe a Kokone e o Haruaki. Enquanto ele tenta criar uma abertura, tentarei fazer o que for preciso para contra atacar.

Essa é a natureza desta disputa.

O ataque dele começou.

— Daiyan, vamos parar com isso. Não aguento mais assistir ao que está acontecendo.

Como esperado, o ataque começa com uma tentativa de persuasão do Haruaki.

— Para que você está fazendo isso? Quem vai ganhar algo com isso? Você? A Kiri? Que besteira… apenas olhe para si mesmo! Se isso continuar, só vai levar você e a Kiri à ruína!

Mas mesmo que eu esperasse por isso, mesmo que estivesse preparado, ainda me afeta; essas palavras vêm do fundo do coração do Haruaki.

— Por favor, pare! Pelo bem da Kiri, também!

Não respondo.

— Por favor… por favor… — grita ele, implorando do fundo de seu coração

Mais uma vez, eu penso… Haruaki é tão radiante que sinto que jamais chegarei aos pés dele. Ele foi a primeira pessoa que admirei. Não apenas por suas habilidades no beisebol, mas também por sua natureza direta, confiável e resoluta, qualidades que o levam a escolher o que acredita ser certo, mesmo tendo que sacrificar seu potencial ilimitado para o beisebol ou o amor por uma garota. Haruaki sempre possuiu qualidades que não posso nem sonhar em ter.

É por isso que não poderia suportar a ideia de torná-lo um [servo].

Ei, Haruaki… eu te respeito mais do que você poderia acreditar.

— Diga algo, Daiyan!

Mas, mesmo assim. Não posso voltar atrás com esse “desejo”.

— Alguém tem que fazer algo — digo, sem hesitação — De quem é a culpa pelo que aconteceu com a Kiri? Minha? Da própria Kiri? Da Rino? Sim, todos nós temos nossa parcela de culpa, mas o problema fundamental está em outro lugar. Portanto, irei fazer uma mudança fundamental no mundo. Essa é a minha escolha.

Haruaki hesita por um instante, antes de responder:

— Isso é ridículo. Mesmo com uma “caixa”, você não vai conseguir!

— Não importa se eu conseguirei ou não, apenas vou fazer isso.

— Por que teria que fazer isso, Daiyan? Por que você tem que sofrer ainda mais?

— Eu decidi me sacrificar.

— E quanto aos meus sentimentos?! Não quero ver você e a Kiri caírem em desgraça! Pretende sacrificar esses sentimentos também, Daiyan?!

Respondo sem pensar duas vezes.

— Sim.

Haruaki arregala os olhos.

— É isso que significa me sacrificar.

Eu o deixo sem palavras. Sim, esse é o significado de me sacrificar. Estou perfeitamente ciente disso. Também preciso sacrificar os sentimentos que os outros têm por mim. Foi por isso que cortei meus laços com a Kokone e o Haruaki.

— Você não pode estar falando sério… — diz ele, cerrando os punhos, trêmulos. — Você não pode estar falando sério, droga… Daiyan…

Parece que o ataque de Haruaki termina aqui. Desvio meu olhar dele e encaro o Kazu.

— Kazu, se apresse. Se apresse e destrua o “Cinema”.

Sem que percebam, limpo o suor frio da minha testa. Embora pareça estar calmo e composto, eu sofro com isso. As “Sombras do Pecado” dentro de mim estão para começar uma revolta por causa do pedido honesto de Haruaki. Elas estão quase atingindo seus limites e destroçando meu corpo. Estou no meu limite psicológico. Uma única palavra poderia desequilibrar a balança e acabar com tudo agora mesmo. Abandonar tudo isso… que ideia reconfortante. Mas eu…

Olho para Aya Otonashi.

Mas eu vou morrer junto com todos esses pecados.

Aperto com força meu peito latejante.

Preciso me preparar…

O próximo ataque está começando. Se eu baixar minha guarda por um segundo sequer, ele vai me derrotar.

… Vamos... para o ataque principal.

— Daiya, obrigada por sua mensagem.

Kokone Kirino.

Kiri caminha em minha direção.

— Foi apenas uma isca para atraí-la para cá. E você caiu perfeitamente — espremo essas palavras para fora enquanto aperto meu peito com força

— Eu sabia que era uma armadilha.

— Imaginei.

E mesmo assim ela veio, por causa de seus inigualáveis sentimentos por mim. Passo a passo, ela se aproxima. A cada passo dela, memórias do nosso passado se repetem em minha mente.

Quatro anos de idade — eu faço-a chorar no jardim de infância enquanto discutimos por causa de algum doce; quando o professor me repreende, também começo a chorar.

Sete Anos de Idade — eu salvo a Kiri de se afogar no oceano, ajudando-a a segurar uma boia; eu a conforto enquanto ela chora.

Nove anos de idade — eu a encontro agachada do lado da rua durante um festival, derramando lágrimas em sua yukata porque havia se perdido. Eu a pego pela mão e a levo para casa.

Onze anos de idade — para parar as provocações dos nossos colegas, eu digo coisas horríveis a ela e a faço chorar; depois, vou até a casa dela para me desculpar.

Doze anos de idade — Kiri começa a faltar aulas quando digo a ela que fui aceito em uma renomada escola particular de ensino fundamental; ela chora de alívio quando digo que não vou me matricular lá.

14 anos de idade — nós nos beijamos pela primeira vez. Ela cai em lágrimas logo em seguida e, como não sei o que fazer, apenas fico acariciando sua cabeça até que pare de chorar.

Por alguma razão, ela está chorando em cada uma dessas memórias. As imagens mais fortes que tenho dela devem ser aquelas em que depende de mim.

Ah, mas isso realmente machuca. Cada uma dessas memórias se transforma em um ataque que tenta me prender a uma vida normal. Cada uma delas coloca um peso a mais em meus ombros. Enquanto sou atormentado, Kokone Kirino caminha em minha direção e para diante do assento ao meu lado, bem em frente a sua concha vazia que a “Wish-Crushing Cinema” criou.

Posso ver seu rosto em duplicata. A verdadeira Kiri inclina a cabeça levemente e me olha nos olhos.

— Daiya, deixe-me responder sua mensagem.

Ela…

— Eu também te amo.

… me abraça.

— O quê…?!

Ela não deveria ser capaz de fazer isso. Ela não deveria mais ser capaz de me

segurar em seus braços. Se fizer isso, ela se lembrará dos horrores de seu passado, das feridas em suas costas, e eventualmente será derrotada pela vontade de vomitar. Mesmo assim, Kiri ainda está me abraçando. Ela… ela superou seu trauma por conta própria?

Contudo, Kiri nega isso imediatamente:

— Sabe, Daiya, eu ainda não superei nada. Ainda sou uma bagunça por dentro e não sei o que fazer sobre isso.

Então… como ela pode estar me abraçando?

— Mas eu percebi uma coisa — continua ela. — Você significa tudo para mim.

Kiri está tremendo. Como ela disse, ainda não superou seu passado; apenas suportando a angustia que está sofrendo é que ela pode me segurar em seus braços. Esse é o único jeito dela poder me abraçar.

— Eu te amo! Eu te amo!… Eu… te amo!

É, eu acho que, quanto mais próximos estivermos um do outro, mais iremos nos machucar. Mas e se pudéssemos superar nosso passado de alguma forma, e se continuássemos acreditando um no outro?

Isso seria a coisa que mais desejei, acima de tudo.

— Gah…

Outra memória cruza a minha mente, uma memória do dia em que decidi mudar o mundo.

— *Você está frio*.

Iluminados pelo sol da tarde, flutuando em um rio vermelho e gelado, Kiri me rejeitou. Eu era lamentável, incapaz de sequer abraçá-la e condenado a sentir nossos corpos ficarem cada vez mais gelados.

Mas se eu puder abraçá-la dessa forma… Se eu puder finalmente, apesar de ser tarde, aquecê-la agora…

— Ur-gh…

Kokone.

Eu também quero me libertar desse peso!

Está realmente tudo bem se eu for apenas eu mesmo? Eu faria qualquer coisa por você, Kokone. Eu não mediria esforços para fazê-la feliz.

Kokone continua.

— Eu faria qualquer coisa por você, Daiya!

Finalmente recobro meus sentidos. Seguro-a pelos ombros e afasto-a de mim.

— Daiya…?

A Kiri faria qualquer coisa por mim?

Eu faria qualquer coisa pela Kiri?

Ambas as afirmativas estão corretas.

E é isso que está fatalmente errado sobre elas.

Elas não são saudáveis… são anormais. Não fomos sempre assim; costumávamos ser um casal normal; ambos apenas namorados comuns que não se sacrificariam pelo outro ou agiriam apenas pelo bem um do outro. Nossa transformação é a prova de que não teríamos sido capazes de levar uma vida normal.

Continuamos nos distorcendo ao nos sacrificarmos um pelo outro. Essa é a nossa realidade. Isso se torna ainda mais verdadeiro se ela declara que significo tudo para ela. Certo, no final das contas, não podemos voltar. Não podemos voltar ao tempo em que nossa relação era pura.

…Você tem um desejo?

Eu tenho.

Eu tenho um desejo.

Quero esmagar esse mundo esquecido por Deus que manchou todas as nossas memórias. Naquele dia, cercado por vermelho, água vermelha, eu jurei:

— Eu vou mudar esse mundo.

Não abandonarei meu novo eu. Não removerei esses piercings. Em vez disso, irei descartar esses sentimentos, essas memórias, essas lembranças.

— Kiri — digo, alto e claro. — Aprenda a viver em um mundo sem mim.

Essa é minha resposta. Lágrimas começam a escorrer de seus olhos. Desvio meus olhos dela e encaro o Kazu.

… Eu suportei esse ataque. Ele está sem munição. Olho para o meu relógio. São 23h44min.

— Está na hora. Esmague o “Cinema” da Kiri. Você sabe o que irá acontecer com Aya Otonashi se você recusar, não sabe?

— É uma pena. — Kazu sussurra — É uma pena que as coisas tenham que acabar dessa forma.

Kazu também começa a chorar e cai de joelhos.

— Uh-gh…

Kiri percebe que é impossível me fazer mudar de ideia. Ela caminha para longe de mim, cambaleando em direção à tela. Kazu se levanta e segue-a. Meu olhar

automaticamente se direciona à tela.

— Farei qualquer coisa por você, então… — a Kiri na tela diz, com um olhar frio — Se eu estiver te impedindo de ser feliz, tornarei mais fácil para você me largar, ok?

— Daiya.

A verdadeira Kiri diz.

Ela está perto do centro da tela, bloqueando a imagem projetada.

— Você está planejando se destruir, certo?

— Acho que sim, esse será meu fim — respondo casualmente.

— Você acha que eu permitiria isso?

— Por que eu precisaria da sua…

— Eu não permitirei!

Com essas palavras…

Kiri enfia uma faca em seu estômago.

Sangue é espirrado na tela.

— Hã? — sussurro, como um drogado.

Estou envergonhado de dizer que estou completamente perdido; só posso assistir enquanto vejo seu sangue lentamente se espalhar pela tela. Kazu age sem hesitar. Ele corre em direção à Kiri. Naturalmente, assumo que está tentando salvá-la, mas ele me surpreende…

— É uma pena, Daiya, que você não me deixe outra escolha!

… Ele corre em direção à Kiri para bloquear meu caminho.

— Eu fiz o que você mandou. Isso também destruirá o “Cinema”, não é?

Ele fica parado em cima da poça de sangue que a Kiri está derramando, sem mover um dedo para ajudá-la.

— Mas que… mas que merda você está dizendo?

— Muito bem então, Daiya. — Kazu diz, ignorando meu comentário. Ele limpa violentamente as lágrimas de seu rosto e me encara — Se você tentar chegar perto da Kokone, esmagarei sua “Shadow of Sin and Punishment”.

Ele coloca sua maleta de plástico no chão.

— Há itens de primeiros socorros aqui. Kokone não vai morrer imediatamente, mas, se ela continuar sem tratamento por mais de dez minutos, será tarde demais para salvá-la. Se você usar os conteúdos dessa maleta para estancar o sangue da ferida, ela terá boas chances de sobreviver. Eu instruí a Kokone precisamente sobre onde se esfaquear. Se vier resgatá-la, ela sobreviverá, mas, se apenas ficar aí, ela morrerá. Não sobreviverá até meia-noite, então o “Cinema” será destruído e você terá sua rota de fuga. Assim que escapar do “Cinema”, você certamente poderá encontrar alguém para usar a “Flawed Bliss” da Maria. Mas a Kokone estará morta.

Kazuki Hoshino declara, em frente à tela manchada de sangue.

— Se quiser salvá-la, venha até aqui e deixe-me esmagar sua “caixa”.

Tenho certeza de que ele não está ciente disso.

Mas Kazuki Hoshino, o ser que destrói “caixas”, está sorrindo de uma maneira charmosa, como “O”.

— Para ser honesto, eu tenho minhas dúvidas — diz ele, como se não o afetasse. — Você diz ter escolhido um mundo melhor em vez da Kokone, mas isso é realmente verdade?

Ele continua, enquanto olha para a gaze ensanguentada em sua mão direita:

— Aqui está sua chance de provar!

Estou sem palavras. Eu entendo aonde ele quer chegar, mas não o entendo. Estou completamente confuso. Eu estava errado. Achei que o Kazu era anormal e esperava que sua anomalia tivesse piorado.

Mas eu o subestimei completamente.

É como a Aya disse; uma vez que tiver um objetivo, ele não desistirá. Até mesmo recorre a táticas que nenhuma pessoa em sã consciência usaria. Em busca de seu objetivo, Kazu pode até mesmo ignorar sua própria vontade e agir automaticamente, como uma máquina.

De certa forma, é isso que estive buscando. A forma ideal de existir como um ser que garante “desejos”. *Contudo, penso, enquanto avalio seu sorriso, mesmo que eu queira ser como Aya Otonashi, definitivamente não quero ficar igual ao Kazu*.

Todos pararam de falar. Tudo o que consigo ouvir é o filme, que agonizantemente continua a passar, e os gemidos de Kokone.

Haruaki é o primeiro a quebrar o silêncio:

— Hoshii… eu não sabia de nada disso! Você não me falou sobre isso!

— Desculpe por esconder isso e você. Se tivesse contado, você teria me impedido.

— Mas é claro! Isso… é loucura! Vou salvar a Kiri, quer o Daiyan se mova ou não!

— Darei o golpe de misericórdia se você tentar ajudá-la.

— O quê?!

— Estou falando sério.

Ele está. Se não estivesse, não teria recorrido a um método tão insano, em primeiro lugar. O “símbolo” de sua anomalia que marcou em sua mão direita prova que suas palavras são 100% verdadeiras. Haruaki também percebe isso e não diz mais nada. Entretanto, seus ombros tremem e seus olhos estão arregalados. Uma pergunta escapa dos meus lábios:

— Kazu, você está bem em deixá-la morrer?

— Essa é uma pergunta estranha —responde ele. — É claro que não estou bem.

Suas palavras lembram as de certa garota que gastou virtualmente uma vida inteira tentando substituir alguém.

— Me arrependeria pelo resto da vida. Talvez nem seja capaz de suportar o fardo!

Mas eles são diferentes em um ponto.

— Porém, fiz o que fiz tendo isso em mente.

Diferente de Aya, Kazu não fez uma escolha. Provavelmente, ele não pode nem sequer escolher agir de forma diferente. Talvez esteja confuso sobre o porquê de ter tomado tais medidas, mas não pode agir diferente. Essa é a forma que sua insanidade tomou.

— Kazuki Hoshino… você está insano! — Aya morde os lábios e faz uma pausa. — O que você está fazendo nem sequer pode ser qualificado como método. Alguém em sã consciência jamais pensaria em algo assim. Fazendo isso… perversamente tirando vantagem da fraqueza irracional da Kirino quando se trata do Oomine, você destruiu completamente o cotidiano que tanto queria proteger. Você percebe isso, não é mesmo? Essa é a prova de que se tornou insano.

Realmente.

— Você não é mesmo o Kazuki Hoshino que eu conheci. O que aconteceu? Foi possuído por um demônio?

Kazu respondeu clara, porém aflitamente:

— Eu sou seu cavaleiro.

— Meu o quê?

— Virei ao seu resgate mesmo que o próprio mundo se oponha a mim. Derrotarei e matarei quem quer que se meta no meu caminho.

— Eu nunca pedi por isso! E certamente não a um demônio como você!

— Não importa o que você diga — retruca Kazu, deixando Aya sem palavras.

Kazu olha para mim.

— A propósito, pelo que você está esperando?

É fácil para ele dizer isso!

— Não consegue decidir, não é? —diz ele, e me pega completamente de surpresa com suas próximas palavras — Bom, isso também não é um problema.

— Hein? — Não posso conter minha surpresa. — “Não é um problema”, você diz? Está falando sério? Tudo bem deixá-la morrer por causa da minha indecisão? Seu plano só dará certo se eu for salvá-la, não é mesmo?

— Daiya, tenho certeza de que você sabe por quem estou fazendo isso, não sabe? — responde ele com outra pergunta, ignorando minha indagação.

Sei muito bem: É tudo pelo bem da Aya.

— Maria no momento está em posse da “Shadow of Sin and Punishment” e tentará transformar o mundo em um lugar um pouco melhor, certo?

Kazu levanta a mão direita diante de seu rosto e a fecha, como se estivesse confirmando algo.

— Então eu a esmagarei. Ela não precisa de uma “caixa” tão tola.

Entendo, finalmente.

— Não me diga que…

Um canto de sua boca se ergue.

— Parece que você finalmente entendeu. Eu disse antes que tenho minhas dúvidas sobre sua determinação, mas estou convencido de que entendo a da Maria. Gastei uma vida inteira com ela. Não tem como eu estar errado.

Aya Otonashi dedicou sua vida à felicidade dos outros, e, portanto, não pode tolerar sacrifícios. E, nesse momento, tem alguém morrendo diante de seus olhos. Então…

— Aya salvará a Kiri, não importa o que eu faça.

Entendo, achei que ele estava me visando com essa armadilha.

Mas não estava.

Era uma armadilha para mim e para a Aya ao mesmo tempo.

Aya admite amargamente:

— É, eu vou salvar a Kirino, terei que me render ao poder do Hoshino.

— Aya…! Esta não é a “caixa” que você esteve buscando esse tempo todo?!

— É. Eu gastei mais tempo do que qualquer um procurando por esta “caixa”.

Talvez meu desejo sincero pudesse finalmente se realizar. Talvez eu nunca mais encontre essa oportunidade novamente. Eu sei… eu sei… mas… — Ela cerra os punhos. — Mas mesmo assim!

Certo.

Esse é o jeito de viver de Aya Otonashi.

Kazu está descaradamente abusando dela.

Aya salvará a Kiri, e o Kazu destruirá a “Shadow of Sin and Punishment”. Kiri sobreviverá, graças à ajuda da Aya. Piercing aos Quinze terminará, ativando o efeito final do “Cinema” e destruindo minha “caixa”.

Nossos “desejos” vão se dissipar. Eu tenho uma contramedida.

Aya Otonashi é minha [serva]. Eu poderia [ordenar] que ficasse parada.

Mas,

Mas,

— Daiya. — Kazu diz — Você não poderia possivelmente estar pensando em dar uma [ordem] para causar a morte da Kokone, poderia?

Exato. É como ele diz.

Mas eu não cheguei à conclusão de que ele precisa ser impedido, não importa como? Não decidi isso com absoluta convicção?

Então… vou dar uma [ordem] à Aya para que deixe a Kiri morrer? Vou matar a Kiri?

Mas quê…?

Mas quê…?

Mas que MERDA?!

— Ah-gh…

Kiri vomita sangue.

Ela inclina a cabeça em minha direção e sussurra:

— Por favor…

— Mesmo que eu tenha que morrer...

— Permita que Daiya encontre a verdadeira felicidade.

Lágrimas escorrem pelo seu rosto. Assim como em minhas memórias, em que ela dependia de mim…

— Kokone.

Tudo. Tudo que foi exibido nos filmes na “Wish-Crushing Cinema” roda em minha mente em uma fração de segundo.

Kokone Kirino. Haruaki Usui. Aya Otonashi. Miyuki Karino. Koudai Kamiuchi. Tragédias, tragédias que me atormentam. As imagens me amarram como uma enorme tira de filme e se gravam dolorosamente em minha mente. Rejeição, rejeição, rejeição, rejeição demais para eu aguentar. Não há a menor fração de gentileza. Minha visão fica em mosaico, colorida, sépia, em mosaico novamente. As emoções por trás dessas imagens me penetram, reescrevem-me, apagam-me, deixando apenas Kokone Kirino para trás. Eu queria esmagar o mundo em pedacinhos só porque eu queria você, eu só queria você, eu só queria você.

Ah, agora as “Sombras do Pecado” farão um banquete de mim. Elas me devorarão. Finalmente, elas se juntam, me capturam e começam a me consumir. Não há dor. Sangue negro escapa das feridas que abrem com suas garras afiadas, afogando o mundo. Devoram meu corpo inteiro, sem deixar nada para trás. Sou um enorme amontoado de sangue de lodo negro. O lodo é incapaz de pensar.

Então ele passivamente revive suas memórias.

Um mundo vermelho congelado se estende, preso pelo sol de fim de tarde. Uma única garota está parada no meio desse mundo vermelho desolado. Suas costas se encolhem lentamente enquanto ela caminha para dentro da gelada água vermelha. O som das ondulações. Vire-se. Vire-se. Vire-se. Vire-se. Só quero que ela se vire. Estendo meu braço.

Estendo-o e pego a mão dela.

Diga.

“Eu vou mudar o mundo, pelo seu bem.”

O tempo está se esgotando. Mas agora, 0 hora em minha contagem regressiva, é quando a Kokone morrerá, em vez de quando a “Cinema” destruirá minha “caixa”.

O tempo está se esgotando.

— …Ah.

Eu pretendia mudar o mundo, pretendia fazer as pessoas perceberem o verdadeiro significado de culpa, ao produzir “Cães Humanos” em massa. Planejava livrar o mundo de pessoas incapazes de pensar nas consequências de suas ações. Estaria tudo bem em me destruir, desde que alguém me sucedesse. Achei que Iroha Shindou poderia ser capaz disso. Estava convencido de que Aya Otonashi seria capaz disso. Eu precisava criar um mundo gentil e estável, onde tragédias nunca ocorreriam novamente, um mundo onde ninguém precisasse compartilhar nosso destino. Estava disposto a pagar qualquer preço, até minha própria alma.

Um mundo gentil.

Um mundo justo.

É, era um desejo puro e honesto; me esforcei mais do que qualquer um para torná-lo realidade.

Contudo.

Contudo.

Eu simplesmente não posso permanecer em frente a essa poça de sangue e não fazer nada.

… Eu sei.

… Eu sabia.

Certo,

na verdade,

tudo o que eu mais queria,

quando peguei sua mão,

naquele mundo vermelho,

era que você se virasse.

Onde estou?

Em um cinema carmesim. Certo, um cinema.

Isso significa que um filme está sendo exibido.

Repito os movimentos da imagem na tela.

— Eu.

— *Eu*.

Caio de joelhos.

O aluno do fundamental cai de joelhos.

— Eu não me importava comigo mesmo.

— *Eu não me importava comigo mesmo.*

Cubro minhas lágrimas com minhas mãos.

O aluno do fundamental cobre suas lágrimas com suas mãos.

— Eu só queria que você fosse feliz.

— *Eu só queria que você fosse feliz*.

— Kokone...

E então…

— Eu vou te salvar!

…Eu perdi.

Abro meus olhos.

Estavam abertos o tempo todo, mas abro meus olhos.

Aya está pegando os suprimentos médicos.

Sem desperdiçar um instante, Kazu enfia sua mão no peito dela e remove uma "caixa". É a cópia da minha "Shadow of Sin and Punishment" que dei a ela. Sua cópia tem a forma de um cubo perfeito. Kazu a esmaga.

Aya continua tratando o ferimento da Kokone sem vacilar.

Não posso fazer mais nada.

Não posso me mover. Não posso nem sequer enfrentar o estupor que o "Cinema" está impondo em mim. Portanto, apenas fico de joelhos enquanto assisto ao final de Piercing aos Quinze. A última cena acontece em um corredor de nossa escola do fundamental. Kokone olha para a minha orelha direita e diz, em tom de lamentação:

— *Você colocou um piercing*?

Meu eu na tela agora possui cabelos prateados. Ele responde:

— *É, porque eu odeio piercings*.

— *Seria isso* — diz ela, mantendo sua expressão triste — *um pedido de socorro*?

O alarme de alguém começa a tocar.

— É meia-noite. — Haruaki murmura.

No momento em que ele diz isso, o buraco negro — o abismo — pula em mim e penetra meu peito. O cinema ao nosso redor começa a ser sugado para dentro do buraco, encolhendo e se distorcendo em uma esfera.

Sinto algo ao ser engolido pelo vazio absoluto.

Perda.

E então percebo que acabei de perder a "Shadow of Sin and Punishment".

Finalmente, o cinema perdeu completamente sua forma e se transformou em uma esfera vermelha, enquanto o abismo fica maior e maior, me engolindo mais e

mais. Mas o que me espera lá dentro não é escuridão, mas luz.

Luz.

Dentro desse oceano de luz, alguém toca no meu ombro.

Kazuki Hoshino - 12/09 SAB 00h00min

Estamos em frente à entrada do cinema, no terceiro andar do shopping. Fomos transportados da “Wish-Crushing Cinema” para o local onde entramos nela.

Posso ouvir o som de uma sirene se aproximando; eu chamei uma ambulância de antemão. Ela deve chegar logo. O lugar onde instruí Kokone a se esfaquear não é nem de perto tão letal quanto sugeri ao Daiya; no pior dos casos, ela não teria morrido dentro de dez minutos. Além disso, Maria possui o conhecimento médico para administrar os primeiros socorros adequadamente. A menos que tenha muita má sorte, Kokone sobreviverá. Meu plano terá sido um sucesso compreensível se ela se recuperar completamente. Mas, mesmo que tudo ocorra perfeitamente…

…Eu sinto muito, Kokone, sinto muito mesmo.

Incapaz de olhar para ela, observo os arredores. Sem ninguém por perto, o shopping passa uma sensação estranha. Lembro-me de ter vindo aqui antes, apenas nós quarto. Embora tenha sido forçado a me travestir, definitivamente penso naquilo como uma boa memória. No entanto, minhas memórias desse lugar estão agora permanentemente manchadas de sangue.

Meu cotidiano está se quebrando em pequenos pedaços. Foco minha visão. Posso ver cinco outras pessoas. Haruaki, cerrando seu punho; Kokone, deitada no chão; Maria, tratando Kokone, e…

Daiya observa com olhos arregalados a pessoa que acabou de por a mão em seu ombro.

— Sim, Daiya — digo a ele — Você estava errado desde o começo; já tinha perdido.

Olho para a pessoa que nos ajudou e continuo.

— A “portadora” da “Wish-Crushing Cinema” era Miyuki Karino.

Miyuki Karino.

Vestindo um uniforme de uma escola só para garotas, ela está observando Daiya melancolicamente.

Tudo começou quando descobri que a Karino-san havia obtido uma “caixa”. Assim como um “portador” pode sentir as “caixas” dos outros, também desenvolvi esse sentido, devido à constante exposição. Sua “caixa” era completamente devotada ao Daiya. Ao perceber isso, decidi tirar vantagem dela e desisti de me tornar eu mesmo um “portador”.

— Se você tivesse refletido adequadamente sobre si mesmo, teria percebido a Karino-san.

Teria descoberto que ela é a verdadeira “portadora”. Mas você não o fez.

Daiya me observa em silêncio.

— Você estava evitando pensar nela.

Karino-san dá alguns passos para trás, em silêncio. Embora tenha preparado aquela “caixa” para o Daiya, não há nada que ela possa dizer a ele.

— O “desejo” dela era te ter apenas para ela. Mas as “caixas” também concedem os sentimentos negativos que estão escondidos por trás dos “desejos”: mesmo que seja sem dúvida alguém querido para ela, Karino também guarda um rancor de você por não dar nenhuma paz de espírito a ela. Acima de tudo, ela percebe que não pode te ter só para ela. É por isso que a “Wish-Crushing Cinema” atormentou o Daiya com imagens do passado e tentou roubar dele seu “desejo” mais querido… e durou apenas um dia.

— Não era eu, e não era a Kokone. Apenas a Karino-san poderia criar uma “caixa” de maneira tão distorcida. Você teria percebido isso se tivesse refletido sobre si mesmo… mas veja o que acabou acontecendo.

Daiya se convenceu de que a Kokone era a “portadora” e parou por aí. Porque fechar os olhos era a única forma de ele conseguir continuar perseguindo seu “desejo”.

— Como eu sabia quem era a verdadeira “portadora”, percebi que tudo o que você disse sobre sua resolução e crenças era falso; Elas só pareciam fazer sentido porque você não estava mais ciente de si mesmo. Sabe, afundando em sua própria ruína, você sempre pareceu…

Minha voz repentinamente começa a tremer.

Os sentimentos que acumulei durante esse tempo todo, enquanto enfrentava o Daiya, começam a transbordar. Olho para Kokone, toda coberta de sangue. O que foi que eu fiz?

Não posso mais retornar ao meu cotidiano após ferir tanto a Kokone e enganar o Haruaki. Essas cicatrizes jamais desaparecerão. Minha amizade com o Haruaki nunca voltará a ser o que era.

O que foi que eu me tornei?

Mas eu não tinha outra escolha, depois que obtive a “Empty Box”.

— Você sempre pareceu estar…

Não consigo conter minhas lágrimas.

— Estar gritando por socorro.

No fim, não tive outra escolha senão encurralar um amigo que estava gritando por socorro.

— Já chega. — Daiya sussurra, seu rosto virado para o chão. — Não me importo.

Com essas palavras, Daiya lentamente cambaleia em direção à Kokone.

— Kokone —diz ele, olhando-a enquanto ela respira irregularmente.

Ele toca um dos piercings em sua orelha direita, o primeiro que ele colocou. E o arranca. Sangue escorre de sua orelha, mas ele não parece sentir nenhuma dor. Com uma expressão gentil em seu rosto, ele toma a mão de Kokone.

— Kokone. — ele diz novamente — Eu te amo.

Sua expressão lembra o sorriso que vi apenas em uma tela de cinema.

After The Curtain Falls

Kazuki Hoshino - 24/09 SAB 12h25min

Outro dia está para se passar sem que eu converse com ninguém na escola.

No momento, estamos no intervalo de almoço. Eu me alongo e olho pela janela. O clima está agradável hoje. Na sala, o sol brilha gentilmente, mas dizem que haverá uma tempestade amanhã.

De repente, sinto uma dor penetrante em minha mão direita. Minha ferida já fechou, mas ainda sinto pontadas, de tempos em tempos. Minha mão direita conserva uma cicatriz reta e profunda. Sempre que olho para ela, eu penso:

… Fiz algo que jamais desaparecerá.

Olho ao redor na sala meio vazia e suspiro.

Kokone ainda está no hospital. Embora sua condição não seja crítica, a ferida que infringi a ela não está nem de perto superficial. Ela ficará com uma cicatriz no estômago, fazendo companhia às várias “marcas” que ela já tem em suas costas.

Mogi-san também ainda está hospitalizada. Por fora, ela não mudou, mas sua atitude em relação a mim se tornou mais distante. Yuuri-san têm faltado frequentemente, provavelmente porque ainda não digeriu completamente os eventos do “Cinema”. Na verdade, ela está ausente hoje. Quando conversamos, ela sempre tenta parecer animada, mas é dolorosamente óbvio que sente qualquer coisa menos animação. Iroha-san está me evitando completamente. Yuuri-san disse que não devo me preocupar com isso, mas ela pode estar mentindo para me aliviar.

Haruaki não conversou comigo desde aquele dia.

Eu deixo a sala.

De repente, perco toda a motivação de assistir às aulas da tarde. Perder tempo nessa sala de aula meio vazia apenas me daria dor de cabeça. Em meu caminho para os armários, ouço o termo “Cães Humanos” vindo de duas garotas, ao passarem por mim.

“Cães Humanos”.

No fim, eles não tiveram nenhum impacto duradouro. Uma vez que todas as vítimas recuperaram suas memórias, o mistério deixou de atrair o interesse das pessoas, e a mídia logo parou de falar sobre o assunto. Os programas de variedade que continuamente focaram no assunto também pularam para um novo escândalo: algum relacionamento extraconjugal envolvendo a líder de um grupo de

idols e seu produtor.

Levando em conta a escala do incidente, as pessoas não se esquecerão dos “Cães Humanos” tão cedo, mas isso já está começando a acontecer; não é mais a notícia da vez.

Dada a situação atual, é pouco provável que as pessoas tenham reconsiderado seriamente seus códigos morais por causa do incidente. Também não há muita discussão sobre o fenômeno na internet. Atualmente, os internautas estão discutindo sobre um roteirista de anime que insultou um fã. Notícias sobre o incidente se espalharam rapidamente e ele virou sensação.

Alguém até mesmo foi preso por fazer uma ameaça de morte. Não posso negar que estou um pouco incomodado com o fato de que o que o Daiya tentou alcançar esteja sendo igualado a um incidente trivial como esse.

Dito isso, não acho que os esforços do Daiya tenham sido completamente em vão: tenho certeza que ainda existem algumas pessoas que pensam nos problemas que ele trouxe à tona. Contudo, para manter a atenção das massas, ele precisaria ter continuado. Todas as notícias têm tempo de validade.

Chego ao armário de sapatos. Ninguém me repreende por sair mais cedo, enquanto coloco meus sapatos de couro.

Os alunos jogando beisebol e basquete nas quadras da escola chamam minha atenção. Esta escola também não sofreu nenhuma mudança, apesar da criação de tantos [servos]. Todos se esqueceram sobre a “caixa”, embora alguns possam ter sofrido sérios efeitos colaterais. Mas isso não é o bastante para ter um impacto real no dia-a-dia escolar.

Por quê? Eu me pergunto. Por algum motivo, eu me sinto um pouco desconfortável. Embora tenha impedido o Daiya, mesmo isso sendo o que eu sempre quis, de alguma forma me sinto triste por nada ter mudado, no fim das contas.

Quer dizer, refletindo sobre o resultado, o que somos capazes de alcançar? Se o Daiya não pôde mudar nada, mesmo estando disposto a aceitar sua própria destruição, quanto valor pode ser atribuído a nossa existência? Por que é que o cotidiano continua inalterado mesmo que uma aluna tenha sofrido um ferimento sério, um aluno saído da escola e outra aluna desaparecido sem deixar nenhum traço?

…Não, esse pensamento é centrado demais no Daiya. Na verdade, é por isso que acredito na santidade do cotidiano; acredito que, ao torná-la parte desse cotidiano capaz de se equilibrar, posso salvar a Maria.

O motivo pelo qual estou sendo tão sentimental agora é porque — embora ele provavelmente não concorde — o Daiya é meu amigo. Sinto que suas ações merecem ter pelo menos algum resultado, por menor que seja.

— Daiya…

O Daiya desapareceu de novo.

Depois daquele incidente, só encontrei com ele uma vez. Parou de tingir os cabelos, removeu seus piercings e veio para a escola para entregar um requerimento oficial de abandono. Juntei toda a minha coragem e tentei falar com ele, mas apenas deu um sorrisinho e me ignorou. Não faço ideia do que o Daiya pretende fazer agora.

Deixo a escola, subo no metrô e finalmente chego a um complexo residencial de cinco andares bastante familiar. Jamais apertei qualquer botão nesse elevador além de 1A e 4A, e isso não está para mudar. Aperto 4A, como sempre, e vou em direção ao quarto 403.

Pego a cópia que Maria me deu da chave e destranco a porta.

Diante de mim há um quarto vazio, sem nenhuma mobília.

Não há ninguém.

Removo alegremente meus sapatos e mais uma vez me sinto em casa neste apartamento vazio. Mas não há mais nenhum sinal da Maria.

Em lugar nenhum.

Posso suportar a falta de mobília; não havia muita coisa aqui, para começo de conversa. Contudo, a ausência do aroma de pimenta no ar é insuportável. O aroma que associei à Maria está ausente, me fazendo perceber que ela não voltará.

— Maria…

Ela desapareceu.

Assim que terminou de tratar as feridas da Kokone naquele dia, Maria desapareceu. Não tirei meus olhos dela, mas ela deve ter aguardado o momento certo e, de alguma forma, encontrado uma oportunidade de escapar. Vasculhei a área imediatamente, mas não consegui encontrá-la.

Ela ainda está matriculada na nossa escola, mas duvido que planeje voltar, especialmente se você considerar o fato de que se mudou.

Provavelmente, não planeja mais me encontrar.

É claro que vou recuperá-la mesmo assim. Vou conseguir.

—…aahAah!

Mal consigo respirar; sinto como se o oxigênio estivesse sendo sugado dos meus pulmões. Meu peito lateja de dor por eu querer vê-la, por querer tanto vê-la. Lágrimas começam a escorrer dos meus olhos. Não consigo nem sequer determinar se estou triste, irritado ou sentindo alguma outra emoção. Simplesmente dói tanto que não consigo conter minhas lágrimas. E então, eu penso:

— Não vou te deixar!

Não vou te deixar escapar.

Vou encontrá-la custe o que custar. Custe. O. Que. Custar. Se for preciso, vou matar cada pessoa deste planeta, estou pronto para cometer um genocídio ao menor estímulo.

Pego o óleo de pimenta que comprei mais cedo e começo a andar pelo apartamento, derramando-o pelo chão. Contudo, o aroma nostálgico que se espalha pelo ambiente não me traz nenhum conforto. Não é o bastante. Algumas gotas de óleo jamais serão o bastante para mim.

Me dê ar para respirar!

— Ha… ah… hah!

Ah, Maria.

A verdadeira Maria, sem "caixa". A Maria pura que ainda não encontrei.

… a zerésima Maria.

Onde você está?

Se isto te libertasse, eu alegremente arrancaria a pele de Aya Otonashi!

…*Click*.

Subitamente, a maçaneta da porta se move para baixo.

Estou bastante nervoso. Não é preciso dizer, mas não tenho direito nenhum de estar aqui, mesmo assim, estou despreocupadamente derramando óleo aromático por aí, como se aqui fosse minha própria casa. Se alguém da imobiliária estiver entrando, estou ferrado. Entretanto, quando vejo quem realmente é, percebo que minha preocupação era tola.

É muito pior.

É a pior coisa que poderia acontecer.

— "O".

Ela assumiu novamente a aparência que de certa forma lembra a Maria.

Já nos encontramos várias vezes antes. Nem todos os nossos encontros pioraram minha situação, mas dessa vez é diferente.

"O" está diante de mim como uma inimiga.

Ela veio para me enfrentar.

Com o sorriso repulsivo de sempre, ela pergunta:

— Está preparado?

…Para quê?

"O" responde:

— Para dizer adeus a este mundo!

Mesmo depois de perder a “Shadow of Sin and Punishment”, consigo recordar a maior parte do meu conhecimento referente às “caixas”. Não sei o motivo, mas assumo que tem algo a ver com o conhecimento que eu tinha sobre elas mesmo antes de obter uma.

Caminho pelas ruas de Shinjuku. Estão abarrotadas de gente. Mas, diferente da última vez, não sinto nenhuma tontura. Não vejo nenhum pecado quando piso na sombra de alguém. Embora saiba que as pessoas escondem imundices dentro de seus corpos, a multidão não parece mais ser um enorme saco de lixo se debatendo.

São apenas pessoas.

Ergo minha mão para tocar meu piercing, mas me lembro que não vou mais encontrar nada metálico lá. Em vez disso, dou um sorriso torto.

Em meio à multidão, subitamente me ajoelho. Alongo minhas costas e me prostro graciosamente.

Não importa de que ângulo você encare, o que estou fazendo é completamente estranho.

…Muito bem.

Ergo minha cabeça. Várias pessoas estão me dando olhares tortos, mas a maior parte delas apenas me ignora e tenta não se envolver. Esse é o limite de influência que posso exercer ao fazer algo estranho. Essa é toda a influência que posso exercer, agora que não controlo ninguém.

Não possuo mais o poder de alcançar algo.

— Há…

Mas está tudo bem.

As pessoas passam por mim, indiferentes.

É, isso mesmo. Para mim, o mundo se tornou um grupo de pessoas com as quais jamais terei algo a ver novamente.

E isso é incrivelmente relaxante.

No entanto.

Enquanto me levanto, alguém repentinamente toca minhas costas para chamar a minha atenção.

Eu me viro.

— Ah, é você? — digo, contorcendo meu rosto. Honestamente, eu preferia não ter que ver esse rosto de novo. — Ainda quer algo de mim?

Em resposta à minha atitude, ela arregala os olhos e começa a falar desesperadamente. Não entendo uma palavra do que diz em seu estado agitado, mas, após ouvi-la pacientemente por algum tempo, finalmente entendo o que quer de mim. Aparentemente, ela ainda quer que eu aja como um deus e salve o mundo.

— Você quer que eu te guie? Impossível; não tenho mais aquele poder… O quê? Você não se importa se eu tenho aquele poder ou não? Isso não faz sentido. De qualquer forma, vou deixar bem claro para você: Eu não quero, nem tenho a intenção de fazer algo como aquilo novamente.

Ela não está feliz com a minha resposta. Fica agitada novamente e tenta me persuadir. Que garota teimosa. Ela nem sequer lembra mais da “caixa” que usei nela.

— Responsabilidade? Sim, pretendo me render às autoridades assim que a Kokone melhorar. Afinal de contas, assassinar Koudai Kamiuchi foi um grande pecado… Hã? Não é sobre isso que você está falando? Então, o que quer dizer com responsabilidade?…A responsabilidade de te guiar? Mas eu te libertei, não foi? O que mais você poderia querer? …Hein? Você está errada. Sua vida não pertence a mim. Nunca pertenceu. Ela pertence a você e a mais ninguém.

Ela ainda se recusa a desistir.

— Poderia parar com isso, por favor? Não espere mais nada de mim. Sou só um aluno do ensino médio… não, não sou nem isso mais. Sou só uma falha que não poderia nem sequer comparecer às aulas… sou apenas um humano!

Ela tenta desesperadamente fazer com que eu mude de ideia.

Guie-me, ela diz. Salve-me, ela implora.

Como você quer que eu faça isso, criatura?

Parece fútil continuar conversando com ela por mais tempo. Eu me viro.

— Viva sua própria vida daqui para frente.

Não temos mais nada um com o outro. É o que digo a ela. Rejeito claramente as sobras do meu poder agora perdido. No instante seguinte, sinto uma dor penetrante em minhas costas.

— Hein?

Minha energia é sugada do meu corpo, e eu caio de joelhos.

Em uma questão de segundos, eles ficam manchados com o sangue que escorre das minhas costas. Vomito sangue e olho para o rosto da pessoa que me esfaqueou. Só agora percebo que, apesar de que estava falando com ela, eu não estava realmente prestando atenção. Tratei-a como se fosse apenas uma ilusão criada pela minha mente.

Só depois de ser ferido desta forma eu poderia reconhecê-la de verdade. Só depois de me ferir desta forma ela poderia me fazer reconhecer sua existência.

— Um humano? Do que você está falando? — diz ela com um olhar distante, me observando de cima. — Você é um deus.

A aluna do fundamental de cabelo chanel larga a enorme faca de cozinha e começa a espalhar meu sangue em seu rosto como se fosse maquiagem.

— Como eu poderia continuar vivendo se você não for um deus? Assuma a responsabilidade! Por favor, assuma a responsabilidade pelo que você começou!

As pessoas ao redor finalmente percebem o que está acontecendo e começam a gritar.

— Você não tem o direito.

Ela ri, com os olhos cheios de lágrimas.

— Você não tem o direito de voltar a ser humano.

Depois dessas palavras, ela corre para longe, esbarrando em todos que estejam em seu caminho. Logo, ela desaparece. Mas não demorará muito até que quebre sob o peso do que fez. Ela está contra a parede. Este mundo jamais será gentil e justo o bastante a ponto de protegê-la. Foi isso que minha tentativa falha de guiar as pessoas me fingindo de deus causou.

— …Ha.

Vomito mais um pouco de sangue.

—…Haha.

Então este é o resultado do que fiz, hein? É tão terrível que preciso rir.

Mas, agora que penso sobre isso, não deveria ser uma surpresa. Para começo de conversa, por que eu pensei que poderia escapar sem punição? Achei que as consequências dos meus atos desapareceriam em um passe de mágica?

Mesmo depois de perder meus poderes, ainda continuo encurralando e sendo encurralado por outras pessoas. Tudo que vai, volta. Eu esperava minha ruína desde o começo, portanto, de certa forma, minhas expectativas acabam de se concretizar.

Porém.

Embora eu perceba que a culpa é toda minha…

— Isso é… uma piada de mau gosto…

Eu lamento.

Não desejo mais minha ruína. Não quero mais um desfecho desses. Mesmo assim, acabei dessa forma, uma vez que coloquei as rodas do destino em movimento visando minha própria destruição.

Já faz tanto tempo que eu passei do ponto sem volta? Bom... cala a boca. O que eu deveria fazer, então? Quer dizer, eu…

— Eu quero… tanto… viver!

Cuspo essas palavras sinceras junto com mais um pouco de sangue.

Machuca. Dói. Dói. Machuca.

Eu quero viver.

Kokone.

Kokone, eu quero te ver.

Eu estava cego, e agora vejo o que é certo. Não me importo se não puder fazer nada. Não me importo se me tornar apenas um fardo. Ainda quero estar com você. Percebi que é isso que eu quero, que eu deveria fazer… e mesmo assim!

Meu desejo acabará sendo esmagado desse jeito?

Não me venha com essa!

Rangendo meus dentes, eu me ergo, cambaleante.

Não posso perder assim. Não posso morrer aqui. A estação de polícia mais próxima deve ser na próxima esquina. Preciso chegar até lá. Ninguém se preocupa em me ajudar enquanto cambaleio em meio à multidão, pingando sangue. Todos apenas tentam me evitar. Não fui capaz de mudar a indiferença do mundo.

É essa a recompensa que mereço?

Tento rir, mas não consigo. Atingi meu limite bem depressa. Não consigo mais mexer minhas pernas; minha consciência está aos poucos se dissipando. O mundo começa a girar ao meu redor.

Tudo acaba aqui.

Desmorono no chão, impotente.

E então, penso:

Se houvesse alguém que pudesse me salvar nessa situação, essa pessoa seria a própria encarnação da esperança.

— Oomine! Você está bem?! — eu grito, segurando-o em meus braços.

— …Aya? — ele sussurra, e fecha os olhos.

Sua jaqueta cinza está encharcada de sangue. Sua ferida é mais profunda do que a de Kirino, e não tenho nenhum suprimento de primeiros socorros em mãos.

Percebo imediatamente que ele não tem mais salvação.

Não me meti com ele por acaso. Eu não tinha mais para onde ir, então resolvi seguir o Oomine. Não havia nenhum significado maior por trás das minhas ações; uma vez, ele me deu a oportunidade de tornar minha "Flawed Bliss" infalível, portanto, eu estava esperando que ele pudesse me dar outra chance. Absurda e ingenuamente.

Então, quando ele sussurrou:

— No final, você realmente veio.

Achei que tivesse percebido que estive seguindo-o. Mas tenho certeza de que não é isso. Provavelmente ainda represento suas esperanças, mesmo agora, depois de ele ter perdido sua "caixa". Embora esteja realmente orgulhosa disso, o fato de eu não consigo alcançar suas expectativas me incomoda.

— Aguente firme, vou chamar uma ambulância. Tente se manter consciente até lá. — digo apressada, sabendo muito bem que já pode ser tarde demais.

Deixando sua dor de lado, Oomine diz lentamente:

— Use-a… em mim…

— O quê? O que você está tentando dizer?

Com suas últimas forças, ele joga a única maneira de salvá-lo na minha cara:

— Use a "Flawed Bliss" em mim!

Apagar minhas memórias de Kazuki Hoshino.

É isso que significa usar minha "Flawed Bliss" no Oomine.

Não, ainda não posso dizer que estou bem com isso. Mesmo depois de ver o que ele se tornou. O tempo praticamente eterno que passamos juntos o permite reinar sobre meu coração independente de eu querer ou não. Sim, reinar. Kazuki se enraizou nas partes humanas do meu coração. Ele está em todos os lugares e é impossível removê-lo.

Não serei mais a mesma pessoa se me esquecer do Kazuki. Eu me tornarei um ser similar, porém diferente, com o mesmo corpo e o mesmo objetivo. Abandonar a si mesmo é assustador.

Ah… por que eu não agi antes das coisas chegarem a esse ponto? Por que não eliminei o Kazuki assim que pude? Será que me deixei levar pela preguiça e me acomodei no conforto de viver com ele? Eu estava gostando do meu estilo de vida, negligenciando meu objetivo?

…Não.

Balanço minha cabeça mentalmente. Meus laços com o Kazuki são tudo menos fracos. Não é algo que eu poderia ter eliminado com uma simples mudança de atitude. Era inevitável que nossa ligação se tornasse tão forte, devido à existência da "Rejecting Classroom".

Eu admito.

Existem laços absolutos entre mim e o Kazuki; laços que estavam destinadas a evoluir. E eu irei cortá-los.

...!

…Não hesite. Você já fez isso várias vezes.

Mas, então…

Não posso deixar de me perguntar:

A palavra "eu" contém qualquer significado, sendo que continuo desaparecendo? "Eu" realmente existo, uma vez que irei eventualmente desaparecer?

O que sou "eu"?

Contudo, de repente, começo a me sentir uma tola.

— Huhu…

O que há para se pensar sobre isso? Já encontrei a resposta inúmeras vezes.

"Eu" sou uma "caixa".

Sou uma "caixa", e meu único objetivo é garantir os "desejos" dos outros.

E, nesse instante, diante dos meus olhos, há uma pessoa em busca da minha "Flawed Bliss".

Eu sorrio para Oomine.

— Certo, eu a usarei!

Não há hesitação.

Uma "caixa" não deve hesitar.

— Por favor. — Oomine estende seu braço manchado de sangue para tocar minha bochecha. Seu toque é tão fraco que posso perceber que ele está em seu limite absoluto. — Eu não quero morrer.

Subitamente, eu me lembro de uma pessoa que fez um "desejo" similar e

acabou trancada em um mundo de repetições sem fim, porque não conseguiu acreditar honestamente em sua sobrevivência.

Oomine é um realista. Ele não será capaz de negligenciar seu destino.

Em outras palavras, mesmo que ele use a "Flawed Bliss"…

Corto minha linha de pensamento.

Se alguém estiver pedindo por salvação, eu irei garanti-la.

Pego sua mão manchada de sangue e a coloco em meu peito.

E então... eu desapareço.

Eu desapareço.

Eu desapareço.

Eu afundo até o fundo do mar. Está completamente escuro e sou incapaz de enxergar qualquer coisa, até mesmo minhas próprias mãos. Perdi minha forma. Parei de sentir meu corpo frio, congelado. Não sei onde estou. Talvez eu seja o próprio fundo do mar.

Posso ouvir risadas ao longe, várias vozes felizes. Mas elas não são reais, e eu não me aproximo delas. Como as pessoas não podem ver umas às outras aqui, não há necessidade de se exibir. A dura concha que me envolvia foi esmagada pela pressão d'água, e meu ponto fraco foi exposto — algo que ninguém deve ver. Meu eu fraco. Meu antigo eu. Porém, isso não importa, já que não há ninguém aqui.

O mundo está tão distante.

Todos estão tão distantes.

— Ah.

Uma luz que não deveria estar aqui é acesa e interrompe minha solidão; uma luz que carece de gentileza — um holofote ofuscante que destaca pecadores. Seu brilho me faz espremer os olhos.

Ela aparece.

Chamo o nome daquela garota.

— "O".

Contudo...

Não é ela. Não, ela é "O", mas não é. Esse sorriso charmoso pertence à…

— Aya, Onee-chan.

Tudo está claro agora.

Como minha "caixa" funciona. Que minha "Flawed Bliss" continuará sendo defeituosa. Que meus esforços são em vão. Que tudo o que fiz não é diferente de

vagar sem rumo por esse mar de escuridão. Que continuo apagando minhas memórias para evitar perceber isso.

Tudo está claro.

Mas então…?

Mas então, por que estou fazendo tudo isso?

— Maria, — ela chama meu nome, — você se lembra do meu "desejo", não lembra?

— É claro!

Essa é a única forma de compensar pelo que fiz.

A única coisa que posso fazer pela minha querida irmã.

Aya-oneechan diz sua frase favorita:

— Quero ajudar as pessoas a serem felizes.

— Uhum — assinto.

— Você continuará realizando esse meu "desejo"?

— Uhum.

Aya-oneechan dá um sorriso charmoso.

Estou tão feliz que tento sorrir também, mas, como meu rosto está congelado, não sei dizer se consegui.

— É por isso que você terá que continuar vagando, Maria. Continuará buscando a perfeição, embora o que é falho esteja destinado a ser eternamente falho. Continuará se esquecendo de si mesma, enquanto busca por algo que não existe.

— Talvez…

— Mas esse foi o seu desejo.

— O que você quer dizer? O que quer dizer com isso?

— Seu "desejo", Maria, é buscar seu ideal — ela diz, ainda com seu adorável sorriso estampado em no rosto. — Mas, se sua "Flawed Bliss" se tornasse perfeita, você não perceberia que não existe uma Aya Otonashi dentro de você?

— Ah, entendo.

O que eu estive fazendo é…

— De qualquer forma.

Tem uma coisa da qual estou certa.

Não vou parar. Não importa o quão sem sentido seja. Mesmo que isso não seja diferente de mergulhar eternamente no mar...

Certo, eu…

— Eu não preciso de ninguém para me impedir.

Acordo. Estou no meio de Shinjuku, ajoelhada no chão. Pela minha posição, parece que estou segurando alguém, mas não há ninguém em meus braços.

Percebo que estou encharcada de sangue. Não faço ideia do motivo, mas, estranhamente, não sinto surpresa nem medo. Embora não me lembre de mais nada, sei muito bem o que aconteceu comigo.

Eu usei a "Flawed Bliss".

Há um espaço vazio em minha mente; um buraco tão grande que não há como preenchê-lo. Um buraco tão gigante que meu corpo começa a tremer só por eu estar pensando sobre ele.

Entendo. Eu desapareci.

Deixei de ser eu mesma mais uma vez.

Quase perco o equilíbrio ao ficar de pé, estou surpresa com o quão leve meu corpo parece. Olho para o meu reflexo na vitrine de uma loja. Meu rosto está horrível, é como se todas as tristezas do mundo tivessem caído sobre mim. Além disso, meu corpo esbelto parece desequilibrado. Bom, acho que é isso que acontece quando não me cuido direito.

Dou um passo para frente, só para perceber que não sei para onde ir.

Sem qualquer memória da minha família e dos meus amigos, não tenho onde me refugiar. Como parei de repente, um empresário de aparência ocupada tromba comigo. Ele me encara, estala a língua e continua andando.

— Onde eu estou?

— Quem eu sou?

É como se eu estivesse vagando pelo fundo do mar.

— .

De repente, tenho a sensação de que alguém me chamou.

O nome que essa pessoa usou costumava ser extremamente amigável e acolhedor. Por alguma razão, sinto como se essa voz pudesse resolver meu problema de identidade em questão de instantes.

Eu me viro.

Contudo, só vejo pessoas que são completamente indiferentes em relação a

mim. Ninguém aqui poderia ter chamado meu nome dessa forma.

— .

De novo.

É uma voz que mexe com o meu coração. Mas então, eu percebo: embora sinta que essa pessoa está me chamando, não sei o que ela está dizendo.

— O quê…?

Toco meu rosto.

— Por que estou chorando?

Não sei o que está acontecendo.

Mas deve ter sido algo bastante querido para o meu antigo eu.

Embora não importe mais, deve ser algo que não podia ter sido perdido.

Mas…

Não me importa.

Enxugo minhas lágrimas. Meus olhos estão secos agora.

Não me esqueci do meu objetivo. O que há de mais importante para mim é realizar os "desejos" dos outros. Isso é tudo. O que quer que meu antigo eu valorizava tanto precisa ser eliminado.

Não, isso já foi feito.

Muito bem, devo encontrar minha irmã novamente.

— Hein?

O que foi esse pensamento que acabou de passar pela minha mente?

Eu tento me lembrar, mas não consigo. Não consigo lembrar o que estava pensando um segundo atrás, entretanto, também sinto que não é importante.

Continuarei vagando. Isso é tudo.

E, mais uma vez, esqueço qual a verdadeira identidade de "O".

Notas do Autor

Olá, eu sou Eiji Mikage e você acaba de ler Utsuro no Hako to Zero no Maria 6. Eu imaginei o fim dessa história há muito tempo, portanto, escrevê-lo de verdade é extremamente comovente.

Pode ser um pouco aleatório, mas meu bordão é: “um profissional não deve ser humano”. É uma declaração que Ou-san, uma pessoa que respeito profundamente, fez na TV quando ainda era técnico dos Hawks[2]. Estas podem não ser as palavras exatas, mas acredito que ele disse algo do tipo:

— Todo humano comete erros. Porém, jogadores que pensam que tem o direito de cometer erros porque são apenas humanos irão, inevitavelmente, cometer os mesmos erros novamente. Portanto, profissionais não devem ser humanos.

Fiquei bastante impressionado. Pensei que essa forte noção do papel de um profissional foi o que permitiu a ele alcançar tamanho sucesso.

Esse princípio não se limita a jogadores de beisebol profissionais. Acredito que, para realizar verdadeiramente seus objetivos, é necessário almejar algo além dos limites da humanidade. Ainda estou longe desse reino, mas quero dar duro para chegar lá algum dia.

Bom, às notas de agradecimento:

Quero agradecer ao meu editor, Miki-san. Apesar de sua agenda lotada, sua assistência foi impecável.

Obrigado, Tetsuo-san, pelas maravilhosas ilustrações que você cria em todos os volumes. Minha expectativa por cada novo lote de desenhos me encorajou enquanto escrevia a história.

Muito bem, há mais um volume restando. Olhando para trás, lembro que esse projeto foi tão difícil de escrever que quase desisti enquanto trabalhava no primeiro volume. Finalmente cheguei até aqui, e definitivamente terminarei o que comecei; então eu realmente apreciaria se você me acompanhasse até o fim da minha jornada.

Além disso, anunciarei um novo trabalho na primavera. Acredito que os leitores dessa série também gostarão da próxima, dê uma chance se tiver vontade.

Estou trabalhando com paixão em ambas as séries, então, por favor, não me pressionem tanto para terminar esse último volume, ok?!

Muito bem, espero que nos encontremos novamente!

— Eiji Mikage

Notas

[←1]

Toda vez que “eu” aparecer sublinhado, significa que ele não está mais usando seu estilo confiante de se referir a si mesmo “Ore”, mas se referindo a si de uma forma menos autocentrada, “Boku”.

[←2]

Hawks: Time de beisebol japonês localizado na prefeitura de Fukuoka.